O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1875
JULIO MESQUITA (1862—1927)

Segunda-feira 1 de NOVEMBRO de 2021 • R$ 5,00 • Ano 142 • Nº 46766
estadão.com.br

Tempo em SP
16° Mín. 23° Máx.

ISSN - 1516-293-1

9 771516 293019

Conferência do clima __A12 e B4

Pressão de China, Rússia e Índia trava meta do G-20 de zerar emissões até 2050

__Países retiraram prazo de documento, considerado 'insuficiente'

No mesmo dia em que a Conferência do Clima (COP-26) começava na Escócia, as 20 maiores economias do mundo, que inclui o Brasil, tiraram da declaração final de encontro em Roma a previsão de neutralizar suas emissões de gases de efeito estufa até 2050. A resistência de países como China e Rússia, que empurraram suas metas para 2060, deixou o acordo sem prazo. Em outra frente, parte do empresariado brasileiro dá início hoje a extensa agenda na COP, na tentativa de equilibrar imagem negativa do País.

Tumulto __A8

Jornalistas são agredidos em passeio de Bolsonaro em Roma

GREGORIO BORGIA/AP

Líderes do G-20 jogam moedinhas na Fontana de Trevi, em Roma; encontro escancara dificuldades de negociação que serão levadas à COP

Acidente __A13

Gruta desaba e deixa nove bombeiros mortos em SP

JOEL SILVA/FOTOARENA

Corpo é retirado do local; 28 homens faziam treinamento

Nove bombeiros civis em treinamento morreram e sete ficaram feridos após gruta Duas Bocas desabar sobre eles em Altinópolis (SP).

TIAGO QUEIROZ / ESTADÃO

Cinema __C1 e C5

'Não queria fazer um panfleto'

Wagner Moura fala sobre *Marighella*, seu primeiro longa como diretor, que chega às telas após anos de polêmicas.

Artes __C2

Vik Muniz prepara mostras em São Paulo e Nova York

Ciência __C4

Gatos fornecem chaves para estudar saúde humana

Compras do governo __A7

Fiança para garantir licitações é vendida em mercado paralelo

Pelo menos oito empresas que oferecem garantias para contratos no setor público, com fianças de até R$ 10 milhões – e que não são reconhecidas pelo BC –, foram identificadas pelo **Estadão**, relatam Julia Affonso e André Shalders. CPI da Covid expôs operação do FIB Bank em tratativa para compra de vacina.

'Novo cangaço' __A14

Ação da polícia deixa 26 suspeitos de roubos a banco mortos em MG

Homens teriam ligação com assalto em Araçatuba (SP) e planejavam ação em Varginha, segundo a polícia.

Notas e Informações __A3

O medo é o pior dos conselheiros

Lula e Bolsonaro suscitam temores. Nova via deve ser construída sobre a esperança.

As lições ignoradas da pandemia

E&N __B1 e B2

Home office e câmbio favorecem ida de executivos para múltis

Desvalorização do real torna executivos brasileiros mais baratos para empresas de fora e demanda cresce.

Carlos Pereira __A8

O mercado eleitoral e a escolha da terceira via

Claudio Adilson Gonçalez __B2

Negacionismo econômico pode causar danos ao País

Robson Morelli __A17

Times precisam de mais participação de atletas

Ásia __A10

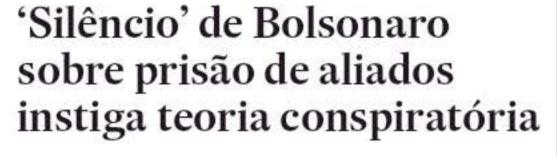
Premiê japonês é reeleito e promete mais gastos

Futebol __A15

Estrangeiros viram apostas das categorias de base

ALBERTO BOMBIG
TWITTER: @COLUNADOESTADAO
COLUNADOESTADAO@ESTADAO.COM
POLITICA.ESTADAO.COM.BR/BLOGS/COLUNA-DO-ESTADAO/

Coluna do Estadão

‘Silêncio’ de Bolsonaro sobre prisão de aliados instiga teoria conspiratória

Conforme avança, a duras penas, o mandato de Jair Bolsonaro, ele vai deixando aliados e ex-aliados abandonados à beira da estrada. De Santos Cruz a Zé Trovão, por causa de desavenças, de supostas necessidades políticas ou por mera conveniência, o presidente parece cultivar o hábito de virar as costas aos correligionários e seguir em frente. Assim, Bolsonaro fortalece a fama de ser “pouco confiável”. Porém, ainda dispõe de crédito com seus liderados. Amigo e colega de ofício do caminhoneiro Zé Trovão, Marinaldo Machado afirma que “o presidente poderia, sim, tentar fazer algo” em favor do líder preso. “Mas qualquer coisa que ele faça será vista como arbitrariedade”, ele afirma.

● **VIA...** Apesar de a maioria dos “abandonados” manter apoio ao governo, a suposta falta de ação de Bolsonaro alimenta teorias de que o grupo do presidente estaria disposto a diminuir a concorrência eleitoral.

● **...LIMPA.** O que mais incomoda os aliados é ver o sempre eloquente Bolsonaro calado sobre as prisões decretadas pelo STF. “Zé Trovão se tornou uma figura política e pode até concorrer em 2022. O que pensamos é que quem já está lá enxerga ela como um possível concorrente. Só isso explica o silêncio”, afirma Machado.

● **AINDA.** “O silêncio é assustador”, disse Graciela Nienov, que assumiu o PTB no lugar de Roberto Jefferson, também preso. “Mesmo que Bolsonaro não recolha seus feridos, continuaremos no apoio ao presidente porque ele representa nossas crenças”, afirma ela.

● **FICA...** Circula nos grupos das prévias do PSDB um vídeo protagonizado por Tasso Jereissati (CE) que, segundo tucanos, pode ser capaz de mexer com o coração de Geraldo Alckmin, hoje disposto a deixar o partido que ajudou a fundar em 1988, para ser novamente candidato ao governo de São Paulo.

● **...VAI.** Durante discurso recente a filiados do partido, ao lado do governador Eduardo Leite (RS), o senador diz que Alckmin está “praticamente sendo expulso do PSDB de São Paulo”. Depois, Tasso fala em resgatar a “lealdade” no partido.

● **2022.** A defesa de Tasso pode até não ser suficiente para manter Alckmin no PSDB, mas, segundo quem entende, sinaliza longe: se Leite vencer as prévias e atrair o apoio do União Brasil, o ex-governador poderia migrar para o novo partido, numa aliança eleitoral.

SINAIS PARTICULARES

por Kleber Sales

Rodrigo Garcia (PSDB),
vice-governador de São Paulo

● **GUERRA.** Rodrigo Garcia tem contado uma historinha quando questionado sobre as incertezas na terceira via: “Os soldados todos os dias queriam saber do motorista do general se ele tinha ouvido algo sobre quando seria o fim da guerra”.

● **GUERRA 2.** As respostas do motorista eram sempre negativas. Até que, finalmente, ele disse que o oficial havia lhe dirigido a palavra sobre o tema: “O general falou ‘você que conhece os soldados, tem ouvido algo sobre o fim da guerra?”

COM MATHEUS LARA.

PRONTO, FALEI!

Marcelo Freixo
Deputado federal (PSB-RJ)

“Jair Bolsonaro estimula todos os dias a violência contra jornalistas. O presidente é responsável pelas agressão sofridas por repórteres em Roma (na cúpula do G-20).”

CLICK

COLUNA DO ESTADÃO

João Doria (PSDB)
Governador de São Paulo

Na COP-26 para sua primeira participação, tucano foi abordado na entrada do evento por brasileiros que o cumprimentaram pelo esforço pela vacina.

O ESTADO DE S. PAULO

Publicado desde 1875

NOTAS E INFORMAÇÕES

O medo é o pior dos conselheiros

A reeleição de Bolsonaro ou o retorno de Lula ao poder suscitam temores justificados. Mas uma nova via precisa ser construída sobre a esperança

Após quatro mandatos de um governo populista à esquerda e um mandato de sua contraparte populista à direita, os altos índices de rejeição aos dois candidatos que lideram as pesquisas para a eleição de 2022 revelam que boa parte da sociedade a vê como uma oportunidade de renovação da política.

A reeleição de Jair Bolsonaro significaria a manutenção de uma crassa incompetência administrativa e da maior ameaça à democracia brasileira desde 1964. O retorno do lulopetismo significaria reeditar uma agenda que negligenciou as condições para o desenvolvimento sustentável, alimentou o corporativismo e o clientelismo, disseminou ainda mais a corrupção endêmica, precipitou o País na maior recessão de sua história e, por último, mas não menos importante, inflamou o sectarismo que alçou Bolsonaro ao poder.

Ante a erosão econômica, social e moral provocada pelo lulopetismo e agravada pela incúria e o autoritarismo de Bolsonaro, o empresariado tem se mobilizado cada vez mais em nome do interesse público, seja em defesa dos alicerces democráticos, como nos manifestos contra as agressões do presidente às instituições republicanas, seja em apoio a políticas públicas inovadoras de inclusão social, meio ambiente ou educação.

"Vejo um crescente envolvimento da sociedade na política. Vejo mais gente querendo se candidatar a cargos públicos", disse ao **Estado** o empresário Fabio Barbosa, que foi signatário de um manifesto em apoio ao sistema eleitoral e participa de grupos de executivos empenhados em promover a racionalidade no debate político. "Eu quero que as pessoas votem por acreditar, e não por ter medo."

Foi o medo de um quinto mandato lulopetista que alavancou o apoio de parte do empresariado a Bolsonaro em 2018. Aqueles que se deixaram enganar pelas promessas fajutas de liberalismo de Paulo Guedes já perceberam que ele só entregou demagogia. Barbosa lembrou os malogros do governo, incapaz de dar o devido arranque ao novo marco do saneamento básico ou encampar privatizações e reformas, como a tributária e a administrativa. Hoje, a política econômica é refém dos interesses patrimonialistas do Centrão e do projeto de poder de Bolsonaro.

A esquerda, por sua vez, "se apropriou indevidamente do monopólio do discurso do bem social", como lembrou Barbosa. Essa apropriação, retoricamente alimentada pela vilanização da iniciativa privada, serviu na prática ao aparelhamento de um Estado cujos pedaços foram distribuídos a políticos corruptos e empresários gananciosos. O PT se jacta de ter se servido do superciclo das commodities para ampliar os programas sociais gestados na administração FHC. Mas esses programas não foram estruturados para alavancar a independência de seus beneficiários. Além disso, os investimentos em infraestrutura e capital humano foram negligenciados e a irresponsabilidade fiscal arruinou as contas públicas, levando à deterioração da renda e ao desemprego recorde. Em outras palavras, se o lulopetismo deu um pouco às populações carentes com uma mão, tirou muito mais com a outra.

Ante o fracasso dos modelos populistas, é compreensível o temor que aflige a parte mais sensata do eleitorado. Mas, carentes de propostas, os dois adversários se valem justamente do medo um do outro para retroalimentar suas ambições eleitorais. Assim como a campanha bolsonarista foi e é fundada sobre o antipetismo, a campanha petista se resume ao antibolsonarismo.

A esperança pode vencer o medo. Mas, para isso, os candidatos que se apresentarem como seus portadores precisarão propor uma agenda modernizante. Não, porém, costurada nos recessos das cúpulas partidárias, e sim com as lideranças da sociedade civil. As articulações políticas que resgataram a democracia do País nas "Diretas Já" e superaram as grandes crises da Nova República com os impeachments de Fernando Collor e Dilma Rousseff foram erguidas sobre uma mobilização cívica. Só com essa mobilização será possível evitar que o lulopetismo e o bolsonarismo perpetuem a crise que eles fabricaram e colocar o País nos trilhos do desenvolvimento. ●

As lições ignoradas da pandemia

Há escassa evidência de que os países estejam aprendendo as lições certas a partir da pandemia, a despeito da morte de um número tão grande de pessoas

A pandemia de covid-19 já matou cerca de 5 milhões de pessoas no mundo inteiro (mais de 607 mil apenas no Brasil). De longe, esse é o maior dos males infligidos pelo coronavírus. Mas, como se isso não bastasse, a crise sanitária também arruinou sistemas de saúde, destruiu economias mais frágeis e privou milhões de crianças e jovens pobres de acesso à educação, comprometendo o futuro de uma geração em grau ainda por ser devidamente mensurado.

Em suma, a pandemia criou formas de desigualdade econômica e social e aprofundou outras já existentes, não só em cada um dos países afetados, o Brasil entre eles, mas em nível global. Quão profundas serão as desigualdades entre cidadãos e países no futuro próximo – vale dizer, por quanto tempo perdurarão os efeitos perversos da crise sanitária antes de uma recuperação mais equânime e consistente – dependerá fundamentalmente das lições aprendidas por governos e organizações da sociedade civil a partir dessa tragédia. Há fortes razões para preocupação.

O recém-publicado relatório anual do Conselho de Monitoramento de Preparação Global (GPMB, na sigla em inglês), criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Banco Mundial para monitorar e cobrar ações de preparação dos países para responder a crises globais na área da saúde, indica que o mundo está "lamentavelmente despreparado" não apenas para dar cabo da atual pandemia, mas, principalmente, para lidar melhor com os efeitos da próxima, cuja eclosão é mera questão de tempo.

Os membros do conselho concluíram que há "escassa evidência" de que os países estejam aprendendo as "lições certas" a partir da crise sanitária global, a despeito da morte de um número tão grande de pessoas. Ao jornal *Financial Times*, um dos líderes do GPMB, o senegalês Elhadj As Sy, destacou que os avanços científicos no desenvolvimento das vacinas são motivos de orgulho, mas que todos "devemos nos sentir profundamente envergonhados diante das múltiplas tragédias ocasionadas pela pandemia, como a acumulação de vacinas".

No relatório, o GPMB classifica como "exemplo mais flagrante de disfunção" no enfrentamento global da pandemia a competição desenfreada entre países por acesso às vacinas, o que, na visão do conselho, criou um abismo entre a imunização em países ricos e pobres que, ao fim e ao cabo, favoreceu o surgimento de novas variantes do coronavírus, o agravamento da pandemia e o aumento do número de mortos. De forma direta, com base em ciência e em linguagem elegante, o que o GPMB está dizendo é que lideranças globais simplesmente ignoraram a essência do que vem a ser uma pandemia.

A profunda desigualdade de acesso às vacinas entre países ricos e pobres já seria reprovável do ponto de vista moral. No entanto, a diferença entre porcentuais de cidadãos vacinados é um risco sanitário que ameaça a segurança e a economia globais. Por óbvio, uma pandemia que se alastrou pelos cinco continentes só estará controlada quando todos os países tiverem seus nacionais vacinados em escala que garanta a chamada imunidade coletiva. O GPMB registra que, em média, 63% dos cidadãos de países de alta renda já receberam ao menos uma dose da vacina contra a covid-19. Nos países de baixa renda, o porcentual despenca para 4,5%.

Como o relatório aponta, a próxima pandemia viral é questão de tempo. Superado o esforço inicial descomunal para preparar os sistemas locais de saúde para a demanda inédita, salvar tantas vidas quanto foi possível e desenvolver vacinas contra o coronavírus, é primordial investigar as causas da atual pandemia e planejar as respostas a uma nova emergência sanitária. A própria OMS, que, com razão, cobra mais governança e transparência dos países, não lidou como deveria com a opacidade do governo da China. Até hoje, não se sabe exatamente a origem do Sars-Cov-2. Como ter segurança de que tragédias com desdobramentos até mais nefastos não possam se abater sobre o mundo em questão de meses ou anos?

Se esses passos não forem dados, os milhões de mortes na pandemia de covid-19 terão deixado um rastro de dor, luto e indignação em vão. O mundo precisa de esperança para seguir adiante. ●

ESPAÇO ABERTO

Reflexões sobre o relatório da CPI e MP

Roberto Livianu

Seis meses depois do início dos trabalhos, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da pandemia produziu seu relatório, que foi aprovado pela maioria de seus senadores integrantes e foi encaminhado para a Procuradoria-Geral da República (PGR) para as providências cabíveis. São dezenas de autoridades federais, incluso o próprio presidente da República, apontadas como autoras de diversos crimes.

Aliás, há alguns meses o Instituto Lowy, baseado em Sidney, na Austrália, examinando cientificamente o tema da qualidade da resposta de 98 nações do planeta à crise, concluiu que nenhuma delas agiu de forma tão ruim como o Brasil. Ficamos na última posição – o campeão mundial é a Nova Zelândia, que, aliás, também é campeão no índice de percepção da corrupção da Transparência Internacional.

A conclusão científica do Instituto Lowy é de que as mais de 600 mil mortes e os infindáveis pontos de interrogação que se espalharam por aqui justificaram a investigação legislativa, que, obviamente, como todas as CPIs, teve natural componente político. CPIs não são e jamais serão apurações científicas vivenciadas com imparcialidade, o que não significa que por isso se deslegitimem.

Houve muitas críticas às figuras do presidente e do relator, especialmente dirigidas a este último, que já presidiu o Senado, já foi ministro da Justiça e responde a processos criminais por corrupção no STF. Necessário lembrar que, se Omar Aziz e Renan Calheiros integraram a CPI e foram eleitos para estes postos protagonistas, tais atos políticos são produto das escolhas dos respectivos partidos políticos e de nosso sistema.

Além disso, por mais que se possa levantar o dedo em relação a eles, atuaram na CPI vários outros parlamentares, como o exemplar Alessandro Vieira, o vice-presidente Randolfe Rodrigues, Eliziane Gama, Simone Tebet, Humberto Costa e outros. O que importa são os fatos gravíssimos que vieram à tona, que Reale Jr. chamou de filme de terror, e não as características comportamentais de alguns dos parlamentares que participaram da CPI.

A sociedade observa com angústia a entrega do relatório, vez que o fiscalizado escolheu o fiscal de acordo com seus interesses

O que é extremamente preocupante para a sociedade, nestes tempos em que a Lei de Improbidade acaba de ser transformada na não-lei 14.230/21, sancionada sem vetos há uma semana pelo presidente da República, e em que por 11 votos se conseguiu felizmente resistir à PEC da vingança contra o Ministério Público (MP) é: de que servirá este contundente relatório?

Afinal de contas, ministros apontados como responsáveis e o presidente da República integram governo que escolheu e reconduziu ao cargo o procurador-geral da República (PGR), que simultaneamente é advogado, para fiscalizá-lo, sem qualquer preocupação em levar em conta a lista tríplice sugerida pelo Ministério Público, o que significaria respeito à autonomia institucional.

É sempre essencial lembrar que a decisão presidencial foi formalmente correta. Somente no nível dos Estados existe a imposição de formação de lista tríplice a partir de voto plurinominal obrigatório de promotores e procuradores de Justiça. No campo federal, a escolha é totalmente discricionária.

Por que governadores devem escolher dentre três nomes referendados por seus pares, e em nível federal se dispensa isso? Não soa plausível. No mínimo, a mesma lista tríplice estadual deveria existir no campo federal para oferecer mais segurança jurídica à sociedade e conferir respeito à independência funcional do MP.

Mas penso que poderíamos aproveitar esta oportunidade para aprimorar o sistema, substituindo o voto plurinominal pelo uninominal com posterior sabatina pública do mais votado pelo Legislativo, conferindo transparência ao processo, essencial nos dez anos do Pacto dos Governos Abertos.

Seria mais saudável, do ponto de vista democrático, substituir o poder de chancela do governador pelo poder de chancela do Poder Legislativo todo, propondo-se o necessário quórum de 2/3 para rejeitar a indicação feita pelos pares, a qual precisaria ser fundamentada. Isso traria a vantagem adicional de desconcentrar o poder.

A sociedade observa com certa angústia a entrega do relatório da CPI, vez que o fiscalizado escolheu o próprio fiscal de acordo com seus interesses, e isso conflita com a imprescindível prevalência do interesse público. A questão ora posta não diz respeito às pessoas concretas envolvidas, mas ao sistema como um todo.

Por outro lado, o nome do PGR, de cuja caneta podem provir denúncias criminais contra um senador, ministro do STF ou até contra o presidente da República, tem sido mencionado como possível indicado para o STF, e neste campo se mostra imprescindível vacinar o exercício das funções de procurador-geral da República de todo tipo de interesse ou especulação contraproducente, que tenha potencial de prejudicar a sociedade.

Quem chega ao cargo maior no Ministério Público no Brasil deveria cumprir, a meu ver, quarentena de quatro anos visando a garantir a atuação plena daquele grave exercício funcional com total e inexpugnável lealdade à sociedade, para, no futuro, poder ser indicado para cargos outros como o de ministro do TCU, do STJ ou do STF. Com a palavra, o Congresso Nacional. ●

PROCURADOR DE JUSTIÇA EM SÃO PAULO, IDEALIZOU E PRESIDE O INSTITUTO NÃO ACEITO CORRUPÇÃO

FÓRUM DOS LEITORES

Bolsopetismo

Cara e coroa

Matéria publicada neste jornal no fim de semana explicita o alinhamento entre parlamentares petistas e bolsonaristas em votações que favoreceram a casta política. O antipetismo radical pregado em 2018 por Bolsonaro e sua base mostra-se, hoje, inexistente na prática. Fato é que, atualmente, ambos os lados não existem isoladamente, são dependentes entre si, fenômeno denominado "bolsopetismo". As bolhas bolsonarista e petista existem em função de ofender e demonizar uma à outra, fomentando a já enorme polarização política que o País atravessa. A retroalimentação bolsopetista aumenta a desordem política e dificulta a saída do País da estagflação, à medida que parlamentares de ambos os lados votam projetos que destroem uma nação já desacreditada internacionalmente. É um tumor institucional causado pelo patrimonialismo, outra anomalia que, infelizmente, nos acompanha há muito tempo. Enquanto houver polarização desmedida promovida abertamente por bolsonaristas e petistas, o País perde e eles ganham. Àqueles que ainda não notaram: são duas faces da mesma moeda.

Caio Augusto Gusman Garcia
caioaugustogg@gmail.com
Jaú

Eleição 2022

O apoio a Lula

Sobre a manchete da *Coluna do Estadão* de ontem (A2), a "zona de conforto" de Lula está chegando ao fim porque o PT quer ser o único a mandar e também porque o povo começa a se lembrar da época da roubalheira geral.

Antonio Ribeiro
agcrribeiro@gmail.com
Recife

Sergio Moro no Podemos

Tenho muito boa impressão do senador Álvaro Dias, mas fiquei estupefata com as informações sobre o Podemos (*Abrigo de Moro, Podemos tem alvos da PF, Lava Jato e Justiça Eleitoral* (31/10, A9). Sergio Moro pode muito mais do que isso. Como diz o próprio senador, abra o olho.

Rita de Cássia Guglielmi Rua
ritarua@uol.com.br
São Paulo

Rodovia Dutra

Próximos 30 anos

A Avenida 23 de Maio, em São Paulo, tem cinco faixas de rolamento em cada sentido. A Via Dutra, que tem milhares de veículos a mais circulando por hora, nos dois sentidos, depois do bairro dos Pimentas, em Guarulhos, tem somente duas faixas, nos dois sentidos, até o Rio de Janeiro. Então, leio no **Estado** (30/10, B12) que a CCR renova concessão da Dutra por mais 30 anos. Então, faz 30 anos que a CCR tem a concessão, e nunca se preocupou em sextuplicar o número de faixas? Culpa dos órgãos federais que não atentaram para este detalhe, ou fizeram vista grossa. No meio da reportagem, está lá: "Uma das obras *mais importantes da concessão* é a duplicação de 16 km na Serra das Araras". E aí, como ficarão os restantes de mais de 300 km? Também se lê na matéria: "Vamos transformar a Dutra na (*rodovia*) mais moderna do País". Estrada moderna, em São Paulo, tem de ter no mínimo seis faixas de rolamento em cada sentido. Se a Dutra é a principal do País, deveria tê-las também. Com a palavra, a CCR e o Dner.

Gilberto de Oliveira
gilbertopai@uol.com.br
São Paulo

O insucesso do leilão

A imagem do ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas, na Bolsa era para ser a imagem de um novo tempo pós-pandemia, mas é mais um retrato de quão medíocre somos como sociedade. Se o Brasil estivesse, mesmo, "bombando", como Bolsonaro alardeou nos grupos restritos do encontro do G-20, então onde estavam os chineses, coreanos, japoneses, xeques árabes, europeus e americanos se digladiando para vencer o leilão de concessão da Dutra? Será que tiveram receio da covid-19? Ou será que as regras no Brasil não são cumpridas e um contrato de 30 anos é tão incerto que não assanhou o apetite econômico dos investidores globais? Como no jogo de sinuca, o leilão da Dutra foi "caçapacantada": o atual concessionário e seu principal concorrente no País disputaram o "óbvio ululante", como disse Nelson Rodrigues em 1950. Quem mais tinha informação ofereceu o preço que melhor lhe garantia sua situação e maximiza seus resultados ao longo do tempo, ante a assimetria de informações que tinha seu concorrente. Assim, pelos próximos 30 anos, a situação será a mesma de hoje, a não ser que o contrato de concessão exija celeridade nos investimentos da rodovia que leva os paulistas às praias cariocas e os cariocas aos shoppings paulistas.

Fernando A. Godoy de Souza
fergodoy@terra.com.br
Osasco

ESPAÇO ABERTO

Teto de gastos, uma reflexão

Carlos Alberto Di Franco

Após o governo anunciar uma aparente contornada no teto de gastos para bancar o Auxílio Brasil de R$ 400 até o fim de 2022, o mercado passou a projetar forte aumento na taxa de juros para segurar a inflação, o que poderia travar o crescimento econômico.

Após perder quatro integrantes de sua equipe, o ministro Paulo Guedes negou que iria deixar o governo. Ao lado do presidente Jair Bolsonaro, afirmou que não queria furar o teto de gastos, mas não poderia deixar as pessoas passarem fome.

A repercussão foi intensa. E é compreensível. O populismo é um filme bem conhecido no Brasil. E não deixa saudade. Mas será que o anúncio do governo não mereceria uma análise menos visceral e mais racional?

Foi o que fez o ex-presidente Michel Temer em recente artigo no jornal *Folha de S.Paulo*. Com a autoridade de quem promoveu a emenda constitucional que estabeleceu o teto de gastos públicos, Temer analisou, com serenidade e realismo, o contexto econômico e social que o País vivencia.

"Quero registrar que o teto fornece credibilidade fiscal interna e internacional. Daí porque não se pode pensar em alterá-lo ou, se quiserem, 'furá-lo' ao fundamento de que é preciso atender aos vulneráveis."

Mais adiante, com a experiência de quem sabe o que é administrar com a dura limitação do cobertor permanentemente curto, afirmou: "A emenda prevê a hipótese de calamidade pública. E aqui vem a pergunta: vive-se ou não a hipótese dessa calamidade em face da angustiante pobreza existente no País, agravada pela pandemia e ainda subsistente?". Afinal, temos mais de 20 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza. O que fazer? Virar as costas e fazer de conta que o drama não existe?

Temer, criador e defensor do teto de gastos, lembra que um dos princípios fundamentais da nossa Constituição é a "erradicação da pobreza". E conclui com uma dose de realismo: "Sei que estou levando essa interpretação às últimas consequências, mas ela tem duas vertentes sistêmicas: de um lado, reconhece que é 'calamitosa' a realidade do pauperismo brasileiro; de outro, aplica regra constitucional que não elimina o teto de gastos públicos. Portanto, atende aos vulneráveis e, ao mesmo tempo, mantém íntegro o dispositivo constitucional assegurador do teto. Somente assim demonstraremos ao mercado interno e internacional a nossa seriedade fiscal e a nossa preocupação com a pobreza", concluiu o ex-presidente.

> *O tema não pode ser tratado em clima de Fla x Flu. É preciso aprofundar e, sobretudo, contextualizar*

O tema não pode ser tratado em clima de Fla x Flu. É preciso aprofundar e, sobretudo, contextualizar. Olhar para o Brasil real, um país pobre, fustigado pela pandemia e suas imensas consequências sanitárias, econômicas e sociais. Muita gente perdeu o emprego. Muitos negócios, sobretudo médios e pequenos, foram descontinuados.

O quadro, assustador, uma bomba-relógio de graves consequências sociais e humanitárias, não se resolve com posições fechadas ou recorrendo à síndrome de transferência de responsabilidades. Todos são responsáveis: Executivo, Legislativo e Judiciário. A voracidade da máquina estatal não está apenas no Executivo. Ela cresce também, forte e destemperada, no Legislativo e no Judiciário.

E nós, jornalistas e formadores de opinião, temos uma parcela importante de responsabilidade. Chegou para todos, sem exceção, a hora da análise serena e propositiva. É preciso criar um grande debate a respeito do tamanho do Estado.

Defendo, com entusiasmo, o conceito de jornalismo propositivo: aquele que não fica na denúncia, mas avança no terreno das soluções, aposta na análise aprofundada, no debate plural e no diálogo civilizado.

Reproduzo aqui um e-mail do dr. Raul Cutait, professor da Faculdade de Medicina da USP e cirurgião do Hospital Sírio-Libanês. Aproveitando um artigo meu, ele fez uma analogia interessante entre o jornalismo e a Medicina: "Ao ler seu artigo no **Estado**, ocorreu-me imediatamente a analogia do jornalismo propositivo com a atividade médica. O jornalismo em busca das verdades e dúvidas, da informação, do que aflige e do que conforta, do que anima e traz esperança, equivale à busca de um bom diagnóstico. Assim como este deve ser seguido de propostas ou medidas terapêuticas, creio que o jornalismo propositivo, como bem colocado em seu artigo, sempre que possível deve fazer parte do 'pacote'. Aliás, acredito que, atualmente, mais do que nunca, a imprensa escrita é valorizada por articulistas que não só escrevem sobre os acontecimentos, mas propõem caminhos ou soluções para os temas abordados". Falou tudo. Não se trata, por óbvio, de editorializar, mas de destrinchar os problemas e mostrar as consequências das eventuais decisões.

Em tempos de ansiedade digital, a reinvenção do jornalismo reclama revisitar alguns valores essenciais: amor pela verdade, paixão pela liberdade e uma imensa capacidade de olhar o mundo com alma de repórter. Hoje, mais do que nunca, numa sociedade polarizada e intolerante, tais valores precisam ser resgatados e promovidos.

Precisamos olhar para as nossas coberturas e nos questionarmos se há valor diferencial no que estamos entregando aos nossos consumidores. Impõe-se um jornalismo menos anti e mais propositivo. ●

JORNALISTA
E-MAIL: DIFRANCO@ISE.ORG.BR

TEMA DO DIA

RICARDO MORAES/REUTERS

Líderes mundiais

Clube dos negacionistas paga preço por rejeitar ciência na pandemia

Trump perdeu as eleições dos Estados Unidos, presidente da Tanzânia morreu de covid-19, Boris Johnson mudou estratégia após adoecer e Jair Bolsonaro é acusado de charlatanismo e crimes contra a humanidade. ●

Comentários de leitores no portal e nas redes sociais

● "A pandemia levou muitas pessoas no Brasil e no mundo, erros aconteceram em todo lugar, mas as omissões precisam de punição."
VERA SEEFELDT

● "Aqui então conhecemos na pele o que é o negacionismo e todo horror que isso engloba."
RACHEL PRADO

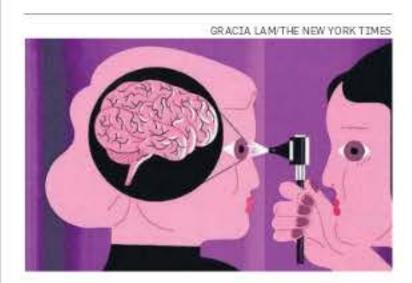
● "Este período histórico será lembrado como a 'Era Negacionista' e da Terra plana."
CASTOR DAUDT

● "Estes devem ser julgados e condenados por todos os países."
JB CAMPOS

NAS REDES SOCIAIS
Veja outros destaques e participe das discussões no Link da Bio do Instagram do Estadão.
www.estadao.com.br/e/instagram

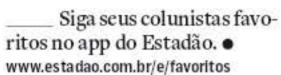
Siga o @Estadao nas redes sociais

PRODUTOS DIGITAIS

GRACIA LAM/THE NEW YORK TIMES

The New York Times

Como a perda de visão pode afetar o cérebro. ●
www.estadao.com.br/e/visao

Aplicativo

Siga seus colunistas favoritos no app do Estadão. ●
www.estadao.com.br/e/favoritos

Multimídia

Veja infográficos e conteúdos especiais no portal. ●
www.estadao.com.br/e/especiais

Av. Eng. Caetano Álvares, 55 – CEP: 02598-900 – São Paulo - SP ● (11) 3856-2122 ● **Fax:** (11) 3856-2940 ● **E-Mail:** forum@estadao.com ● **Central do assinante:** Capital e regiões metropolitanas: 4003-5323 ● Demais Localidades: 0800-014-77-20 ● https://meu.estadao.com.br/fale-conosco ● **Central ao leitor:** (11) 3856-2122 ● falecom.estado@estadao.com classificados por telefone: (11) 3855-2001 **Preços venda avulsa: SP:** R$ 5,00 (segunda a sábado) e R$ 7,00 (domingo). **RJ, MG, PR, SC E DF:** R$ 5,50 (segunda a sábado) e R$ 8,00 (domingo). **ES, RS, GO, MT E MS:** R$ 7,50 (segunda a sábado) e R$ 9,50 (domingo). **BA, SE, PE, TO E AL:** R$ 8,50 (segunda a sábado) e R$ 10,50 (domingo). **AM, RR, CE, MA, PI, RN, PA, PB, AC E RO:** R$ 9,00 (segunda a sábado) e R$ 11,00 (domingo). **Vendas de assinaturas:** Capital: (11) 3950-9000 ● Demais localidades: 0800-014-9000 ● **Vendas corporativas:** (11) 3856-2917 ● **Agências de publicidade:** (11) 3856-2531 ● cia@estadao.com

Sem transparência

Empresas de fiança criam mercado paralelo para garantir licitações

'Estadão' identifica oito companhias que oferecem garantias para contratos do setor público, mas não são reconhecidas pelo BC; CPI da Covid expôs operações sem controle

JULIA AFFONSO
ANDRÉ SHALDERS
BRASÍLIA

A falta de controle no setor público criou um mercado paralelo de empresas que vendem fianças para licitações. Muitas delas usam o termo "bank" no nome, mas não têm autorização do Banco Central (BC) ou da Superintendência de Seguros Privados (Susep) para atuar, o que contraria a legislação. Documentos públicos mostram inconsistências das companhias, que informam capital milionário. Durante três meses, o **Estadão** identificou oito empresas que usam o termo inglês "bank" e, embora tenham negociado fianças para contratos do governo, não são reconhecidas pelo BC.

O mercado paralelo de fianças emergiu quando a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid investigou a compra da vacina indiana Covaxin, intermediada pela Precisa Medicamentos. Os senadores descobriram que, em março, o Ministério da Saúde aceitou uma garantia de R$ 80,7 milhões da empresa FIB Bank, que, apesar do nome, não é um banco nem é reconhecida pelo BC ou pela Susep. Os sócios, no papel, são um representante comercial e um homem já morto.

As empresas analisadas pela reportagem apresentaram garantias financeiras que valem até 2024 para contratos do setor público, com fianças que chegam a R$ 10 milhões. São esses dados que asseguram o ressarcimento aos cofres públicos, caso uma empresa não cumpra com suas obrigações.

Documentos entregues à Junta Comercial de São Paulo (Jucesp), no entanto, mostram incongruências nesses "banks". Sem contar o FIB, que se tornou alvo da CPI, a lista inclui Maxximus Bank, Garantia Bank, BMB Bank, Capital Merchant Bank, Analysisbank, Alpha Bank, Profit Bank e Infinite Bank.

Em março, por exemplo, o Maxximus afiançou um contrato da prefeitura de Piúma (ES) com a Pré-Sal Petróleo, empresa vinculada ao Ministério de Minas e Energia. Pelos papéis, até 28 de janeiro de 2024 está em vigor uma garantia de R$ 131 mil. Desde setembro de 2019, o "bank" é controlado por Ari de Oliveira Viana, que informou à Junta Comercial patrimônio de R$ 716 milhões.

O empresário disse que aproximadamente 90% desse valor está amparado em títulos emitidos em 1936 – quando a moeda do País era réis –, atualizados monetariamente até setembro. Morador da periferia de Guarulhos, Viana também é diretor financeiro e comercial do Analysisbank, com salário "de até R$ 2 mil", segundo o *Diário Oficial* do Estado de São Paulo.

Após sete mudanças de endereço desde o início de suas operações, o Maxximus hoje tem sede no centro de Bauru (SP), tirou o "bank" do nome e agora se chama "afiançadora". Em 2017, quando emitiu uma fiança de R$ 10 milhões a uma obra da Universidade Federal Rural de Pernambuco, seu patrimônio era de R$ 66 milhões, composto por "títulos federais" emitidos na década de 1970 e corrigidos.

PATRIMÔNIO. A atualização monetária de títulos também foi usada pela Garantia Bank para justificar seu patrimônio. A companhia, que hoje se chama Garantia Afiançadora, informou à Junta Comercial ter R$ 46 milhões em títulos da Eletrobras e da Vale do Rio Doce, emitidos na década de 1960.

A advogada da empresa, Valéria Coppola, afirmou que a intenção dos fundadores ao nomear a Garantia como "bank" era relacioná-la a balcão de negócios, e não a banco. "A empresa nunca se autodenominou banco, pois não se trata de instituição financeira, que precisaria de autorização do BC para operar. Nunca se intitulou como tal perante clientes, e sim como afiançadora", disse ela ao **Estadão**. "Quanto à validade, se (*os títulos*) estão prescritos ou não, cabe ao Judiciário avaliar esse lastro e só teremos essa certeza após decisão judicial transitada em julgado, o que não é o caso."

SEM BENS. Outro "bank" que tentou prestar garantias em contratos públicos foi o Capital Merchant. Aberto em maio de 1984, era sediado em área nobre da capital paulista – um prédio na Rua Baronesa de Itu, em Higienópolis. O patrimônio da época somava 12 milhões de cruzeiros, o equivalente a R$ 110 mil em valores atualizados. Em dezembro de 2010, na terceira alteração contratual, o capital declarado aumentou mais de 1.300 vezes e passou a ser de R$ 45,6 milhões. Mas o proprietário de um imóvel que teve o contrato avalizado pela empresa, alguns anos depois, não conseguiu encontrar nenhum bem em nome do Capital ao tentar cobrar uma garantia.

Com patrimônio composto por "títulos" da Vale do Rio Doce, o BMB Merchant Bank também foi levado à Justiça. Em 2016, os sócios foram denunciados pelo Ministério Público Federal, que pediu 20 anos de prisão para os três acusados. Um deles disse, em depoimento, que a empresa emitiu mais de 500 fianças para contratos de repartições como Ministério da Justiça e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). À Receita Federal, o BMB informou ter capital social de R$ 10,9 milhões. A inscrição da empresa continua ativa no Fisco.

Os sócios foram absolvidos em maio de 2019 pela juíza substituta Pollyanna Kelly Medeiros Martins Alves, da Justiça Federal de Brasília, porque as acusações não constituíam infração penal, ou seja, embora os fatos tenham ocorrido, não se enquadravam em crime tipificado na lei. A juíza é a mesma que, recentemente, rejeitou denúncia contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva no caso do sítio de Atibaia.

Autor da denúncia contra os sócios do BMB, o procurador da República Hebert Mesquita disse que quem recorre ao mercado paralelo para contratar pessoas jurídicas sem idoneidade promove concorrência desleal. "O preço da proposta na licitação vai ser mais baixo. Ela (*a fornecedora*) não vai embutir no custo o valor da fiança bancária que está sendo exigida no edital", afirmou Mesquita.

'FRAUDE'. O advogado Mateus da Cruz, sócio do escritório Dias Lima e Cruz Advogados, destacou que a lei de licitações admite como garantias em contratos públicos a caução em dinheiro ou em títulos públicos do Tesouro, além de um seguro ou uma fiança de instituição bancária. "Não é qualquer empresa que pode prestar esse tipo de garantia. Se uma empresa inidônea está emitindo garantia para contratos públicos, há uma fraude."

Além do BMB, a reportagem também procurou, por e-mail e por telefone, os responsáveis pelas empresas Capital Merchant Bank, FIB Bank, Maxximus Afiançadora, Analysisbank, Alpha Bank, Profit Bank e Infinite Bank. Nenhum deles respondeu aos contatos.●

Operações fora da regra podem gerar prejuízo de R$ 500 mi, diz CGU

A Controladoria-Geral da União (CGU) e a Polícia Federal abriram, na última quinta-feira, a Operação Imprecisão, que apura indícios de crimes praticados durante a negociação para a compra da Covaxin. A operação investiga a apresentação de documentos falsos e a emissão de garantias inidôneas pela farmacêutica Precisa Medicamentos, que atuava como intermediária na negociação com o laboratório indiano Bharat Biotech.

Informações da CGU indicam que a emissão de fianças fora das regras pode gerar prejuízo de mais R$ 500 milhões aos órgãos públicos e às empresas que aceitaram os documentos.

Desde 2012, cinco casos foram analisados pelo Tribunal de Contas da União (TCU), que barrou todas as garantias. Quase dez anos depois da primeira decisão, o mercado paralelo continua forte, com empresas atuando em contratos que vão de prefeituras a órgãos federais.

Os "banks" sobrevivem ao cobrar taxas menores do que bancos consolidados e aceitar negociar com empresas que tenham restrição, como processos judiciais. ● J.A. e A.S.

Medida de segurança

Fiança assegura ressarcimento aos cofres públicos, caso empresa não preste um serviço

Para lembrar

FIB Bank deu garantia em um contrato investigado

● Fiadora
A FIB Bank foi usada pela Precisa como fiadora em contrato do Ministério da Saúde para compra da Covaxin.

● Negócio cancelado
A empresa ofereceu uma garantia de R$ 80,7 milhões no contrato da farmacêutica com o Ministério da Saúde para a aquisição de 20 milhões de doses da vacina indiana, pelo valor de R$ 1,6 bilhão. Após o negócio entrar na mira da CPI da Covid, o contrato foi cancelado.

● Depoimento
Em 25 de agosto, ao ser ouvido na CPI da Covid no Senado, o diretor da FIB Bank, Roberto Pereira Ramos Júnior, afirmou que, apesar do nome, a empresa não é um banco, mas, sim, uma sociedade anônima que presta garantias fidejussórias (garantias pessoais).

● Quebra de sigilo
Uma das suspeitas é de que a empresa seja uma companhia de fachada. A CPI aprovou a quebra de sigilos fiscal, bancário, telefônico e telemático da FIB Bank. Pela legislação brasileira, a companhia não poderia usar o nome "banco" sem ser uma instituição financeira.

● Renda incompatível
À CPI, Ramos Jr. disse que a companhia tem capital social de R$ 7,5 bilhões. A comissão, no entanto, identificou remuneração de R$ 4 mil relacionada ao diretor, considerada incompatível com o imóvel no qual ele declarou morar, estimado em R$ 500 mil.

Carlos Pereira carlos.pereira@fgv.br

A vitrine da 'terceira via'

De acordo com a última pesquisa do Genial/Quaest, 55% dos eleitores ainda não escolheram, de forma espontânea, seu candidato à Presidência; Lula é o escolhido por 22%, enquanto Bolsonaro, por 17%. Todavia, o ex-presidente e o atual são rejeitados, respectivamente, por 43% e 65%. E, quando perguntados quem preferem que vençam as eleições, 30% respondem: "nem Lula, nem Bolsonaro".

Portanto, há uma fatia expressiva no mercado eleitoral a ser disputada por uma candidatura alternativa aos dois polos rivais e que se retroalimentam.

O problema para muitos é que, sendo os partidos "não polares" incapazes de se coordenar na escolha de uma só candidatura alternativa, receia-se que uma pletora de candidatos de centro termine por reduzir a disputa à polarização entre Lula e Bolsonaro, que só a eles interessaria.

Mas esse cenário dificilmente acontecerá. Diferentemente de 2018, é pouco provável que as eleições de 2022 tenham muitas candidaturas alternativas a presidente.

Partidos têm trajetórias distintas em presidencialismos multipartidários. Podem seguir a trajetória majoritária, lançando candidatos à Presidência, ou podem seguir uma trajetória legislativa. Enquanto a trajetória majoritária oferece os maiores retornos ao vencedor,

> *Mercado eleitoral anti-Bolsonaro e anti-Lula vai fazer a 'seleção natural' dos presidenciáveis*

gera os piores ao perdedor. Já a trajetória legislativa proporciona retornos intermediários entre os do vencedor e perdedor. Partidos podem mudar de trajetória, mas tal mudança acarreta custos não triviais.

A eleição de 2022 será bem distinta da de 2018, que exibiu um cenário de terra arrasada proveniente dos sucessivos escândalos de corrupção e da forte recessão econômica das gestões petistas. Além do mais, não apresentava um candidato consolidado na dianteira, tampouco um incumbente concorrendo à reeleição. Esses elementos de 2018 estimularam partidos menores e de perfil legislativo a mudarem de trajetória e concorrerem à Presidência.

Com chances menores nas eleições de 2022, apenas os partidos que têm um "DNA majoritário" teriam reais condições de oferecer candidatos à Presidência, pois eles já estariam preparados a "empobrecer" em caso de derrota.

O número elevado de potenciais candidatos alternativos no momento atual apenas reflete uma tentativa de os partidos cacifarem seus pretendentes na vitrine do mercado eleitoral anti-Lula e anti-Bolsonaro. Aquele que conseguir atrair maior competitividade arrefecerá o ímpeto dos demais. Quem estrategicamente vai definir o candidato da "terceira via" será o próprio eleitor. ●

CIENTISTA POLÍTICO E PROFESSOR TITULAR DA ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS (FGV EBAPE)

SEG. Carlos Pereira (quinzenalmente) ● TER. Eliane Cantanhêde ● QUI. William Waack ● SEX. Eliane Cantanhêde ● SÁB. João Gabriel de Lima ● DOM. Eliane Cantanhêde e J.R. Guzzo

ALAN SANTOS/PR

Bolsonaro, em meio a apoiadores na Piazza del Colosseo; presidente não foi a passeio de autoridades que participavam do G-20 em Roma

Viagem

Jornalistas são agredidos por seguranças em passeio de Bolsonaro por Roma

Veículos e entidades de imprensa condenam ataques e cobram apuração de agressões durante caminhada com simpatizantes

Jornalistas brasileiros que acompanhavam o presidente Jair Bolsonaro em Roma, onde ele participou da Cúpula de Líderes do G-20, relataram ontem agressões por parte da equipe de segurança do chefe do Executivo. As hostilidades aconteceram, conforme os relatos, antes e durante uma caminhada improvisada de Bolsonaro com apoiadores que se reuniram frente à embaixada do Brasil.

No local, o presidente acenou, da sacada, para os simpatizantes que carregavam cartazes de apoio ao governo. Depois, desceu para falar com o grupo. Durante a espera pelo presidente, uma jornalista da *Folha de S.Paulo* foi empurrada por seguranças e uma produtora da GloboNews foi hostilizada pelos manifestantes.

Ao indicar que faria uma caminhada pelo bairro, Bolsonaro foi seguido por equipes de reportagem. Neste momento, jornalistas passaram a ser empurrados pelos seguranças e houve agressões. Um profissional da TV Globo disse ter recebido um soco no estômago. Os veículos que presenciaram o momento foram impedidos de gravar. O celular de um jornalista do Uol foi jogado na via. Repórteres do jornal *O Globo* e da BBC Brasil relataram agressões verbais.

De acordo com o Uol, nenhum dos policiais disse se fazia parte da embaixada brasileira ou italiana ou se era de empresa privada. Segundo relatos de presentes, havia tanto italianos quanto brasileiros no grupo responsável pela proteção do presidente. Com a confusão, a caminhada durou pouco menos de dez minutos e Bolsonaro voltou à embaixada. Os jornalistas estavam com credenciais e identificações no momento das agressões.

REPERCUSSÃO. Em nota, a TV Globo condenou a agressão" e cobrou "apuração completa de responsabilidades". A *Folha de S.Paulo* e o Uol também repudiaram o episódio. "Mais um inaceitável ataque da Presidência à imprensa profissional", registrou o jornal.

A Associação Nacional de Jornais (ANJ) divulgou comunicado no qual "repudia com indignação as agressões". "A violência é consequência da postura do próprio presidente, que estimula a intolerância diante da atividade jornalística. É inadmissível que o presidente e seus agentes de segurança se voltem contra o trabalho dos jornalistas." A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) afirmou que, "ao não condenar atos violentos de seus seguranças e apoiadores, o presidente incentiva mais ataques do gênero, em uma escalada perigosa e que pode se revelar fatal". O Palácio do Planalto não se manifestou.

AGENDA. Bolsonaro cumpriu ontem na Itália uma agenda "à margem" da cúpula do G-20, segundo informou o Planalto no Twitter. O presidente não participou do passeio de autoridades – que incluiu uma visita à Fontana de Trevi – e se reuniu com o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus.

> **Homenagem**
> **Hoje, Bolsonaro deve visitar Anguillara Veneta para receber um título de cidadão local.**

Crítico de medidas recomendadas pela OMS para conter a pandemia de covid-19, Bolsonaro divulgou nas redes sociais um vídeo da reunião. No Twitter, Ghebreyesus afirmou que foi discutido o potencial do Brasil para a produção local de vacinas.

Em seu primeiro compromisso do dia, Bolsonaro concedeu entrevista a uma TV italiana, na qual criticou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e disse que o petista foi financiado pelo "narcotráfico da Venezuela". Afirmou, ainda, que a Amazônia "não pega fogo". ● GINA MARQUES, ESPECIAL PARA O ESTADÃO, E MARLLA SABINO. COLABOROU LEANDRO TAVARES

RESISTÊNCIA DE CHINA, ÍNDIA E RÚSSIA TRAVA PRAZO PARA META CLIMÁTICA. PÁG. A12

ESTADÃOVERIFICA

Governadores são alvo de campanhas de desinformação

DANIEL BRAMATTI

Para defender o presidente Jair Bolsonaro, grupos de simpatizantes têm promovido campanhas de desinformação nas redes sociais que têm como alvo governadores de distintos partidos. O objetivo principal é terceirizar a responsabilidade por aumentos de preços de combustíveis.

Desde setembro, o *Estadão Verifica* desmentiu seis boatos falsos em redes sociais envolvendo governadores e combustíveis, todos com alta viralização em grupos bolsonaristas.

Uma das postagens diz que o litro da gasolina "chega" ao governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB), a R$ 2,05 e, depois, é vendido por R$ 6,14. O boato sugere que o governo estadual seria o responsável pela diferença entre o preço da gasolina nas refinarias da Petrobras e nas bombas de postos de abastecimento.

Além do ICMS, cobrado pelos Estados, o preço final da gasolina inclui a margem de lucro das empresas de distribuição, transporte e revenda. Outra parcela corresponde à cobrança de impostos federais (Cide, PIS/Pasep e Cofins). Também entra na conta o custo do etanol anidro adicionado ao combustível.

O governador da Bahia, Rui Costa (PT), foi acusado em publicação de cobrar sobre o gás de cozinha R$ 43 de ICMS – o valor, porém, é inferior a R$ 9. Outra postagem enganosa afirmou que "a culpa do aumento da gasolina" na Paraíba é do governador João Azevêdo (Cidadania) e que o Estado teria "o maior ICMS do Brasil". A alíquota do imposto é de 29% – inferior, por exemplo, à que é cobrada no Rio, de 34%. ●

É FORA DE CONTEXTO

Defensores de tratamento precoce distorcem frase de Nobel de Medicina

Uma declaração de Richard J. Roberts, vencedor do Prêmio Nobel de Medicina, foi distorcida por grupos que promovem o "tratamento precoce" contra a covid-19. Ele afirmou que "a cura é menos rentável que a doença", mas em 2007, anos antes da pandemia. ●

É FALSO

UE não aprovou ivermectina nem disse que vacinas serão abandonadas

Circula no WhatsApp o boato de que a União Europeia aprovou medicamentos contra a covid-19, incluindo a ivermectina, e que as vacinas serão abandonadas. O texto distorce o teor de comunicado oficial de junho que nem menciona o vermífugo. ●

É FORA DE CONTEXTO

Vídeo que mostra manifestante atirando ovo em Doria é de 2017

Um vídeo de 2017, no qual o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), é atingido por um ovo jogado por um manifestante durante passagem por Salvador, está circulando nas redes fora de contexto, falsamente apresentado como se fosse atual. ●

É FALSO

Ex-ministro do STF não é autor de texto com ataques ao Poder Judiciário

Um texto nas redes sociais sobre "instituições que não respeitam a democracia", que defende o presidente Jair Bolsonaro e ataca o Poder Judiciário está sendo falsamente atribuído ao ex-ministro do Supremo Tribunal Federal Marco Aurélio Mello. ●

É ENGANOSO

Auxílio-reclusão para segurados do INSS presos foi instituído em 1960

Um vídeo que circula nas redes sociais atribui "às esquerdas" a criação do chamado auxílio-reclusão. No entanto, o benefício, pago pela Previdência Social a segurados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) que eventualmente sejam presos, foi instituído em 1960. ●

KAZUHIRO NOGI / AFP

Funcionários do comitê eleitoral apuram votos em Tóquio: apesar da pandemia, partido do primeiro-ministro Fumio Kishida saiu das urnas como o mais votado do Japão

Eleições no Japão

Premiê japonês se reelege e promete mais gastos sociais e militares

Partido de Fumio Kishida tem desempenho melhor do que as pesquisas indicavam e assegura maioria no Parlamento, apesar de eleger a menor bancada desde 2009

TÓQUIO

O Partido Liberal Democrata (PLD) venceu as eleições parlamentares de ontem no Japão, pavimentando o caminho para mais um mandato do primeiro-ministro, Fumio Kishida. O PLD teve um desempenho abaixo do que conseguiu em 2017, muito em razão da pandemia, mas elegeu mais deputados do que indicavam as pesquisas, mantendo a maioria no Parlamento.

O resultado fortalece Kishida, um tecnocrata ligado ao mercado financeiro, criticado pela falta de carisma. O principal objetivo de curto prazo do premiê é aprovar o orçamento do ano que vem, com gastos adicionais em defesa e proteção para as pessoas afetadas pela pandemia.

Escolhido como primeiro-ministro no mês passado, e enfrentando desconfiança, Kishida terá pela frente o peso político de ter de liderar os liberais após o pior resultado do partido em anos. Com pouco tempo no cargo, o premiê obteve aprovação de 50% – a mais baixa em duas décadas.

A aposta no perfil discreto do premiê pode ter custado ao PLD alguns assentos cruciais no Parlamento. O secretário-geral, Akira Amari, renunciou ao cargo depois de perder a eleição para deputado.

Nas últimas décadas, os votos contra o PLD foram divididos entre a oposição, mas desta vez cinco partidos rivais decidiram cooperar em uma aliança para diminuir o domínio dos liberais. A aposta melhorou os números da oposição, mas foi insuficiente para tirar o PLD do governo.

INSTABILIDADE. Apesar de Kishida não ter inspirado tanto a base do partido quanto seus antecessores, a burocracia do PLD ainda confia em seu nome para implementar suas políticas públicas. A eleição japonesa ocorre em meio a uma crescente instabilidade regional no Pacífico, com a tensão entre China e EUA marcando o acordo militar entre australianos, americanos e britânicos e graves tensões diplomáticas envolvendo Taiwan.

> ***"Kishida tem de convencer o público de que continuidade não significa status quo, mas manter o que deu certo e melhorar o que não deu"***
> **Stefanel Angrick**
> Economista

Nesse contexto, o Japão – um histórico rival dos chineses e aliado dos americanos – vê-se pressionado a abandonar a tradição pacifista em vigor desde a 2.ª Guerra e aumentar seus gastos militares, especialmente depois da mudança na Constituição, em 2014, que ampliou a possibilidade de uso de seu Exército.

Durante a campanha, Kishida prometeu aumentar a defesa contra possíveis ameaças da China e da Coreia do Norte. Outro objetivo do premiê é melhorar a resposta do governo à pandemia. Kishida se tornou líder do PLD há um mês, depois que Yoshihide Suga renunciou ao cargo após um ano à frente do governo, em parte devido ao descontentamento público com sua resposta à crise da covid-19.

Após uma onda recorde de infecções que obrigou a realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio de portões fechados, os casos diminuíram e a maioria das restrições foi suspensa. Kishida, de 64 anos, prometeu criar um novo pacote de estímulo de dezenas de trilhões de ienes para conter o impacto da pandemia na terceira maior economia do mundo.

"Os eleitores japoneses têm demonstrado muito pouco entusiasmo pelo novo primeiro-ministro", disse Stefanel Angrick, economista da Moody's Analytics. "Kishida terá de convencer o público e os jovens membros de seu partido de que a continuidade não significa status quo, mas manter o que deu certo e melhorar o que não deu."

MAIORIA. Desde 2012, o PLD sempre ocupou pelo menos 60% dos assentos na Câmara Baixa. Um desempenho ruim ontem poderia causar perdas na votação para a Câmara Alta, no ano que vem, aumentando o risco de o Japão voltar a ter uma alta rotatividade de premiês. Desde a 2.ª Guerra, apenas cinco nomes conseguiram permanecer cinco anos ou mais no cargo de primeiro-ministro, e algumas serviram apenas dois meses.

Um destaque da eleição de ontem foi o Partido da Inovação Japonesa (Ishin), legenda nacionalista com base em Osaka que se tornou a terceira força do Parlamento, atrás apenas dos liberais e do Partido Democrático Constitucional, de oposição.

"O Ishin é um partido que tem tomado a região de Osaka e se destacado como parte importante do bloco conservador", disse Yoichiro Sato, professor de relações internacionais da Universidade da Ásia-Pacífico. "Eles vão tentar bloquear o plano de Kishida de diminuir a desigualdade entre ricos e pobres." ● REUTERS, NYT e AFP

Com faca e vestido de Coringa, homem fere 17 no metrô de Tóquio

Um homem fantasiado de Coringa, o supervilão de *Batman*, atacou ontem passageiros na altura da estação de Kokuryo, no metrô de Tóquio, no Japão. A polícia prendeu Hattori Kyota, jovem de 24 anos, que teria usado uma faca e ácido sulfúrico no atentado. Vídeos postados nas redes sociais mostram pessoas em pânico, dentro do trem e nas plataformas, correndo nos vagões e fugindo pelas janelas. Kyota usou o ácido, que é inflamável, para tocar foco em um vagão do trem. O ataque ocorreu em meio às festas de Halloween, cada vez mais populares no Japão, e durante o fechamento das seções eleitorais. ● WP

Velhos rivais

Biden e Putin se reaproximam em silêncio e com pragmatismo

Reunião entre os dois presidentes, em junho, desencadeou uma série de contatos entre Rússia e EUA nas últimas semanas

MOSCOU

Pode parecer que pouco mudou para Rússia e EUA, velhos rivais que buscam se enfraquecer mutuamente, desde que Joe Biden chegou à Casa Branca. No entanto, por baixo das ondulações da superfície, como um teste de mísseis hipersônicos russos e o auxílio americano à Ucrânia, Washington e Moscou agora estão fazendo outra coisa: conversando.

A reunião entre Putin e Biden, em junho, em Genebra, desencadeou uma série de contatos entre os dois países, incluindo três viagens a Moscou de altos funcionários do governo americano, e mais reuniões com autoridades russas na Finlândia e na Suíça.

Há uma conversa séria em andamento sobre controle de armas, a mais profunda em anos. A principal consultora da Casa Branca para tecnologias cibernéticas e emergentes, Anne Neuberger, se envolveu em reuniões virtuais silenciosas com seu homólogo do Kremlin.

Autoridades de ambos os países dizem que as muitas negociações até agora renderam pouco resultado prático, mas ajudaram a evitar que as tensões russo-americanas saíssem do controle. Um alto funcionário da Casa Branca disse que os EUA têm muita clareza sobre Putin e as intenções do Kremlin, mas acha que podem trabalhar juntos em questões como controle de armas.

O funcionário observou que a Rússia estava intimamente alinhada com os EUA na restauração do acordo nuclear com o Irã e, em menor grau, lidando com a Coreia do Norte, mas reconheceu que havia muitas outras áreas onde os russos tentam boicotar os esforços americanos.

PRAGMATISMO. A abordagem comedida de Biden ganhou elogioso do establishment da política externa da Rússia, que vê o aumento do engajamento da Casa Branca como um sinal de que os EUA estão preparados para fazer negócios. "Biden entende a importância de uma abordagem sóbria", disse Fyodor Lukyanov, analista de política externa de Moscou que assessora o Kremlin. "A coisa mais importante que Biden entende é que ele não mudará a Rússia. A Rússia é como é."

Para a Casa Branca, as negociações são uma forma de tentar evitar surpresas geopolíticas que podem atrapalhar as prioridades de Biden. Para Putin, conversar com o país mais rico e poderoso do mundo é uma forma de mostrar a influência global da Rússia – e melhorar sua imagem doméstica como fiador da estabilidade.

DOUG MILLS/THE NEW YORK TIMES-16/6/2021

Putin (E) e Biden em julho, durante reunião em Genebra, na Suíça

"O que os russos odeiam mais do que qualquer outra coisa é ser desconsiderado", afirmou Fiona Hill, que atuou como especialista em Rússia no Conselho de Segurança Nacional do ex-presidente americano Donald Trump. "Porque eles querem ser um ator importante no palco global. E, se não estivermos prestando muita atenção neles, eles vão encontrar maneiras de chamar a nossa atenção."

ALTO RISCO. Para os EUA, no entanto, a nova abordagem é repleta de riscos, expondo o governo de Biden a críticas de que está muito disposto a se envolver com uma Rússia liderada por Putin, que continua a minar os interesses americanos e reprimir a dissidência interna.

A Rússia já encontrou maneiras de usar o desejo de Biden por uma relação mais estável para obter algumas concessões. "Biden tem tido muito sucesso em sinalizar para a Rússia", disse Kadri Liik, especialista do Conselho Europeu de Relações Exteriores, de Berlim. "O que a Rússia quer é o privilégio de ser uma grande potência e quebrar as regras. Mas, para isso, você precisa de regras. E goste ou não, os EUA ainda são o jogador mais importante em nível internacional." ● NYT

RADAR GLOBAL

LONDRES

BRANDON THIBODEAUX/THE NEW YORK TIMES-9/2/2021

The Guardian

Oxford escolhe abreviação de 'vacina' como a palavra do ano

Em um ano em que grande parte das discussões envolve o ato de se vacinar, o Dicionário Oxford definiu "vax" – abreviação de vacina – como a palavra do ano. Em 2020, não houve palavra vencedora. "A palavra 'vax' foi injetada na corrente sanguínea da língua inglesa", disseram os produtores do dicionário. ●

GLASGOW

BEN STANSALL / AFP

BBC

Mundo se prepara para a COP26 de olho na Escócia e na 'GretaMania'

Os jornais escoceses destacam os preparativos para a cúpula do clima, a COP26, em Glasgow, com todas as atenções internacionais voltadas para a jovem ativista sueca Greta Thunberg. "A 'GretaMania' chegou ao Reino Unido", escreveu o *Sunday Mail*, um dos mais importantes jornais da Escócia. ●

BOGOTÁ

JUAN BARRETO / AFP

El Tiempo

Por pandemia, governo pediu que crianças evitassem Halloween

A prefeitura de Bogotá, na Colômbia, pediu que as crianças da cidade evitassem sair de porta em porta pedindo doces na noite de 31 de outubro em razão da pandemia de covid-19. Nos últimos anos, a Colômbia, como muitos países da região, tem cada vez mais adotado a tradição americana de "doces ou travessuras". ●

CABUL

RETAMAL / AFP

Der Spiegel

O Taleban parece incapaz de evitar o colapso econômico do Afeganistão

Preços em alta e congelados, uma moeda frágil e um Estado que está ficando sem dinheiro: o Taleban está enfrentando enormes desafios econômicos no Afeganistão. E muitos dos principais executivos do país duvidam que o grupo esteja à altura da tarefa. Há boas razões para os afegãos entrarem em pânico. ●

MIAMI

MARCO BELLO/REUTERS – 13/4/2020

El País

Em Miami, ricos latino-americanos migram para o setor imobiliário

Crises sociais, convulsões políticas e a pandemia causaram um grande desvio de investimentos de empresários latino-americanos para o setor imobiliário na maior cidade da Flórida, onde 34% dos compradores estrangeiros são da América Latina. A novidade é que eles transformam os imóveis de luxo em residência principal e trabalham de casa. ●

Aquecimento global

Resistência de China, Índia e Rússia trava avanço em meta climática

G-20 defende reduzir poluição atmosférica, mas não fixa prazo para saldo zero de emissões; resultado motiva críticas de Biden e Johnson e expõe dificuldades para COP

CÉLIA FROUFE
SANDY OLIVEIRA
TALITA NASCIMENTO

O grupo das 20 maiores economias do mundo, que inclui o Brasil, se comprometeu a reduzir "significativamente" as emissões de gases de efeito estufa, mas não chegou a um acordo sobre prazos. A resistência de países como China, Índia e Rússia tirou da declaração final a previsão para 2050 da neutralidade de carbono – equilibrar todo CO_2 liberado com absorção equivalente desse gás, com o reflorestamento, por exemplo. China e Rússia adiam esse prazo para 2060, e a Índia ainda não deu datas. Parte dos líderes viu o acordo do G-20 como insuficiente.

Estados Unidos, Reino Unido e União Europeia já se comprometem com a neutralidade em 2050. Mesmo o Brasil – sob desconfiança global por causa da alta do desmate na Amazônia na gestão Jair Bolsonaro – já disse que seguirá essa data.

Diante do dissenso, o grupo optou por escrever "neutralidade de carbono por volta de meados do século". Após um fim de semana de reuniões em Roma, a declaração foi divulgada ontem, quando começou a Cúpula do Clima em Glasgow, a COP-26, decisiva para conter o aquecimento global.

A neutralidade de carbono exige mudar vários setores da economia – redução drástica de combustíveis fósseis, fontes de energia renováveis e processos industriais mais limpos. Requer ainda combater o desmate – responsável por metade das emissões do Brasil.

China, Rússia e Índia estão entre os cinco maiores poluidores, junto de Estados Unidos e Brasil. A resistência dos três emergentes dá lugar ao principal obstáculo de acordos climáticos nos anos anteriores: o ex-presidente americano a Donald Trump, de posição negacionista. O substituto, Joe Biden, expressou decepção com as ausências de Xi Jinping e Vladimir Putin em Roma. "A decepção está ligada ao fato de que Rússia e China não se manifestaram em termos de compromissos para enfrentar a mudança climática", disse ele, que também criticou a ausência da Arábia Saudita, outra defensora do prazo de 2060.

DESAFIOS. Apesar da falta de mais compromissos concretos e datas, segundo apurou o **Estadão**, a avaliação na Itália foi de que houve progresso. Isso porque na reunião anterior, não houve menção ao tema. No documento, foram citadas as metas do Acordo de Paris, pacto climático firmado em 2015. "Continuamos comprometidos com a meta do Acordo de Paris de manter o aumento da temperatura média global bem abaixo de 2°C e juntar esforços para limitá-lo a 1,5°C acima do nível pré-industrial", escreveram no documento ontem. Segundo o último relatório do IPCC, painel intergovernamental da ONU para as mudanças climáticas, se o planeta não frear o aquecimento global, haverá alta significativa de eventos extremos, como secas, inundações e queimadas.

Os líderes concordaram em encerrar o financiamento público para gerar energia à base de carvão no exterior, mas também não deram prazos para a eliminação gradual do carvão no mercado interno.

Ministro da Economia, Paulo Guedes destacou discussões no G-20 sobre a crise energética e a alta global dos preços do petróleo, em meio a necessidades de mudanças por causa da crise climática. "Vamos ter de fazer essa transição em meio à crise energética."

Mesmo sob desconfiança global, Brasil já indicou que adotará meta da neutralidade de emissões de gases em 2050

As divergências no G-20 expõem as dificuldades para a COP. O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, disse que houve "progressos razoáveis", mas afirmou que "ainda não são suficientes". O premiê estimou em 60% as chances de êxito na Cúpula do Clima, que ocorre no Reino Unido.

Já o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), António Guterres, afirmou que suas expectativas foram "descumpridas", mas "não enterradas". Na abertura da COP ontem, a secretária da Convenção do Clima, Patricia Espinosa, disse não ser uma "questão de ambiente, mas de paz". O papa Francisco pediu para que a "voz da Terra" seja ouvida. No fim de semana, milhares de manifestantes foram às ruas de Bruxelas e Glasgow. / COM AGÊNCIAS

STEPHANIE LECOCQ/EFE

Milhares de manifestantes em Bruxelas cobram medidas urgentes para conter a alta de temperatura

Brasil chega à COP como pária ambiental, diz climatologista

ENTREVISTA

Carlos Nobre,
climatologista do Instituto de Estudos Avançados da USP

Com que imagem o País chega à COP?

Como pária ambiental. O País está sem credibilidade internacional com relação a compromissos climáticos. O aumento dos gases estufa em 2020, na contramão dos principais países, ainda piora. O que leva a isso é a continuidade do aumento do desmatamento da Amazônia, incêndios na floresta e no Cerrado, o afrouxamento da fiscalização e da legislação ambientais e nenhuma medida para reduzir emissões da produção agrícola. O que o País mostra é que não se compromete no combate ao desmatamento. Foram 12 mil km² desmatados em 2020, mais do que os 11 mil km² de 2019.

O quanto o País deve sofrer pressão internacional?

A pressão é enorme, por todas as questões que disse. Se vai continuar, depende de como o País se mostra na COP. Não ir nem o presidente nem o vice-presidente, que preside o Conselho da Amazônia Legal, já é um mau sinal para o mundo. Mostra que o País está em cima do muro no compromisso de assumir políticas que reduzam as emissões. Essa é a COP mais relevante desde 2015 (que originou o Acordo de Paris) e o Brasil chegar assim deixa o País desacreditado.

A atenção que o Brasil terá é maior do que em 2015?

É maior. Naquele ano, o País chegou com metas bem definidas. Algumas poderiam ser mais ambiciosas, mas fizeram do Brasil o país em desenvolvimento que mais se comprometeu com a questão climática. Naquele ano, vínhamos de redução de desmatamento na Amazônia de 27 mil km² por ano, em 2004, para 4 mil km² em 2012. Agora, chega marcado pela política que contou com declarações terríveis do (ex-ministro do Meio Ambiente) Ricardo Salles. O governo age de um modo que exige recursos internacionais para combater o desmatamento, mas não apresenta metas concretas. O novo ministro (Joaquim Leite) não é conhecido pelo mundo e já disse que não será empecilho nos acordos, mas é algo que precisamos ver como os outros países enxergam. Se não colocamos metas bem definidas de reduzir o desmatamento – e falo de qualquer tipo, não só o ilegal –, perderemos de 60% a 70% da floresta nos próximos 50 anos. ●

LUIZ HENRIQUE GOMES

Em Altinópolis

Desabamento de gruta deixa ao menos nove mortos no interior de SP

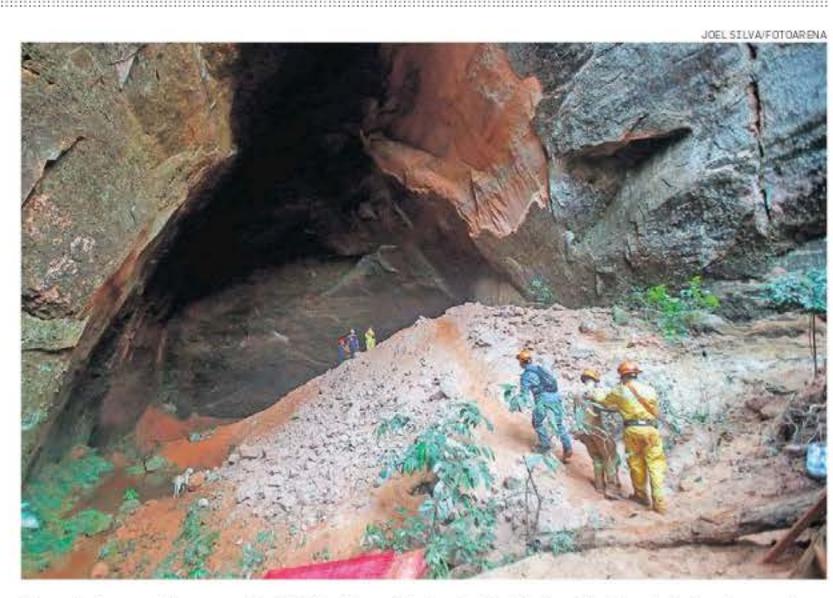
Desmoronamento atingiu grupo de bombeiros civis que participava de um curso de treinamento de resgate em caverna

PRISCILA MENGUE
JOSÉ MARIA TOMAZELLA
JOÃO KER

Nove bombeiros civis morreram após um desabamento na Gruta Duas Bocas, em Altinópolis, município do interior de São Paulo, na madrugada de ontem. Outras sete vítimas também atingidas pelo acidente foram resgatadas no local e encaminhadas aos hospitais da região. Destas, cinco já tiveram alta hospitalar e outras duas apresentam quadro de saúde estável após terem passado por cirurgias, segundo a Defesa Civil. De acordo com o Corpo de Bombeiros, não há mais buscas no local.

O desmoronamento atingiu parte de um grupo de 28 bombeiros civis que participava de um curso de treinamento. Imagens divulgadas pelo Corpo de Bombeiros mostram que as equipes trabalharam em um local com pouca iluminação e teto baixo, sem o uso de maquinário.

A Secretaria de Segurança Pública chegou a enviar um grupo de especialistas em resgate ao local, acompanhado por técnicos da Coordenadoria Estadual da Defesa Civil e um geólogo do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Segundo a prefeitura de Altinópolis, a gruta fica em uma propriedade privada (chamada Fazenda Rancho 65) localizada na zona rural do município, que é um polo de ecoturismo na região, com grutas e cachoeira. Inicialmente, o local do acidente foi divulgado pelo Corpo de Bombeiros como Gruta Itambé (a mais conhecida da localidade), mas o dado foi corrigido à tarde.

JOEL SILVA/FOTOARENA

Chuva forte que atinge a região Altinópolis, no interior de São Paulo, dificultou trabalho de resgate

TREINAMENTO. O grupo participava de um curso de formação da escola Real Life, de Ribeirão Preto, que atua há nove anos no setor. Sócia da empresa, Tainá Pereira conta que todos os alunos já atuavam como bombeiros civis e estavam em um treinamento de resgate em cavernas. Segundo ela, o grupo que conseguiu escapar do desabamento ficou no local, enquanto um dos instrutores saiu em busca de apoio para o resgate. "Ele foi pela trilha buscar ajuda sozinho, no escuro e chovendo", conta. Tainá relata que os alunos são de Ribeirão Preto, Franca e Batatais e estavam no entorno da gruta desde sábado à tarde. De acordo com ela, um dos instrutores conhecia a região. "Ninguém esperava que isso iria acontecer."

SEM CONTATO. O prefeito de Altinópolis, José Roberto Ferracin Marques (PSD), disse que o município não foi informado previamente sobre o treinamento. "Nossa Defesa Civil foi acionada por volta das 3 horas para atender uma ocorrência de desmoronamento nessa gruta, que fica em área particular. O grupo de bombeiros e o proprietário da fazenda não fizeram contato prévio com a administração", contou o prefeito.

Jonatas Ítalo Lopes é um dos bombeiros que desapareceram na manhã deste domingo, após o desabamento da gruta em Altinópolis. "Ele é um dos caras mais legais que eu conheço. Desde que iniciou o treinamento de bombeiro, ele se dedica totalmente a isso", disse Letícia Ribeiro.

Ela mora nos Estados Unidos e soube que Jonatas estava entre os desaparecidos porque horas antes ele postou uma foto ao lado de outros bombeiros anunciando que estava a caminho de Altinópolis. O Corpo de Bombeiros confirmou seu desaparecimento. ●

COLABOROU LUIZ HENRIQUE GOMES

Pandemia do Coronavírus

SP libera shows com lotação máxima e festa com pista de dança

São Paulo encerra hoje as últimas restrições de público e eventos impostas pela pandemia, depois de quase 600 dias. A partir de agora, todos os estabelecimentos do Estado podem funcionar sem limites de lotação ou horário de funcionamento e festas com pista de dança, torcidas em estádios, shows com público em pé também são autorizados. A máscara, porém, segue obrigatória, assim como a exigência do "passaporte vacinal" em eventos com mais de 500 pessoas.

Com as novas liberações, todas as medidas de restrição impostas pelo Plano São Paulo chegam ao fim.

Os municípios têm autonomia para seguir a flexibilização do Estado. Na capital, eventos com mais de 500 pessoas têm funcionado desde 1.º de setembro, com a exigência do "passaporte vacinal".

VACINAÇÃO. São Paulo é hoje o Estado mais avançado na imunização. Segundo dados do consórcio de imprensa, 86,9% dos adultos já estão com a vacinação completa (duas doses ou dose única). O índice é 67,61% para a população geral.

O avanço da vacinação também tem diminuído o número de mortes, casos e internações. Ontem, a taxa de ocupação nos leitos de UTI do Estado era de 26,6% e de 36,4% para a Grande São Paulo. O balanço representa queda superior a 90% nas hospitalizações quando comparado aos números recordes do pico da segunda onda da pandemia, em março.

Membros do comitê científico que assessora o governo paulista têm estudado a flexibilização do uso de máscaras no Estado. Apesar de ainda não haver data, a expectativa é que a medida seja de forma gradual, a começar pela liberação em locais abertos, como parques. O Rio já adotou essa flexibilização em locais abertos. ● JOÃO KER

Cronograma da vacinação

SÃO PAULO
Capital continua com a aplicação suplementar aos trabalhadores da Guarda Civil Metropolitana, os sepultadores do serviço funerário e os agentes fiscalizadores das subprefeituras, assim como os idosos acima de 60 anos e os profissionais de saúde com 18 anos ou mais. Vale para os que tomaram a 2.ª dose há seis meses.

CAMPINAS
A prefeitura está imunizando com a 1.ª dose as pessoas acima dos 18 anos, assim como adolescentes a partir dos 12 anos. Idosos com 60 anos ou mais, que tenham recebido a 2.ª dose há seis meses, também são atendidos para a dose extra. Os profissionais de saúde, vacinados no mesmo intervalo de tempo, recebem a 3.ª aplicação (incluindo residentes e estagiários da área). Além disso, quem desejar antecipar a 2.ª dose da AstraZeneca pode se dirigir a um posto do município.

RIBEIRÃO PRETO
A vacinação no município será retomada na quarta-feira, 3 de novembro, com a aplicação de 3.ª dose para os moradores de 69 a 79 anos. É necessário ter realizado agendamento.

RIO DE JANEIRO
Na quarta-feira, 3 de novembro, a capital fluminense vai continuar vacinando, com a dose de reforço, os moradores na faixa etária de 64 anos. Os profissionais e trabalhadores da saúde que foram vacinados com a 2.ª dose em maio vão passar a receber a dose extra. ●

Números

A SITUAÇÃO NO PAÍS, COM DADOS DO CONSÓRCIO DA IMPRENSA E DO MINISTÉRIO DA SAÚDE (RECUPERADOS)

TOTAL DE MORTES	607.860
NOVOS REGISTROS DE MORTES EM 24H*	96
MÉDIA MÓVEL DE ÓBITOS	311
TOTAL DE VACINADOS	154.715.794
TOTAL DE TESTES POSITIVOS	21.808.554
NOVOS CASOS DETECTADOS EM 24H	6.853
NÚMERO DE RECUPERADOS**	20.906.772

* ATÉ ÀS 20H DE ONTEM
** NÚMEROS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE

NA WEB
Confira mais algumas cidades e o avanço da imunização.
https://einvestidor.estadao.

PREVISÃO DO TEMPO

HOJE: MANHÃ
16°

TARDE
23°

NOITE 17°

VOLUME DE CHUVA 8MM

UMIDADE RELATIVA 59%

TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
16°/24°	16°/27°	17°/28°	16°/26°

SOL
NASCENTE: 5H21
POENTE: 18H20

LUA: MINGUANTE
MINGUANTE	28/10	17H06
NOVA	4/11	18H15
CRESCENTE	11/11	9H48
CHEIA	19/11	5H59

● O sol aparece com mais força e as condições de chuva diminuem.

Tábuas das marés: Porto de Santos

30 ds — 1,5 m

HOJE		
6h17	↓	0,2
12h40	↑	1,3
18h38	↓	0,4

TERÇA, 02		
0h08	↑	1,3
7h04	↓	0,1
13h21	↑	1,3
19h22	↓	0,3

QUARTA, 03		
0h57	↑	1,3
7h53	↓	0,2
14h01	↑	1,2
20h05	↓	0,2

QUINTA, 04		
1h47	↑	1,4
8h42	↓	0,2
14h40	↑	1,2
20h49	↓	0,2

Capitais	MÍN./MÁX.		MÍN./MÁX.
ARACAJU	22°/30°	MACEIÓ	23°/30°
BELÉM	24°/31°	MANAUS	25°/32°
BELO HORIZONTE	18°/28°	NATAL	23°/31°
BOA VISTA	24°/36°	PALMAS	27°/37°
BRASÍLIA	19°/27°	PORTO ALEGRE	18°/31°
CAMPO GRANDE	27°/32°	PORTO VELHO	24°/33°
CUIABÁ	25°/35°	RECIFE	24°/30°
CURITIBA	15°/22°	RIO BRANCO	23°/34°
FLORIANÓPOLIS	19°/25°	RIO DE JANEIRO	18°/24°
FORTALEZA	24°/30°	SALVADOR	22°/31°
GOIÂNIA	20°/28°	SÃO LUÍS	25°/31°
JOÃO PESSOA	24°/30°	TERESINA	23°/37°
MACAPÁ	25°/34°	VITÓRIA	20°/24°

Confira a previsão para os próximos dias: **www.estadao.com.br/clima-e-tempo/sp-sao-paulo**

Mundo	FUSO	MÍN./MÁX.		FUSO	MÍN./MÁX.
ASSUNÇÃO	0	22°/34°	MÉXICO	-2	15°/23°
ATENAS	6	13°/17°	MIAMI	-1	18°/20°
BARCELONA	5	17°/27°	MONTEVIDÉU	0	17°/18°
BERLIM	5	10°/12°	MOSCOU	8	4°/10°
BRUXELAS	5	9°/13°	NOVA YORK	-1	11°/14°
BUENOS AIRES	0	17°/19°	PARIS	5	8°/14°
CARACAS	-1	19°/26°	ROMA	5	15°/18°
CHICAGO	2	6°/11°	SANTIAGO	0	9°/24°
ESTOCOLMO	5	7°/11°	SYDNEY	14	14°/25°
GENEBRA	5	4°/7°	TEL-AVIV	8	22°/30°
JOHANNESBURGO	5	17°/31°	TÓQUIO	12	16°/20°
LIMA	-2	15°/16°	TORONTO	-1	7°/12°
LISBOA	4	15°/20°	WASHINGTON	-1	10°/14°
LONDRES	4	8°/12°			
LOS ANGELES	-4	11°/22°			
MADRID	5	14°/18°			

CLIMATEMPO
A StormGeo Company

Assalto a banco

Polícia mata 26 suspeitos de integrar quadrilha do novo cangaço em Minas

PM afirma que houve confrontos em 2 locais de Varginha; grupo pode ser o mesmo que atacou agências de banco em Araçatuba

JOSÉ MARIA TOMAZELA

Ao menos 26 suspeitos de integrar uma quadrilha especializada em assaltos do chamado novo cangaço morreram em uma operação da Polícia Militar e da Polícia Rodoviária Federal ontem, em Varginha, sul de Minas. Com eles, foi apreendido um grande arsenal, incluindo explosivos e armas de guerra, como metralhadoras .50. O grupo estava aquartelado em duas chácaras e foi cercado pelos policiais. Houve intensa troca de tiros, diz a polícia. Vários suspeitos foram socorridos com ferimentos. Nenhum agente de segurança foi morto ou ferido.

A quadrilha pode ser a mesma que atacou bancos em Araçatuba, no interior de São Paulo, no dia 30 de agosto, segundo a polícia mineira. No ataque em Araçatuba, os criminosos explodiram dois bancos, usaram reféns como escudos humanos e enfrentaram a polícia usando grande poder de fogo. Os bandidos instalaram explosivos com sensores para minar a região central da cidade e dificultar a perseguição. A ação deixou três mortos.

De acordo com o tenente-coronel Rodolfo Fernandes, comandante do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), a forma de planejar o ataque, o armamento e os explosivos indicam que os criminosos estão ligados também a outros ataques acontecidos em Criciúma (SC) em dezembro de 2020, e em Uberaba, no Triângulo Mineiro, em 2017.

> **Com os criminosos, foi apreendido um grande arsenal: metralhadora, fuzis, escopeta, pistolas, granadas e 'miguelitos'**

Conforme a PM, os criminosos reagiram ao cerco e atacaram os policiais. Na primeira chácara, foram mortos 18 suspeitos, enquanto outros sete foram atingidos mortalmente na segunda propriedade.

Até o fim da tarde de ontem, a polícia não havia divulgado a identidade dos suspeitos mortos. A PM mostrou parte do arsenal apreendido: mais de 40 carregadores municiados, uma metralhadora ponto 50, dez fuzis, uma escopeta calibre 12, quatro pistolas, 10 veículos roubados, 12 granadas, 10 galões com gasolina, grande quantidade de munição e "miguelitos", pregos retorcidos para furar o pneu de viaturas. Havia também coletes à prova de bala de uniformes camuflados.

A polícia revelou que uma denúncia anônima sobre levou à operação contra a quadrilha. A informação dava conta de uma movimentação estranha na área de chácaras, na periferia de Varginha, fato que chamou a atenção dos policiais porque não havia festa programada para a região no fim de semana. ●

SÃO PAULO RECLAMA

Problemas com plano de milhas aéreas

Reclamação de Pérola Rawet Heilberg: "Eu tenho 130 mil pontos da Latam Pass (*programa de fidelidade da companhia aérea Latam, que permite a troca de pontos acumulados por valores para comprar voos no Brasil e no exterior, além de compor saldo para a compra de outros produtos e serviços*) que vão vencer no próximo dia 26 de novembro. Não consigo trocar esses pontos por passagens aéreas, não consigo fazer nada nem falar com ninguém. Eu quero passagens internacionais a que tenho direito. Na realidade, o que vai acontecer é que eu vou perder esses meus pontos por não ter com quem falar. Estou muito decepcionada."

Resposta da empresa aérea Latam: "A companhia informa que já entrou em contato com a cliente Pérola Rawet Heilberg para prestar os esclarecimentos e dar o suporte necessário." O atendimento aos clientes da Latam é realizado por meio do número de telefone 0300 570 5700, acessível para todo o Brasil e que funciona 24 horas por dia. ●

Teve algum direito como cidadão ou consumidor desrespeitado? O blog Seus Direitos pode ajudar. Envie suas reclamações, com os devidos documentos, dados pessoais e contatos, além do nome dos envolvidos na questão, para o **spreclama@estadao.com**

HÁ UM SÉCULO

As barbearias do Centro

Fomos procurados por uma commissçao de proprietarios de barbearias do centro da cidade, os quaes vieram pedir a nossa intercessão junto à Camara, no sentido de ser modificada a recente lei, que manda fechar aquelles estabelecimentos, todos os dias, às 19 horas. Essa lei, dizem os reclamantes, foi votada em meados do anno, e posta em execução há tres ou quatro semanas, com grande rigor de fiscalização. ●

CORREÇÕES

Este espaço se destina à publicação de erros publicados na edição impressa do **ESTADÃO**. Você pode colaborar enviando e-mail para **correcoes@estadao.com**. As correções abrangem erros como: de informação, nome, cargo, dados numéricos, entre outros.

LOTERIA

Para ver os resultados, aponte a câmara do seu celular para o QR Code ou acesse: **https://loterias.estadao.com.br/mega-sena.**

FALECIMENTOS

Para publicar anúncio fúnebre: Balcão Limão ● (11) 3856-2139 / (11) 3815-3523 / WHATSAPP (11)99123-8351. ● Atendimento de 2ª a 6ª das 8h30 às 21h horas, Sábado das 10h às 20h, Domingo das 14h às 20h ● Só serão publicadas notícias de falecimento/missa encaminhadas pelo e-mail **falecimentos@estadao.com**, com nome do remetente, endereço, rg e telefone.

Os filhos **MOISES** e **ARI**, a nora **ALESSANDRA**, as netas **LISA** e **JULIANA**, e os familiares do querido

JONAS GORDON

comunicam com profunda tristeza o seu falecimento. O sepultamento será realizado **amanhã, 3ª feira - 02/11, às 13:00h**, no Cemitério Israelita do Butantã.

Anna Rossi Grandesi – Dia 29, aos 98 anos. Era viúva de Frederico Grandesi. Deixa os filhos Wlademir, Marcos e Ricardo. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

Matilde Matos Bekerman – Aos 77 anos. Filha de Carlos Kracochansky e Nina Kracochansky. Era viúva de Henrique Bekerman. Deixa os filhos Renato, Carlos Eduardo, Flávio, parentes e amigos. O enterro foi realizado no Cemitério Israelita do Butantã.

Antonia Soares Durci – Aos 75 anos. Filha de Onofra Soares dos Santos e Joaquim Soares Filho. Era casada. Deixa filhos. O enterro foi realizado no Cemitério Parque dos Girassóis.

Maura Rocha de Oliveria – Aos 46 anos. Deixa o filho Rodrigo, parentes e amigos. O enterro foi realizado no Cemitério Jardim do Pêssego.

Aron Judka Diament – Aos 90 anos. Filho de Moszek Diament e Rywka Diament. Era casado com Regina Diament. Deixa os filhos Decio, Luis, Deborah, parentes e amigos. O enterro foi realizado no Cemitério Israelita do Butantã.

Mitiyo Goromar Nakamura – Dia 29, aos 83 anos. Deixa a filha Sueli, parentes e amigos. O enterro foi realizado no Cemitério e Crematório Primaveras.

Celso Luis Bergamasco – Aos 70 anos. Filho de Nelson Bergamasco e Rosa Zanelato Bergamasco. Era casado com Cassia Tarzia Bergamasco. Deixa as filhas Andreza, Andreia, parentes e amigos. O enterro foi realizado no Cemitério Municipal de Bebedouro.

MISSA

Gilberto Macrina – Dia 3, às 17 horas, na Paróquia São José, na R. Dinamarca, 32, Jardim Europa (1 mês).

Mercado

Jovens estrangeiros viram apostas das categorias de base no Brasil

Estrutura, negociações mais simples e superinflação do mercado interno explicam grande presença de gringos nas divisões inferiores dos principais clubes do País

CESAR GRECO / PALMEIRAS-30/3/2021

Atacante Newton, que já marcou até gol pelo profissional do Palmeiras, é panamenho e escolheu o Brasil para jogar porque o pai e o agente são brasileiros

RICARDO MAGATTI

Gustavo Gomez, do Palmeiras, Arrascaeta, do Flamengo, Emiliano Rigoni, do São Paulo, e Nacho Fernández, do Atlético-MG, são jogadores que vieram de fora e atuam com protagonismo na principal divisão do futebol nacional. O sucesso deles – e outros fatores – fizeram os clubes repetir esse movimento também nas categorias de base. Contratar jogadores do mercado internacional tem sido uma estratégia cada vez mais comum das equipes, que buscam promessas estrangeiras a fim de obter retorno esportivo e financeiro.

O futebol brasileiro é a principal vitrine do continente para os atletas que desejam jogar no futebol europeu. Segundo o levantamento mais recente do Observatório do Futebol do Centro Internacional de Estudos Esportivos (CIES), o País tem o maior número de atletas atuando no exterior. De acordo com os dados, são 1,2 mil jogadores atuando em 23 campeonatos pelo mundo. E esse caminho, muitas vezes, inclui uma passagem pela base dos times brasileiros. Atualmente, considerando os clubes da Série A, 22 jovens estrangeiros fazem parte da base de 13 times diferentes.

A visibilidade seduz as promessas estrangeiras, que enxergam no futebol uma oportunidade de alavancar suas carreiras, com a possibilidade de brilhar nos gramados daqui e rumar à Europa. A possibilidade de revenda para o exterior faz com que os times facilitem as negociações, já que em todos os acordos, o clube formador mantém um porcentual do passe do atleta para vendas futuras.

Outro aspecto que torna o Brasil um destino interessante para esses jogadores é a estrutura de treinamento e formação das agremiações brasileiras, que são avançadas em relação a outros países da América do Sul.

FÃ DE PICANHA. O atacante Newton não é sul-americano, mas escolher o Brasil foi um caminho natural para ele. O grandalhão de 1,91m é natural de Bocas del Toro, um povoado que fica a 12 horas distante da cidade do clube em que jogava no Panamá (CD del Este). Ele chegou ao País no fim do ano passado e já teve chance de atuar pelo profissional, inclusive marcando gol, no Paulistão deste ano.

"Estou em casa. Me sinto feliz aqui no Palmeiras, e a adaptação tem sido muito boa. Tive um pouco de dificuldade nos primeiros dias pois de onde eu vim só se falava inglês. Fiz um curso para conseguir me comunicar em português e tive a ajuda de colegas do clube que falam espanhol", afirma Newton ao **Estadão**.

O pai e o agente do atleta panamenho são brasileiros, o que lhe ajudou a optar pelo futebol brasileiro, além da estrutura que encontraria aqui. "Meu pai e meu agente me ajudaram bastante nesse processo e me aconselharam de que aqui seria o melhor país para desenvolver o meu futebol. O Palmeiras abriu as portas para mim e sou muito grato por isso", explica o jogador.

Ele gosta de picanha, aprecia o clima quente, semelhante ao de seu país, e está bem adaptado à cultura brasileira. Em campo, seu jogo se desenvolveu desde que passou a defender o Palmeiras. "Jogo de camisa 9, mas aqui todos são condicionados à polivalência, e isso faz a diferença principalmente na parte tática", avalia.

FENÔMENO. Aproveitando a sua tradição em contar com talentos do Uruguai, o São Paulo foi buscar no Defensor o jovem Facundo Milán. Embora jogasse entre os profissionais em sua equipe no país vizinho, o atacante integra o elenco sub-20 do time tricolor. A ideia é que o jogador de 20 anos seja promovido de Cotia à equipe principal na próxima temporada.

Fenômeno nas categorias inferiores, Milán ostenta o recorde histórico de gols na base do Defensor. Foram impressionantes 130 gols em 113 jogos. No sub-20 do São Paulo, no qual é treinado pelo ex-meia Alex, balançou as redes quatro vezes e deu uma assistência em 25 partidas.

O atacante é forte, goleador e tem a tradicional garra uruguaia. No dia a dia, ele é tímido, mas se dá bem com seus colegas. Um de seus desafios tem sido aprender a falar português. "Ainda estou me adaptando, mas cada dia que passa, me sinto melhor", resume o uruguaio. ●

Invasão estrangeira

● Athletico-PR
Gastón Kevin, zagueiro (Paraguai) e John Mercado, meia (Equador)

● Atlético-MG
Diego Acosta, atacante (Paraguai)

● Bahia
Williams Boum Kouame, volante (Camarões)

● Corinthians
Thomas argentino, volante (Argentina) e Juan David, meia (Colômbia)

● Cuiabá
Alan Mendez, atacante (Paraguai)

● Flamengo
Fabrizio Peralta, volante (Paraguai) e Camilo Durán, atacante (Colômbia)

● Palmeiras
Leonardo Zabala, zagueiro (Bolívia), Marino Hinestroza, atacante (Colômbia) e Newton, atacante (Panamá)

● Santos
Matías Lacava, meia-atacante (Venezuela)

● São Paulo
Milán, atacante (Uruguai)

Brasileirão

Torcida do Grêmio se revolta com derrota

Palmeiras vira jogo em Porto Alegre e torcedores gremistas invadem o gramado após o apito final; VAR é danificado

PORTO ALEGRE

A quarta vitória consecutiva do Palmeiras no Brasileirão terminou em confusão. Revoltados com o revés por 3 a 1, de virada, que manteve o Grêmio bastante ameaçado pelo rebaixamento, os torcedores da equipe gaúcha invadiram o gramado após o apito final do árbitro Savio Pereira Sampaio, ontem, em Porto Alegre.

A invasão aconteceu pela Arquibancada Norte. O setor é utilizado pelas torcidas organizadas e foi liberado apenas recentemente. O grupo foi contido pela Brigada Militar depois de 10 minutos. Antes disso, eles conseguiram quebrar a cabine do árbitro de vídeo e equipamentos de transmissão.

Os torcedores ainda tentaram entrar no túnel de acesso aos vestiários, mas não conseguiram. A entrevista de Raphael Veiga, o destaque da vitória do Palmeiras, ainda no gramado, foi interrompida. Torcedores de Grêmio e Palmeiras nas cadeiras superiores também trocaram socos, mesmo com uma divisória para dividir o setor de visitantes.

Se o final do jogo foi de revolta para os torcedores do Grêmio, o começou foi de esperança. A equipe gaúcha abriu o placar aos 10 minutos. Douglas Costas ganhou disputa com Marcos Rocha, deixou Gustavo Gómez pelo caminho e cruzou para Diego Souza marcar.

O Grêmio teve chance de ampliar. Não conseguiu. E ainda foi para o intervalo perdendo. O Palmeiras virou o jogo com dois gols de Raphael Veiga. O primeiro de pênalti, que foi assinalado pelo árbitro Savio Pereira Sampaio após consultar o VAR, aos 46. O segundo em um chute rasteiro, aos 49.

O Palmeiras voltou para o segundo tempo com o intuito de administrar o placar. O Grêmio tinha necessidade de se atirar ao ataque. E conseguiu o empate aos 40 minutos. Mas o VAR apontou impedimento do garoto Elias Manoel, que havia marcado de voleio.

O nervosismo do Grêmio aumentou, e o Palmeiras aproveitou para definir o jogo. Breno Lopes recebeu na área e finalizou cruzado para anotar o terceiro, aos 48. As cenas lamentáveis vieram na sequência, situação que pode complicar ainda mais o time gaúcho na luta contra o rebaixamento em caso de uma punição no Superior Tribunal de Justiça Desportiva. ●

29ª RODADA DO BRASILEIRÃO

GRÊMIO	PALMEIRAS
1	3

Gols: Diego Souza, aos 12, e Raphael Veiga, aos 46 e 49 do 1ºT; Breno Lopes, aos 48 do 2ºT.
GRÊMIO: Brenno; Vanderson, Kannemann, Geromel e Cortez; Thiago Santos (Lucas Silva), Villasanti (Campaz) e Jean Pyerre (Robert); Alisson (Churin), Douglas Costa e Diego Souza (Elias Manoel). **Técnico:** Vagner Mancini. **PALMEIRAS:** Weverton; Marcos Rocha, Luan, Gómez e Piquerez; Felipe Melo, Zé Rafael (Danilo), Raphael Veiga (Breno Lopes) e Scarpa (Wesley); Dudu (Luiz Adriano) e Rony (Danilo Barbosa). **Técnico:** Abel Ferreira. **Juiz:** Savio Pereira Sampaio (DF). **Amarelos:** Kannemann, Jean Pyerre, Mancini, Felipe Melo, T. Santos, Alisson e Luan. **Público:** 14.207 presentes. **Renda:** R$ 650.212,00. **Local:** Arena do Grêmio.

DIEGO VARA/REUTERS

Cabine do VAR é destruída pelos enfurecidos gremistas na Arena

CLASSIFICAÇÃO

		PG	J	V	E	D	SG
1	Atlético-MG	59	28	18	5	5	23
2	Palmeiras	52	29	16	4	9	10
3	Flamengo	49	26	15	4	7	24
4	RB Bragantino	49	29	12	13	4	15
5	Fortaleza	48	29	14	6	9	7
6	Internacional	41	29	10	11	8	6
7	Corinthians	41	28	10	11	7	4
8	Fluminense	39	29	10	9	10	-3
9	América-MG	38	29	9	11	9	-1
10	Atlético-GO	37	27	9	10	8	0
11	São Paulo	37	29	8	13	8	-4
12	Ceará	36	29	7	15	7	-3
13	Santos	35	29	8	11	10	-8
14	Cuiabá	35	28	7	14	7	-1
15	Athletico-PR	34	28	10	4	14	-5
16	Bahia	33	29	8	9	12	-7
17	Juventude	30	29	6	12	11	-9
18	Sport	27	29	6	9	14	-12
19	Grêmio	26	27	7	5	15	-11
20	Chapecoense	13	28	1	10	17	-25

Libertadores · Sul-Americana · Rebaixamento

29ª RODADA

SÁBADO			
	Athletico-PR	0 x 1	Santos
	Flamengo	1 x 0	Atlético-MG
	Juventude	0 x 0	Bahia
	América-MG	2 x 1	Fortaleza
ONTEM			
	Grêmio	1 x 3	Palmeiras
	Ceará	1 x 0	Fluminense
	São Paulo	1 x 0	Internacional
	Sport	x	Atlético-GO*
HOJE			
20h	Cuiabá	x	RB Bragantino
21h30	Corinthians	x	Chapecoense

*Não encerrado até o fechamento desta edição

Gabriel Sara garante o São Paulo na briga por vaga na Libertadores

RICARDO MAGATTI

O São Paulo voltou a vencer no Brasileirão. Gabriel Sara fez no início do primeiro tempo o gol que assegurou a vitória sobre o Internacional por 1 a 0, ontem, no Morumbi. A equipe do técnico Rogério Ceni subiu na tabela e agora está muito mais perto do grupo que briga por Libertadores do que pelo rebaixamento. O placar só não foi mais elástico porque o time da casa perdeu muitos gols.

"A gente sabe, e o torcedor também sabe, que com o apoio deles somos muito fortes dentro de casa. Do começo ao fim, eles apoiaram. Isso é muito importante. Uma grande vitória contra uma grande equipe, que é o Inter. Fomos muito bem taticamente, do começo ao fim", elogiou o lateral-esquerdo Reinaldo, citando os quase 20 mil são-paulinos que foram ao Morumbi, apesar da chuva que caiu em São Paulo durante todo o dia.

O começo dominante do São Paulo foi determinante para o resultado. O time de Rogério Ceni foi intenso, dominou o rival nos primeiros instantes e abriu o placar com quatro minutos. Léo acionou Reinaldo, que tocou para Gabriel Sara ganhar de Rodrigo Lindoso na corrida e chutar cruzado, sem chance para Marcelo Lomba.

O gol não fez o time diminuir o ritmo. Gabriel Sara levou perigo em cabeceio para fora, Reinaldo exibiu boa defesa de Lomba, Igor Gomes arrematou da entrada da área perto do gol e Sara, de novo, assustou em finalização na área.

Na etapa final, o roteiro foi parecido. O São Paulo controlou as ações, criou oportunidades para ampliar, mas não o fez. O Inter ainda ensaiou uma pressão no fim, porém, sem criatividade, parou na defesa são-paulina. ●

29ª RODADA DO BRASILEIRÃO

SÃO PAULO	INTERNACIONAL
1	0

Gol: Gabriel Sara, aos 4 minutos do 1º tempo.
SÃO PAULO: Volpi; Arboleda, Miranda e Leo; Orejuela (Igor Vinícius), Liziero, Igor Gomes (Eder), Gabriel Sara e Reinaldo (Bruno Alves); Luciano (Marquinhos) e Rigoni (Benítez).
Técnico: Rogério Ceni.
INTER: Marcelo Lomba; Saravia (Zé Gabriel), Bruno Méndez, Victor Cuesta e Paulo Victor (Kaique); Johnny, Rodrigo Lindoso, Edenilson, Boschilia (Caio Vidal) e Maurício; Juan Cuesta (Gustavo Maia).
Técnico: Diego Aguirre.
Juiz: André Luiz Freitas Castro (GO)
Amarelos: Victor Cuesta e Kaique.
Público: 19.867 pagantes.
Renda: R$ 895.755,00.
Local: Estádio do Morumbi, em São Paulo.

Corinthians aposta na volta de 100% da Fiel

Depois de quase um mês atuando com a presença parcial de seu torcedor, o Corinthians volta a jogar com a capacidade máxima de seu estádio permitida. Diante da lanterna Chapecoense, hoje, o time de Sylvinho contará com o apoio em massa da Fiel, que lotará a Neo Química Arena esperando ver a equipe reagir no Brasileirão.

Pelo protocolo do governo de São Paulo para o retorno do público aos estádios, os clubes estão liberados a venderem a carga total de ingressos a partir de hoje. Por isso, o Corinthians pediu para que o jogo fosse adiado. A expectativa é de que mais de 40 mil pessoas marquem presença.

Após perdeu o clássico para o São Paulo e empatar com o Internacional em Porto Alegre, o Corinthians quer voltar a vencer para não perder terreno na briga pela Libertadores. O zagueiro João Victor volta ao time titular e o goleiro Cássio será desfalque. ●

29ª RODADA DO BRASILEIRÃO

CORINTHIANS	CHAPECOENSE

CORINTHIANS: Matheus Donelli, Fagner, João Victor, Gil e Fábio Santos; Cantillo, Renato Augusto e Giuliano; Gabriel Pereira, Róger Guedes e Jô (Mosquito ou Adson).
Técnico: Sylvinho.
CHAPECOENSE: Keiller; Matheus Ribeiro, Ignácio, Joilson e Busanello; Moisés Ribeiro, Anderson Leite e Denner; Mike, Geuvânio e Anselmo Ramon. **Técnico:** Felipe Endres.
Juiz: Paulo Cesar Zanovelli (MG).
Horário: 21h30. **TV:** PPV.
Local: Neo Química Arena, em São Paulo.

Robson Morelli E-mail: robson.morelli@estadao.com

Democracia (de ideias) no futebol

O treinador não pode ser o único a ter as ideias táticas e de estratégias para uma partida de futebol. É preciso que os jogadores contribuam com isso. Se todos estão nisso há anos, nada mais natural de que todos se ajudem com ideias. Isso passa em ter atletas mais inteligentes, observadores, maduros e de boa leitura do cenário.

A frase que mais mostra essa dependência de ideias dos atletas é ouvida em entrevistas antes do intervalo, para aqueles 15 minutos de descanso e conversa no vestiário. "Vamos ouvir o que o professor tem a nos dizer para que possamos melhorar." Ora, quem joga ou já jogou futebol, mesmo de várzea, sabe o que está dando certo e errado no campo. Portanto, não precisa de um treinador para assoprar os caminhos. O atleta sabe quando está mal, quando não cumpriu taticamente as orientações ou definições dadas a ele pelo técnico. Jogadores da Copa de 1970, como Pelé e Gerson, se reuniam com o técnico Zagallo para discutir como jogar. Eram conversas de atletas lúcidos para ajudar o treinador e não contestar suas decisões. Todos tinham o mesmo objetivo. Outras gerações fizeram a mesma coisa em clubes e seleção, de modo a contribuir para o melhor rendimento do time. Essas conversas podem trazer situações diferentes de jogo, de posicionamento. É disso que falo. Esperar pelas orientações do técnico é cômodo. O Corinthians viveu uma democracia, mas ela estava mais associada à liberdade dos tempos de chumbo.

> *O jogador precisa participar mais da preparação do time e o treinador tem de aceitar melhor isso*

Para que isso dê certo ou simplesmente aconteça, é preciso oferecer liberdade aos jogadores. Abrir janelas. O que mais temos visto no futebol brasileiro é uma safra de treinadores ruins. A maioria é desprovida de repertório tático e ideias claras. Não se trata de formar times robotizados. Longe disso. Mas não se pode mais apostar unicamente no talento, inspiração e invencionice dos craques durante 90 minutos. Esses lampejos são cada vez mais raros. E os setores defensivos estão sempre levando a melhor.

Há jogadores capazes. Pega-se o exemplo do Flamengo, sob o comando de Renato Gaúcho. O elenco tem pelo menos uns cinco ou seis em condições de ajudar Renato, dando a ele ideias de posicionamento e de jogadas. O treinador precisa ouvir, dar espaço, aceitar a participação de seus atletas. Deixar de pensar de uma vez por todas que se trata de intervenção ao seu trabalho. O futebol é grande demais, rico demais, apaixonante demais para deixar tudo nas mãos de único profissional, o treinador, que erra e acerta como qualquer outro no futebol. ●

EDITOR VERTICAL DE ESPORTES DO ESTADÃO E COMENTARISTA DA RÁDIO ELDORADO

INSTAGRAM: @ROBSONMORELLI7;
TWITTER: @ROBSONMORELLI;
FACEBOOK: @ROBSONMORELLI

Tênis

Em temporada acidentada, filho Noah e experiência ajudam Bruno Soares

Após drama em Tóquio, tenista de 39 anos não pensa em aposentadoria e planeja disputar Jogos de Paris, em 2024

RICARDO MAGATTI

A caminho de Tóquio, onde disputaria sua terceira Olimpíada, Bruno Soares sentiu um incômodo muito forte. No segundo voo com destino ao Japão, a dor ficou insuportável. Quando chegou à Vila Olímpica, veio a notícia indesejada: o brasileiro fora diagnosticado com apendicite e não pôde disputar os Jogos Olímpicos. Entre lesões e outras dificuldades, o drama foi a maior intempérie que viveu nesta acidentada temporada. Mas a experiência, maturidade e o filho Noah, de seis anos, ajudaram o tenista a superar os tormentos e alcançar a redenção.

"A experiência e maturidade fazem com que eu aguente melhor essas porradas. No final das contas, o mais importante é a saúde", disse o tenista de 39 anos. Depois de se recuperar da cirurgia, ele pensou em não entrar mais em quadra em 2021 a fim de fazer uma pré-temporada mais longa. Mudou de ideia e a decisão se revelou acertada. Após ser vice campeão no US Open com 10 dias de treinos, ele foi campeão no ATP 250 de São Petersburgo, na Rússia, ontem, ao lado de Jamie Murray.

ATP OPEN / TWITTER

Murray e Soares com o troféu do ATP 250 de São Petersburgo

Antes do título, os dias em Nova York foram especiais porque Soares viveu aquela experiência ao lado do filho, Noah. Sem saber, o menino se tornou combustível para o pai. "Alguns percalços no caminho atrapalharam, mas ele ajudava. Meu treinador me disse: olha pro Noah e vai na energia dele. Eu sou muito do astral, do momento, e aí criou-se o 'Noah vibes'", contou.

Em sua 21.ª temporada, o experiente duplista ainda não pensa em se aposentar. Entende que o tênis pode lhe dar mais alegrias. Disputar os Jogos de Paris, em 2024, está nos seus planos, embora saiba que é difícil. Ele vai estar com 42 anos. "Curto muito o processo de competir ainda. O corpo pifou um pouco mais nesse ano, com lesões, apendicite, fratura por estresse na costela, mas se o corpo deixar eu vou indo. Acho que estou muito bem", garantiu. "Quero continuar conquistando. Conquistei muito mais do que esperava, do que sonhei. Será que consigo chegar a Paris-2024? É um objetivo", acrescentou. ●

O MELHOR DA TV

FUTEBOL

● **Campeonato Espanhol**
Rayo Vallecano x Celta
14h30 / ESPN

● **Brasileirão Sub-20**
Flamengo x São Paulo
15h / SPORTV

● **Campeonato Inglês**
Wolverhampton x Everton
17h / FOX SPORTS

● **Paulista Feminino**
São Paulo x Santos
17h / SPORTV

● **Série B**
Cruzeiro x Vila Nova
19h / PAY-PER-VIEW

● **Brasileirão**
Cuiabá x RB Bragantino
20h / SPORTV

● **Brasileirão**
Corinthians x Chapecoense
21h30 / PAY-PER-VIEW

FUTSAL

● **Liga Nacional**
Foz Cataratas x Corinthians
18h / SPORTV

BASQUETE

● **NBA**
Boston Celtics x Chicago Bulls
20h30 / SPORTV 2

FUTEBOL AMERICANO

● **NFL**
New York Giants x Kansas City Chiefs
21h15 / ESPN

ARTIGO | The Economist

Protesto contra o passaporte de vacina em Paris, na França: países ainda enfrentam obstáculos tecnológicos e g

Os países do mundo precisam entrar em acordo e criar padrões para certificados de imunização

O caos dos passaportes da vacina

Muitos países não exigiam passaportes para a entrada de estrangeiros antes da 1.ª Guerra. Mas, conforme o conflito se espalhou, Estados se apressaram em adotar documentos de viagens para ajudar a manter a segurança de suas fronteiras. Portanto, após o armistício, acumulou-se uma variedade desconcertante de informações a respeito de diferentes nacionalidades, que provocavam mais caos do que clareza nos postos de controle fronteiriço. Mas retornar a um mundo em que as pessoas podiam viajar livremente pelas fronteiras se tornou inimaginável.

Em 1920, a Liga das Nações entrou em ação e projetou um livreto de 32 páginas, com o nome do país na capa e informações pessoais básicas, como local e data de nascimento. Alguns governos reclamaram. A França achava o livreto caro demais para imprimir em comparação ao cartão de frente e verso que utilizava – e levou alguns anos para eles se adaptarem. Hoje, porém, todos os passaportes seguem o mesmo modelo. Seja em Heathrow, no Reino Unido, ou no Aeroporto Internacional Moshoeshoe I, em Lesoto, autoridades são capazes de olhar para um passaporte e ter uma boa noção a respeito de que privilégios desfruta o portador do documento.

Falta de regras
Os passaportes de vacina existentes, sem um padrão internacional, complicaram o embarque nos aeroportos

Durante a pandemia, um processo similar ocorre. Estados se apressaram para criar passaportes de vacinas para impedir o vírus de atravessar fronteiras – ou as portas de um restaurante ou de uma academia de ginástica. Com frequência as pessoas têm de provar que foram vacinadas, que testaram negativo recentemente ou que tiveram covid e se recuperaram.

Desta vez, os governos não estão sozinhos. A tecnologia abriu as portas para empresas, como IBM e Microsoft, associações de indústria, como a Associação Internacional de Transportes Aéreos, e ONGs, como o Fórum Econômico Global. Três estudantes da Universidade de Ciências Aplicadas da Alta Áustria passaram o verão varando noites para desenvolver um passe que funcione em toda a União Europeia. Eles não têm dinheiro para investir muito em marketing, mas seu aplicativo, o GreenPass, foi baixado 100 mil vezes.

Como durante a 1.ª Guerra, a urgência fabricou coordenação. A Índia, que ministrou mais de 1 bilhão de doses de vacina, tem o certificado "CoWIN", que carrega um QR code, informações de identidade e, confusamente, uma foto não do portador do documento, mas do primeiro-ministro, Narendra Modi. Na Inglaterra, as pessoas podem escolher entre um QR code no aplicativo ou site do Serviço Nacional de Saúde (NHS) ou uma carta de certificação de seus médicos. Nos EUA, onde o presidente Joe Biden prometeu não criar um banco de dados nacional de vacinação, muitos passes de saúde diferentes, estatais e privados, estão em uso.

BAGUNÇA. O problema é que esses passes não são interoperáveis. A maioria parece igual: um QR code num smartphone ou num pedaço de papel. Mesmo assim, até escanear os códigos pode ser problemático. Diferentes aplicativos de verificação leem diferentes tipos de passes. Uma vez escaneados, os códigos oferecem informações que variam, dependendo do sistema de saúde nacional ou local ou regras de privacidade.

Alguns passaportes de vacina, como o CommonPass, usado em partes dos EUA, compartilham dados relativos a status de vacinação. Outros, como o lançado pelo NHS, mostram apenas um símbolo, uma caixa marcada com um tique ou uma cruz. E as regras não foram combinadas. Durante a elevação no número de infecções, este mês, Israel revogou seu "passe verde" para 2 milhões de pessoas que ainda não haviam recebido doses de reforço.

Os custos administrativos, comerciais e até psicológicos são óbvios nos aeroportos. O número de viajantes caiu entre 85% e 90%, mas, ainda assim, a chegada ao portão de embarque virou uma corrida de obstáculos mais exigente que nunca. As filas aumentam conforme os passageiros se atrapalham buscando pedaços de papel e QR codes. Autoridades se esforçam para se atualizar em relação a quais vacinas foram aprovadas por reguladores estatais e qual a validade de cada resultado de teste nos diferentes destinos. Conforme define Corneel Koster, diretor para clientes e operações da empresa aérea Virgin Atlantic: "A situação está meio selvagem".

PADRÃO. Passou da hora de padronizar. Ainda assim, desenvolver um passe digital de saúde é mais complicado do que desenvolver um documento de viagem. Passaportes podem revelar idades, mas passes de vacina são portas de entrada para informações pessoais de saúde. Isso assusta as pessoas.

Mesmo entre países com índices de vacinação relativamente altos, o apoio aos passapor- →

Com passaporte da vacina, cruzeiros voltam ao Brasil

GONZALO FUENTES/REUTERS – 4/9/2021

eopolíticos para adotar um certificado internacional de imunização

tes de vacinação ainda varia, de 52% na Hungria, a 84% no Reino Unido. Na Índia, as pessoas estão acostumadas a compartilhar impressões digitais e escaneamentos de íris, como parte do sistema de identificação biométrica Aadhaar. Ainda assim, muita gente, como a editora executiva Debjani Mazumder, se preocupa com a possibilidade de farmacêuticas e seguradoras terem acesso aos seus registros de saúde. "Sinto-me como uma cobaia", afirma Mazumder.

Em teoria, a tecnologia digital deveria facilitar a verificação de status de vacinação. Em razão de muitos aplicativos de verificação não conseguirem reconhecer todos os QR codes existentes, porém, muitos verificadores se valem de uma abordagem que Edgar Whitley, da London School of Economics, chama de "flash-and-go", simplesmente registrando essas imagens. Assim, um mercado clandestino está prosperando.

Oded Vanunu, da Check Point Software Technologies, uma empresa de cibersegurança, fingiu-se de consumidor e conseguiu comprar falsos certificados de vacinação franceses por € 75 (US$ 87), russos por 9,5 mil rublos (US$ 134) e alternativas válidas em Cingapura por € 250, na dark web e no Telegram, um aplicativo de mensagens. Esses embustes cumprem sua função, mas fracassariam se fossem escaneados adequadamente.

Quando agentes de empresas aéreas, empregadores e funcionários de bares escaneiam QR codes, eles checam duas coisas: a confirmação de que os portadores estão vacinados ou testados contra covid e uma assinatura digital provando que a informação vem de um emissor confiável. A uniformidade entre os passes digitais de saúde requereria um amplo acordo a respeito de qual informação exata de saúde incluir – e como qualificá-la e empacotá-la.

Obstáculos

O mais difícil é criar um sistema de checagem de assinaturas digitais de autoridades de saúde

Isso deveria ser relativamente fácil. Em agosto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou um guia com as recomendações mínimas de dados para um certificado. O nome e a data de nascimento do portador, mais a marca e o número do lote da vacina são considerados necessários. Identificar quem ministrou a inoculação – o que vem incluído em alguns passes –, não.

O mais complicado é criar um sistema unificado de checagem de assinaturas digitais de autoridades de saúde. Criar um repositório de todas as assinaturas confiáveis é uma tarefa cara e carregada de tensão política. Países com sistemas nacionais de saúde pública, como o Reino Unido, possuem apenas um emissor. Mas, nos EUA, há cerca de 300, incluindo governos estaduais, hospitais e farmácias.

CONFIANÇA. Sem uma maneira confiável de verificar certificados internacionalmente, até a mais avançada tecnologia falha. George Connolly, diretor da OneLedger, a firma que desenvolveu o OnePass, um passaporte de vacinação com base em blockchain. Ele diz que o aplicativo acessa dados de apenas cerca de 20 jurisdições.

Então, ele faz com que firmas terceirizadas obtenham passes de saúde de outros lugares, telefonando e mandando e-mails para autoridades sanitárias. Dakota Gruener, diretora da id2020, uma parceria público-privada com foco em identificação digital, virou os olhos. "Uma blockchain não é necessária", afirma. "A blockchain é apenas uma distração."

Os avessos à tecnologia têm motivos para se orgulhar. Conforme diz Albert Fox Cahn, do Surveillance Technology Oversight Project, um grupo de defesa de direitos, "há tanto dinheiro sendo gasto para instalar essas lindas e brilhantes novas cercas de metal em torno de nossa sociedade, ao mesmo tempo em que as cercas de madeira ainda cumprem bem sua função."

Pedaços de papel assinados por médicos, como o "cartão amarelo" da OMS, têm sido suficientes para registrar imunizações há décadas. Eles são mais inclusivos globalmente, dado que muita gente em países pobres não tem smartphones. A julgar pelos preços do mercado clandestino, os passes de papel não seriam tão mais fáceis de falsificar. Falsificações de certificados de vacina em papel supostamente emitidos pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA saem por US$ 150 no Telegram, mais caro do que algumas alternativas digitais.

ATRIBUIÇÃO. O maior impedimento para passaportes de vacina não é a tecnologia, mas a geopolítica. Seria necessário uma organização sofisticada em termos de saúde, tecnologia e diplomacia, para fazer os países concordarem com padrões globais. Isso parece uma função óbvia da OMS. Enroscada na rivalidade entre EUA e China, porém, a organização tem sido atacada por todos os lados em razão da maneira com que tem lidado com a pandemia. A respeito dos passes digitais, a OMS se atrapalhou. Mesmo tendo publicado extensos documentos descrevendo como os passaportes de vacina deveriam ser projetados, a entidade insiste que provas de vacinação não deveriam ser exigidas de viajantes internacionais enquanto a distribuição de vacinas estiver tão concentrada nos países ricos.

Fundamentalmente, a OMS rejeitou se envolver na validação e verificação dos documentos. Manter um registro de signatários confiáveis requerer uma grande equipe de funcionários. Também exige escolhas políticas, como a respeito de reconhecer signatários como Palestina ou Afeganistão – e quais vacinas são válidas. A OMS também deveria ter de adotar algum tipo de ação quando algum Estado violasse as regras. Carmen Dolea, diretora do Secretariado Internacional para Regulações de Saúde, da OMS, diz que essa tarefa vai além de suas atribuições. "Há questões de responsabilização", afirma.

ANDREW MEDICHINI/AP

Descentralização

Nos EUA, onde Joe Biden prometeu não criar um banco de dados nacional, muitos passes de saúde diferentes estão em uso

O maior empecilho para a implantação global dos passaportes de vacina não é a tecnologia, mas a geopolítica

Pode ser que, das cinzas da pandemia, o mundo vislumbre a criação de um passaporte digital de vacinação confiável e consistente

Ainda assim, mesmo que de maneira destrambelhada, o mundo parece estar convergindo para alguns padrões e tecnologias. Os padrões da UE para certificações digitais relativas à covid, por exemplo, também estão sendo usados na Turquia a na Suíça. Os padrões indianos foram adotados no Sri Lanka e nas Filipinas.

O próximo passo, afirma a OMS, é os países negociarem acordos bilaterais ou regionais. Negociações recentes entre Reino Unido e Índia ilustram quão bagunçado esse processo pode ser. Os britânicos se recusaram a aceitar os certificados indianos CoWIN, em parte porque eles não informam dados de nascimento precisos do portador. Nova Délhi incluiu apenas o ano de nascimento das pessoas, porque muitos indianos não sabem o dia exato em que nasceram.

Uma escalada recíproca em restrições a viajantes manteve famílias afastadas e adiou viagens de negócios por semanas, antes de um acordo ser alcançado este mês. A Índia acrescentou as datas precisas de nascimento no registro, considerando que a maioria das pessoas capazes de pagar por viagens internacionais conhece a data de seu aniversário.

Alguns especialistas ainda se consideram capazes de resolver problemas de má governança com mais tecnologia. Nandan Nilekani, cofundador da Infosys, uma gigante do setor da tecnologia, e força-motriz por trás do sistema indiano Aadhaar, está colocando suas esperanças em "adaptadores" capazes de traduzir diversos tipos de passes entre si.

SOLUÇÕES. Criar os adaptadores corretos seria como encontrar uma maneira de poupar os clientes de terem de carregar cartões American Express, MasterCard e Visa caso as lojas exijam tipos específicos de pagamento. Mas a tecnologia que constrói as pontes entre os passes não resolveria o problema que os emissores teriam em confiar uns nos outros – e os usuários teriam de confiar nos adaptadores que acessarem seus dados de saúde.

Pode ser que, das cinzas da pandemia, o mundo vislumbre um passaporte digital de vacinação consistente para substituir o cartão amarelo. Mas, enquanto a covid ainda estiver matando, disputas em torno de QR codes e assinaturas digitais não passarão de um tema secundário – ou uma distração. Passaportes de vacinação jamais acabarão com o vírus. Somente as vacinas o farão. Mais de três quartos das populações de Dinamarca, Cingapura e Catar estão completamente vacinados, segundo a Universidade Johns Hopkins, enquanto menos de 1% de etíopes e ugandenses estão plenamente inoculados. Algum dia, os passaportes de vacina ajudarão a manter a paz. Neste momento, porém, o mundo deve focar em vencer a guerra. ● TRADUÇÃO DE AUGUSTO CALIL

LAILTON COSTA
PALMAS
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

MARCOS XERENTE

Grupo de brigadistas indígenas atua de forma voluntária para prevenir e combater incêndios florestais em Tocantins

Ambiente

Mulheres indígenas contra o fogo

Tocantins possui a 1ª brigada feminina, com membros do povo Xerente

A rotina de Ana Shelley Barboza Xerente, 31, se divide entre a família – o marido e um casal de filhos –, sua aldeia e seu negócio em Tocantínia (TO), onde faz lanches para vender. Desde agosto, seu dia a dia incorporou uma nova atividade: o voluntariado na brigada para mulheres indígenas do povo Xerente. Ana é integrante do grupo de brigadistas indígenas voluntárias, iniciativa inédita no País para prevenir e combater incêndios florestais.

A ideia da primeira brigada feminina partiu de moradores da aldeia Cachoeirinha. A comunidade sediou, em agosto, curso de formação para 29 mulheres, com apoio da Prefeitura de Tocantínia, do Serviço Florestal Americano e da Fundação Nacional do Índio (Funai). A salgadeira brigadista explica a adesão. "Primeiro, porque amo a natureza. Por que não ajudar a preservar?", conta.

A experiência do marido também pesou. "Meu marido é um brigadista e grande defensor da natureza. É a minha grande inspiração." O marido de Ana é Pedro Paulo Xerente, supervisor do Sistema Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo) nas terras indígenas do Tocantins. Ele destaca a importância do reforço do Esquadrão da Brigada Feminina Xerente, ao citar um combate que se iniciou à tarde e se estendeu até uma hora da madrugada. "A brigada das guerreiras surpreendeu por conseguir acompanhar a equipe masculina por mais de 12 horas, em local acidentado", conta.

Outro resultado animador da participação das brigadistas indígenas aparece nas queimas controladas. Tradicionalmente, o povo Xerente usa o fogo para queimar a vegetação seca após a roçagem para preparar as áreas de plantio. Neste ano, as queimas foram supervisionadas pelas mulheres. "Todas com sucesso. Em nenhuma roça, o fogo pulou e virou incêndio", afirma Pedro Paulo.

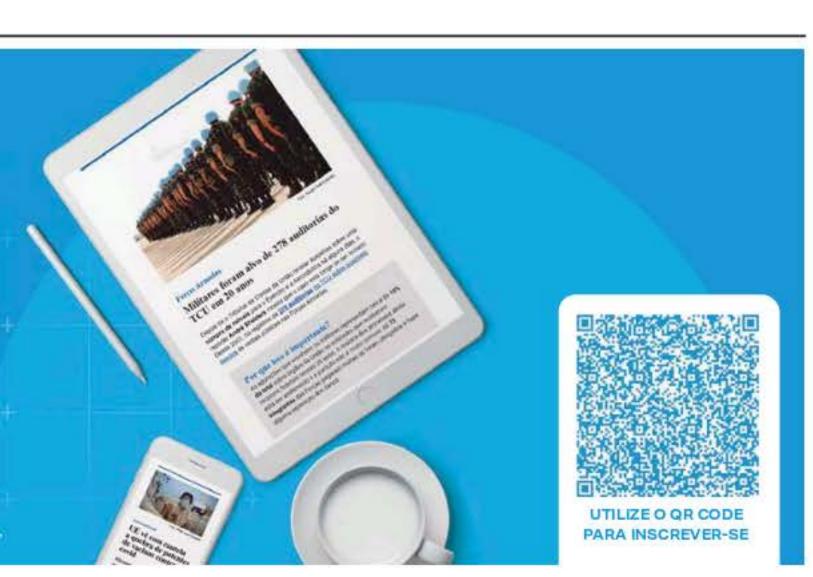
EDUCAÇÃO. Além das ações de combate, o trabalho de educação ambiental, feito em 35 das 96 aldeias, é o que entusiasma a chefe do esquadrão, Vanessa Xerente, de 33 anos, casada e mãe de três filhos, moradora da Aldeia Cachoeira Brejo de Ouro, da qual é vice-cacique. "É um trabalho de que todas nós, brigadistas, estamos gostando. É um aprendizado, pelo contato direto com as pessoas de idade, com jovens e crianças. Nesse trabalho cara a cara, mostramos a realidade e o que acontece com a natureza quando há fogo".

Antes, segundo ela, não havia participação feminina nas ações. Com a recente redução das queimadas, a brigada agora coleta sementes de árvores regionais, como aroeira e bacaba, para produzir um viveiro de mudas. "É o momento de fazer mudas para plantar em áreas degradadas, com a participação da comunidade", diz ela. "É um trabalho que precisaria ocorrer mais no País, com apoio do poder público. Acho que mudaria a opinião das pessoas em relação ao meio ambiente."

Brigada também coleta sementes para produzir um viveiro de mudas

EXPANSÃO. Técnica em agropecuária da Coordenação Regional Araguaia-Tocantins da Funai, Conceição Costa avalia que uma expansão do projeto exigiria recursos para contratar as mulheres de Tocantínia e promover formação semelhante em outras aldeias. No Estado, há oito brigadas indígenas masculinas, com 200 brigadistas, que atendem as terras indígenas Apinajé, Kraolândia, Xerente, Funil e o Parque do Araguaia. Os brigadistas são contratados como servidores federais temporários.

O custeio é pago pelo Ibama. "Infelizmente, não há previsão por parte do Ibama na criação de brigadas femininas", diz Warner Gonçalves Lima, coordenador do Prevfogo/Ibama em Tocantins. ●

DESTAQUE O CADERNO E&N (B1 A B12)

Carreiras Alto escalão

Múltis miram executivos brasileiros

Avanço do trabalho remoto e desvalorização do real, que reduz custos de contratação, ampliam oferta de cargos em empresas e bancos estrangeiros para profissionais brasileiros

MÁRCIA DE CHIARA

A desvalorização do câmbio e o avanço do trabalho remoto ampliaram, nos últimos meses, as contratações de executivos brasileiros por empresas multinacionais, bancos estrangeiros de investimento e fundos de private equity. Essa conjugação de fatores deixou o passe desses profissionais mais barato em dólar e acessível a companhias estrangeiras.

Até agosto deste ano, cresceu 20% o número de admissões de profissionais brasileiros por empresas estrangeiras, de diversos segmentos, em relação a igual período de 2020, segundo levantamento da Page Group, consultoria internacional especializada em recursos humanos.

Na Signium, outra consultoria internacional de recrutamento, esse movimento foi constatado com mais força no setor financeiro, que reúne bancos de investimento e fundos de private equity. Até outubro, as admissões de brasileiros feitas pela consultoria nesse segmento para cargos de alto escalão em instituições estrangeiras com operações locais aumentaram 50% em comparação com igual período de 2020. "Projetamos aumento de 70% para o ano", diz Giovana Cervi, sócia da consultoria.

TRABALHO REMOTO. Segundo Paulo Dias, diretor da Page Executive, braço da consultoria voltado para o alto escalão, o avanço do trabalho remoto trazido pela pandemia impulsionou esse movimento. "O trabalho remoto foi o estopim, atrelado à desvalorização do câmbio." Ele argumenta que se apenas o real estivesse desvalorizado e o trabalho continuasse presencial, seria necessário levar os profissionais para o exterior e talvez a redução de custos não fosse tão significativa para as empresas.

Carlos Altona, sócio da consultoria Exec, líder nacional na contratação de altos executivos, concorda com Dias. "O trabalho remoto que veio com a pandemia potencializou essa possibilidade." Ele observa que o aumento na admissão de brasileiros por empresas estrangeiras sempre foi "natural" toda vez que o câmbio se desvalorizava. Até porque o executivo brasileiro é bem visto no exterior por estar acostumado a gerenciar crises. Mas, desta vez, há o fator extra do home office.

Nas contas de Dias, a desvalorização do câmbio pode representar um acréscimo de até 50% na remuneração em reais dos executivos brasileiros em relação à média de ganhos para funções equivalentes em empresas nacionais.

"A empresa estrangeira economiza porque, se fosse contratar um executivo onde os salários estão inflacionados em dólar, gastaria muito mais para ter um profissional do mesmo nível", diz Dias. Ele calcula uma economia de cerca de 40% em dólar para as empresas. "Essa margem de diferença entre um e outro é base da negociação dos contratos."

Além dos bancos de investimento e fundos, a Signium detectou esse movimento também em empresas globais de tecnologia, na área de bens de consumo mas ligada à transformação digital e no ramo farmacêutico. Os profissionais mais procurados são executivos de tecnologia, vendas, marketing e relações com investidores.

EFEITO DOMINÓ. Essa procura adicional de empresas estrangeiras por altos executivos brasileiros provocou um efeito dominó nas consultorias de recursos humanos, que precisaram aumentar rapidamente as admissões de headhunters para conseguir atender a demanda. Nos últimos meses, tanto a Signium como a Page Executive ampliaram em 20% as contrações de profissionais para ir em busca de executivos no topo da carreira. ●

Demanda em alta

● Negociação
O pacote de benefícios oferecido costuma ser em dólar, convertido em reais no fechamento do contrato de trabalho. Por conta da diferença de câmbio, o executivo brasileiro consegue aumentar sua remuneração final. A empresa, por sua vez, economiza na contratação do profissional em razão da valorização do dólar em relação ao real

● Home office
Além da diferença proporcionada pelo câmbio, esse movimento de empresas e bancos estrangeiros também ganhou força com o avanço do trabalho remoto. Executivos brasileiros comandam, daqui, fábricas em outros países

NEGOCIAÇÃO DE SALÁRIOS CONSIDERA VARIAÇÃO DO DÓLAR. PÁG. B2

Será difícil manter a recuperação da economia

ARTIGO

Claudio Adilson Gonçalez
Economista, diretor da MCM Consultores, foi consultor do Banco Mundial, Subsecretário do Tesouro Nacional e chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda

O ministro Paulo Guedes disse que as revisões para baixo que os economistas vêm fazendo para o crescimento da economia brasileira em 2022 não passavam de conversinhas. Não é bem assim. Na verdade, os ventos contrários à recuperação da atividade, tanto internos quanto externos, crescem de maneira preocupante.

No front doméstico, destacam-se as incertezas fiscais e eleitorais, escancaradas na investida irresponsável do governo contra o teto de gastos, o inevitável aperto monetário que poderá levar a Selic para a casa dos 12%, no primeiro trimestre do ano que vem, o alto nível de endividamento das famílias e a corrosão do poder de compra dos consumidores.

Externamente, como reconheceu o próprio Banco Central, o cenário também se tornou mais desafiador. Os países desenvolvidos estão se defrontando com uma surpreendente escassez de produtos manufaturados, matérias-primas e energia, que deverá forçá-los a endurecerem suas políticas monetárias antes do que era esperado. A redução da liquidez internacional, na atual fase do ciclo econômico brasileiro, seria uma péssima notícia.

Mas a maior preocupação é a possibilidade de redução brusca do crescimento da China. Os

> *Se o negacionismo se estender aos riscos econômicos, poderá provocar danos ao emprego e à renda*

desequilíbrios macroeconômicos do gigante asiático são flagrantes. Os investimentos, que respondem por mais de 40% do PIB, são sustentados por dirigismo estatal, juros subsidiados à custa de sub-remuneração das poupanças privadas e excessos de alavancagens. Isso prenuncia queda de rentabilidade do capital em vários setores e, consequentemente, aumento de inadimplência.

No setor imobiliário residencial há uma profusão de indicadores que demonstram a existência de bolha com risco de estouro iminente. As dificuldades financeiras da empresa chinesa Evergrande, gigante do setor, podem ter sido apenas um primeiro sinal de alerta. Em grandes cidades, como Shangai, Hangzhou, Shenzhen e Beijing, o aluguel médio está em torno de 35% da renda das famílias e o preço do imóvel chega a superar 60 anos de custo de locação. Mas as taxas de desocupação de imóveis já começaram a crescer.

Como o mercado financeiro e de capitais chinês é fechado, um eventual estouro da bolha imobiliária não teria potência para provocar crise financeira internacional da magnitude da que ocorreu após a quebra do Lehman Brothers, em 2008, mas a desaceleração brusca que provocaria no crescimento econômico daquele país seria muito danosa para o Brasil. Afinal, a China é nosso maior parceiro comercial. Haveria queda das exportações brasileiras, aumento da percepção de risco soberano e pressões sobre a taxa de câmbio.

O negacionismo na saúde amplificou o número de vítimas da pandemia. Se se estender aos riscos econômicos, como as manifestações e ações do ministro Guedes sugerem, poderá provocar danos adicionais ao emprego e à renda dos brasileiros.●

Carreiras

Negociação de salários considera variação do dólar

Contratado por múlti americana, executivo brasileiro calcula que recebe, em reais, 30% a mais do que teria em empresa nacional

MÁRCIA DE CHIARA

Em meados de dezembro, o executivo Ricardo Goldenberg tem viagem marcada aos Estados Unidos. Ele vai conhecer pessoalmente seu chefe e sete dos 11 gerentes de fábricas localizadas no Texas e na Califórnia que ele comanda, desde setembro do ano passado, da sua casa, em São Paulo.

Engenheiro, de 45 anos, Goldenberg é vice-presidente e general manager para Sul e Oeste dos Estados Unidos e México da multinacional americana Greif, especializada em embalagens industriais. Ingressou na companhia no ano passado, depois de retornar ao Brasil. Durante nove anos, Goldenberg trabalhou numa indústria concorrente. Destes, quatro em Chicago (EUA) como diretor de operações da divisão global.

Quando começou a pandemia, o executivo teve covid e decidiu pedir a conta e retornar ao País. "Voltei para o Brasil com a família sem ter nada em vista", conta. Nesse recomeço, reativou os contatos profissionais e logo foi sondado pela multinacional para executar trabalho semelhante ao que fazia na antiga empresa. No entanto, a vaga era para um cargo no Texas (EUA).

Com mulher e dois filhos pequenos já readaptados ao Brasil, Goldenberg não estava disposto a voltar a morar nos Estados Unidos. Mas, para sua surpresa, recebeu uma contraposta para exercer a função de forma remota e híbrida, indo presencialmente algumas vezes ao exterior.

'GANHA-GANHA'. O pacote de remuneração oferecido foi em dólar, convertido em reais no fechamento do contrato de trabalho. O executivo calcula que recebe, em reais, 30% acima do que ganharia se estivesse numa empresa nacional em função equivalente. A empresa, por sua vez, economiza na contratação do brasileiro em razão da valorização do dólar em relação ao real. "É um ganha-ganha", afirma o executivo.

Goldenberg é alvo desse movimento recente de multinacionais contratando executivos brasileiros de forma remota, favorecido pela desvalorização do real, para atender a outros países, mas não o Brasil.

Companhias multinacionais também têm preferido contratar brasileiros para prestar serviços no Brasil e remotamente para a América Latina no lugar de expatriar executivos que estão em outros países, como normalmente faziam no passado, explica Paulo Dias, diretor da Page Executive.

"Para a empresa, é muito mais barato do que contratar um executivo europeu ou americano", diz ele. Além disso, a companhia tem à disposição alguém que conhece o mercado local. "Ou seja, empresa e executivo saem ganhando."

Em relação ao países onde está a maior parte de empresas à caça de brasileiros, Dias aponta China, Coreia, Índia, Emirados Árabes, Dubai e países da Europa. "Empresas asiáticas têm procurado executivos brasileiros para atender EUA e México via Brasil."

Em reação ao avanço das companhias estrangeiras no recrutamento de brasileiros, Giovana Cervi, sócia da consultoria Signium, ressalta que algumas empresas nacionais têm oferecido remuneração maior e estão mais agressivas para conseguir reter talentos. ●

WERTHER SANTANA/ESTADÃO

De casa, em São Paulo, Goldenberg comanda fábricas nos Estados Unidos e no México

Cenário externo Ritmo mais lento

Atividade industrial tem nova queda na China

O Índice de Gerentes de Compras (PMI) recuou de 49,6, em setembro, para 49,2 pontos em outubro na China. Foi a segunda queda consecutiva, aumentando as preocupações de analistas sobre o ritmo de crescimento da economia chinesa.●

THOMAS PETER/REUTERS

Cenário externo 2 Ajuda financeira

Argentina fala em negociar 'com firmeza' com FMI

O presidente da Argentina, Alberto Fernández, classificou como "bom" o encontro no sábado com a diretora-gerente do FMI, Kristalina Georgieva, com quem tenta novo pacote de ajuda. Fernández falou em negociar "com firmeza".●

Contas públicas Fôlego curto

Estudo põe em xeque ‘euforia’ com arrecadação

Para a IFI, órgão ligado ao Senado, avanço da receita com impostos não é duradouro, o que pede cautela nos gastos

ADRIANA FERNANDES
BRASÍLIA

Não há motivo para acreditar que a arrecadação do governo vai manter a atual dinâmica de forte crescimento, indica estudo elaborado pela Instituição Fiscal Independente (IFI), que alerta para a necessidade de prudência do Congresso com medidas de aumento permanente de despesas e de corte de receitas.

Os economistas da IFI, órgão do Senado Federal com autonomia para analisar as contas públicas, se debruçaram sobre esse tema num momento em que o aumento nominal da arrecadação, puxado principalmente pela disparada da inflação, tem sido alardeado como justificativa para a redução da carga tributária – como ocorreu no debate sobre o projeto de reforma do Imposto de Renda. Para a IFI, porém, essa mesma inflação vai provocar elevação mais forte dos juros, com impacto direto no PIB do País.

O órgão do Senado calculou a resposta de longo prazo da receita pública a uma variação de 1% do PIB, fenômeno que no jargão econômico é chamado de “elasticidade”.

Hoje, a velocidade de curto prazo do crescimento da arrecadação está em 1,5% para cada 1% do PIB. Ou seja, se a atividade econômica cresce 1%, a arrecadação do governo aumenta num ritmo maior, de 1,5%.

Nos próximos anos, a IFI, no entanto, estima uma “elasticidade” bem menor, com a receita crescendo de forma mais moderada, caindo de 1,5% para 0,9% a cada 1% de variação do PIB. Os dados consideraram dois cenários: quando o crescimento econômico é inferior ao seu potencial e quando a economia está sobreaquecida, operando acima dele.

“Olhando para esse crescimento acelerado de agora, a mensagem é de que não podemos criar novas despesas permanentes achando que esse desempenho da receita vai perdurar”, diz Alessandro Casalecch, um dos autores do trabalho.

Segundo ele, a receita vai voltar a crescer de forma mais moderada, o que exige que novas despesas tenham contrapartidas sólidas do lado das receitas. “O risco é passar a acreditar que a receita vai começar a crescer aceleradamente e tratar o cenário conjuntural como se fosse estrutural”, ressalta.

‘PRESSÃO ARTERIAL’. Casalecch comparou o trabalho feito pela IFI, com uso de modelos estatísticos, à medição da pressão arterial que é usada para avaliar as condições de saúde de uma pessoa. “Não é ideal medir a pressão sanguínea logo em seguida de uma atividade física. Tem de monitorar na atividade física, em repouso e diversas outras ocasiões para tirar uma média”, diz.

Foi o que fez a IFI ao analisar a resposta da arrecadação num prazo mais longo. “Tem de diferenciar os movimentos de curto prazo e os de longo prazo”, diz Rafael Bacciottii, que também trabalhou no estudo, que será publicado hoje e foi antecipado ao **Estadão**. Essas diferenças acontecem por conta das diversas características do sistema tributário e da economia. Os diferentes setores da economia – agricultura, indústria e serviços – estão sujeitos a cargas tributárias diferentes.

Bacciottii conta que a IFI aperfeiçoou a sua metodologia utilizando previsões com horizontes mais longos. A proposta do estudo é qualificar o debate sobre a recuperação da arrecadação neste momento pós-recessão, depois do tombo provocado pelos efeitos da pandemia da covid-19. Os estudos mostram que é preciso um superávit de 1% do PIB para conseguir estabilizar o crescimento atual da dívida pública.

‘EUFORIA’. No Congresso e também no governo, há uma espécie de “euforia” com o incremento forte da arrecadação e os recordes batidos pela Receita Federal (*veja mais abaixo*). O próprio ministro da Economia, Paulo Guedes, tem citado esse desempenho favorável como base para bancar a redução da arrecadação do IR com o projeto aprovado pela Câmara e ainda em tramitação no Senado.

“A melhora fiscal recente é ilusória. No seu DNA, está ali claramente identificada a inflação acelerada. Não é movimento duradouro. Os juros já voltaram a subir, e muito, com aumento da relação dívida e PIB entre agosto e setembro”, diz Felipe Salto, diretor-executivo da IFI, para quem a arrecadação alta ilude. ●

Resposta da arrecadação

● **No curto prazo**
Com a economia operando acima do potencial de crescimento: arrecadação tende a avançar 1,51%;
Se crescer abaixo do potencial: alta de 1,17%

● **No longo prazo**
Economia rodando acima do crescimento potencial: aumento de 0,98%;
Economia abaixo do potencial: 0,92%

● **Estimativa**
Para 2021, a IFI estima uma receita do governo federal de R$ 1,824 trilhão, o que vai representar uma variação de 24%

Evolução no ano

Até setembro, receita soma R$ 1,348 tri, com variação de 31,43%

No ano até setembro, o governo arrecadou R$ 1,348 trilhão, alta nominal de 31,43% em relação a igual período do ano passado. Descontado o efeito da inflação, que ajuda a inflar as receitas recolhidas pela União, a alta real é de 22,30% no período.

Nas contas do Ministério da Economia, o ano fechará com um ganho próximo a R$ 200 bilhões, dos quais cerca de R$ 110 bilhões seriam acréscimo estrutural – a ser observado também nos anos seguintes. Parte disso, viria com aumento na arrecadação com o próprio Imposto de Renda. ●

Cúpula do clima Mobilização

Empresários chegam a Glasgow com intenção de influenciar debates

Depois de pressionar o governo a mudar sua política ambiental, líderes de empresas se envolvem diretamente em conferência da ONU

BRUNO VILLAS BÔAS
RIO

Após pressionar o governo nos últimos meses pedindo protagonismo ao País nas negociações climáticas, o empresariado brasileiro começa hoje uma extensa agenda de reuniões, seminários e apresentação de compromissos na 26.ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP26), em Glasgow, na Escócia. CEOs e executivos da área de sustentabilidade de grandes empresas seguem receosos com a imagem do País, mas dispostos a influenciar decisões e contribuir no debate.

Um dos líderes do movimento empresarial, Walter Schalka, presidente da Suzano (faturamento anual de R$ 30 bilhões), afirma que a COP26 não é um evento corporativo, mas de transformação. "O mais importante é trabalhar para termos metas ambientais mais ambiciosas e de mais curto prazo, além de buscar a forma de financiar isso, o que passa pela criação do mercado de carbono global", afirma ele, que é membro da Coalizão Brasil Clima, Floresta e Agricultura.

O executivo tem a aspiração de influenciar as decisões durante o evento, em contato com chefes de Estado e diplomatas. Ele afirma que são positivas as conversas com o ministro Joaquim Leite (Meio Ambiente), mas cobra um posicionamento sobre o desmatamento ilegal na conferência. "O Brasil precisa assumir posições de reversão da curva de desmatamento, apresentando ações. Sem isso, vai ficar fragilizado."

NEGOCIAÇÃO. Marina Grossi, presidente do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (Cebds), que reúne 80 grupos responsáveis por quase metade do PIB brasileiro, lembra que as empresas implementam, na prática, os acordos que os países fazem, por meio de mudanças em seu modelo de negócio, produtos e serviços. "O sucesso de uma boa negociação tem de ser ouvido também pelas empresas."

As empresas que desembarcam em Glasgow também querem mostrar seus compromissos ambientais, apresentar casos bem-sucedidos em sustentabilidade e participar dos muitos eventos programados para as duas semanas de conferência – inclusive, das reuniões laterais que acontecem em hotéis e espaços espalhados pela cidade.

Diretor de desenvolvimento sustentável da Braskem, Jorge Soto diz que a empresa vai levar ao evento seu biopolietileno, produto desenvolvido a partir da cana-de-açúcar. Ele conta que a companhia costuma ser questionada por clientes sobre desmatamento. "Temos códigos de conduta e controle sobre a cadeia de etanol. Independentemente da situação do governo, temos de sempre colocar o que estamos fazendo."

> ***"O mais importante é trabalhar para termos metas ambientais mais ambiciosas e de mais curto prazo."***
> **Walter Schalka**
> Presidente da Suzano

Por fazer parte de um grupo formado pelo governo britânico, chamado Business Leaders da COP26, a Klabin chega ao evento em posição privilegiada. A empresa quer participar ativamente de debates e espera ver, ao fim do encontro, propostas de mudança da matriz energética global. Já a Bayer espera avanços no Artigo 6 do Acordo de Paris e na regulação do mercado do carbono, afirma o diretor de Sustentabilidade para a América Latina, Eduardo Bastos.

A presença empresarial brasileira só não será maior pela dificuldade de credenciamento e estadia. Os organizadores da COP26 esperam receber 25 mil pessoas, mas a cidade tem 15 mil quartos de hotel. O Bradesco, por exemplo, conseguiu uma credencial e seu representante ficou hospedado em Edimburgo, a 1 hora de trem de Glasgow. Em parceria com outros bancos, o Bradesco tem liderado medidas de desenvolvimento sustentável na Amazônia.

Já a Vale enviou três executivos para a COP26, que vão se alternar durante dez dias em 30 eventos previstos, conta Maria Luiza Paiva, diretora de Sustentabilidade. Um dos mais importantes será o evento com o setor siderúrgico, principal cliente da mineradora. "Queremos compartilhar o que estamos fazendo e identificar oportunidades de parcerias." ●

'As empresas também serão cobradas pelos consumidores'

ENTREVISTA

Roberto Marques
CEO da Natura & Co, grupo formado pelas marcas Natura, Avon, The Body Shop e Aesop

CEO da Natura & Co, Roberto Marques afirma que o governo "pode e deve fazer mais", mas que o setor privado também deve assumir responsabilidades e atuar de forma colaborativa.

O empresariado fez cartas pedindo protagonismo ao Brasil na COP. O governo caminha nessa direção?

O governo pode e deve fazer mais. O setor privado também tem responsabilidade de atuar de forma colaborativa com o governo. Temos dois aspectos fundamentais. O primeiro é a regulamentação do mercado de carbono. Não existe clareza, hoje, de como funcionaria esse mercado, como países e empresas seriam compensados por atingimento de metas. O segundo ponto é que existe interdependência da agenda de descarbonização com a reversão de desmatamento e preservação de florestas. Temos condição de ser protagonistas nessa agenda.

Como o País pode apresentar ações sobre o desmatamento ilegal?

Há várias propostas colocadas, como maior investimento no monitoramento desses desmatamentos ilegais. Existem subsídios que precisam ser retirados para atividades que geram desmatamentos. Ao mesmo tempo, é preciso reverter investimentos para atividades e setores que busquem regeneração. É algo absolutamente possível.

O que a empresa vai apresentar de novo na COP?

Temos parceria com a Waterbear, plataforma de streaming de vídeos relacionados ao meio ambiente com credibilidade imensa. Assinamos parcerias com eles em várias geografias do mundo, e a Waterbear vai passar a operar no Brasil. Durante a COP26, vamos fazer o pré-lançamento do primeiro filme com eles, relacionado à Amazônia.

O tema ambiental estará mais presente na eleição de 2022?

O tema do meio ambiente não tem plano B, então, não há como não estar. Inclusive pelo tempo que temos para reverter tendências que não são positivas. Empresas também serão cobradas pelos seus consumidores. É um caminho sem volta. ● B.V.B. e MÔNICA CIARELLI

Todas as novidades foram construídas e pensadas para você, leitor(a) do Estadão!

A FUNDO

Investimento começa com a reserva de emergência

Nova seção: A fundo

A seção ***A Fundo*** mergulha em temas relevantes para o dia a dia dos brasileiros, apresentando discussões importantes com profundidade e clareza. Ela comportará grandes reportagens, perfis, entrevistas, infográficos, ensaios fotográficos e análises.

Nova seção: Para fechar... Uma boa história

Com conteúdos inspiradores e propositivos, a seção traz diariamente boas iniciativas individuais e empresariais, que possam ser multiplicadas Brasil afora.

ECONOMIA & NEGÓCIOS E&N

Secretários de Guedes pedem demissão

Caderno: E&N - Economia & Negócios

Economia & Negócios (E&N) mantém a melhor cobertura econômica do País. Finanças pessoais, carreiras e empreendedorismo ganham destaque. Empresas, tecnologia, startups, inovação, ESG e agronegócios também fazem parte do cardápio.

C2 CULTURA & COMPORTAMENTO

Quando o hambúrguer pede vinho

Novo caderno: C2 - Cultura & Comportamento

C2 trata dos principais temas da área cultural: cinema, literatura, teatro, artes plásticas, TV e streaming. Além de conteúdos de interesse da vida moderna: turismo, gastronomia, moda, comportamento, arquitetura e decoração fazem parte do cardápio.

CULTURA & COMPORTAMENTO

Sextou! Música

'Feliz em encontrar o público novamente'

Nova seção: Sextou!

O ***Sextou!*** está de volta, trazendo roteiros e curadorias de especialistas sobre cinema, bares e restaurantes, teatro, exposições, programação infantil e shows.

BE BEM-ESTAR

Simone Biles

Cabeça de atleta

Novo caderno: Bem-estar

Aborda temas como saúde (prevenção), alimentação saudável e nutrição, exercícios e saúde mental. É um caderno que vai te ajudar a viver de forma mais saudável e feliz.

UM NOVO FORMATO PARA VOCÊ PENSAR AINDA MAIS COM A GENTE!

AINDA NÃO É ASSINANTE? LIGUE: **0800 770 2166**

NOTAS E INFORMAÇÕES

Contas infladas por desajustes

Governo reforça contas com preços em alta e dólar valorizado, mas dívida segue superando as de outros emergentes

Inflação, juros e dólar são as principais pistas para entender a evolução das contas públicas neste ano. De janeiro a setembro o governo central arrecadou R$ 1,37 trilhão. Houve aumento nominal de 35,3% sobre o resultado de um ano antes e ganho real, descontada a inflação ao consumidor, de 25,9%. Ao apresentar seu balanço, autoridades federais costumam atribuir a ampliação da receita ao crescimento econômico, mas a história real é mais complicada e menos brilhante.

Parte da melhora, como se explica nos documentos oficiais, decorre da valorização do dólar e do restabelecimento de tributos suspensos ou diferidos em 2020. Além disso, foram eliminados ou reduzidos gastos extraordinários – como o auxílio emergencial aos pobres – adotados como resposta aos efeitos da pandemia. O acentuado aumento de preços, no atacado e no varejo, ampliou, enfim, a base dos valores tributados. O efeito foi maior do que aquele provocado apenas pela variação dos preços ao consumidor.

O crescimento econômico é, portanto, apenas um dos fatores explicativos do aumento da receita e da redução do déficit primário do poder central. Esse déficit ficou em R$ 82,49 bilhões de janeiro a setembro. O buraco havia chegado a R$ 677,45 bilhões nos meses correspondentes do ano passado, segundo o balanço do Tesouro Nacional. O saldo primário corresponde a receitas menos despesas sem a conta de juros da dívida pública.

Pelo critério do Banco Central (BC), o déficit primário do governo central passou de R$ 677 bilhões naquele período de 2020 para R$ 82,38 bilhões um ano depois. Os cálculos, nesse caso, são baseados nas necessidades de financiamento do setor público. Somando-se os governos de Estados e municípios e as companhias estatais, chega-se a um resultado primário positivo, um superávit de R$ 14,17 bilhões em nove meses. No mesmo período, a conta de juros devidos pelo conjunto atingiu R$ 291,96 bilhões, com aumento de 15,58% em relação ao valor de um ano antes.

Entre 2019 e 2020, no entanto, a conta de juros havia diminuído 11,11%, principalmente por causa da redução da taxa básica pelo BC. Houve em seguida uma inversão de tendência. A causa mais importante foi o encarecimento do crédito como resposta da autoridade monetária à inflação crescente. Com a inclusão dos juros, o saldo geral do setor público – indicado nos documentos oficiais como resultado "nominal" – foi um déficit de R$ 277,79 bilhões entre janeiro e setembro deste ano. Em 12 meses atingiu R$ 404,65 bilhões, soma equivalente a 4,84% do Produto Interno Bruto (PIB). A dívida do governo geral, isto é, dos níveis federal, estadual e municipal, alcançou R$ 6,94 trilhões, 83% do PIB. Essa relação é pouco superior a 60% no conjunto dos países emergentes e de renda média.

Novidade: o *Sumário Executivo* das contas do Tesouro saiu sem a tradicional defesa da disciplina fiscal e do respeito ao teto de gastos. Com o ministro da Economia ajudando o presidente a arrebentar o teto, aquela pregação talvez tenha se tornado inconveniente.●

Distribuição Planos de expansão

Desconhecida, Allied quer ser protagonista no varejo

André Jankavski

A Allied é uma empresa que vende e distribui um a cada 11 celulares no Brasil, e teve um faturamento de R$ 3,2 bilhões no primeiro semestre deste ano. Mesmo assim, ela ainda é uma ilustre desconhecida no Brasil – inclusive, para parte dos investidores da Bolsa, que viram a companhia realizar a sua abertura de capital no começo deste ano no boom de IPOs de 2021. A empresa, no entanto, vem aos poucos mudando esse cenário. O presidente da companhia, Sílvio Stagni, admite que perdeu bastante tempo explicando para analistas de mercado como funcionava a empresa.

"Nas primeiras reuniões que tivemos com fundos e investidores, eu passava duas horas tentando explicar o que fazíamos, mas hoje o cenário está mudando", diz Stagni. O executivo define a empresa, que tem o fundo de private equity Advent como controlador, como uma varejista de tecnologia que tem como diferencial um grande processo de distribuição.

Fundada em 2001 pela família Radomysler, a Allied nasceu como uma distribuidora de aparelhos eletrônicos, mas principalmente de celulares, que começavam a ganhar as prateleiras e se tornar objetos de desejo dos brasileiros. Com isso, ela se transformou na maior distribuidora do setor no País.

Porém, como as margens desse segmento não são altas, a empresa percebeu que não poderia parar por aí. Por isso, nos últimos anos iniciou uma forte incursão pelo varejo, que já representa 50% do lucro, apesar de ter uma fatia de apenas 30% na receita. "Em breve, o varejo representará metade do nosso faturamento", diz Stagni.

Hoje, a Allied é uma das principais vendedoras de eletrônicos no Brasil. Porém, o diferencial da empresa é não apostar em um canal próprio de venda, mas utilizar a marca MobCom para vender nos marketplaces de grandes companhias, como Mercado Livre, Magazine Luiza e B2W, que também são suas clientes no segmento de distribuição. Até mesmo por essa conexão com grandes varejistas, a empresa não pensa em passar a concorrer com seus clientes.

Desde o IPO, feito em 12 de abril deste ano, os papéis da Allied registram uma queda de 8,5% – refletindo o impacto da crise econômica recente em todo o mercado acionário. No mesmo período, o Ibovespa, principal referência da B3, recuou 13%.

Apesar disso, para a analista da corretora XP Larissa Perez, a companhia tem conseguido se transformar bastante nos últimos anos. Prova disso é que ela vê um potencial de valorização de cerca de 50% para os papéis da empresa nos próximos meses. ●

FELIPE RAU/ESTADAO – 20/10/2021

Stagni vê adesão maior de investidores a planos da companhia

ISADORA DUARTE,
CLARICE COUTO E
JULLIANA MARTINS
COLUNA.BROADCASTAGRO@ESTADAO.COM

Coluna do Broadcast Agro

Brandt do Brasil avança em adubos especiais e vai atrás de novos mercados

A Brandt do Brasil, de fertilizantes especiais, espera crescer 20% a 25% neste ano. "Os números mostram demanda firme", justifica Wladimir Chaga, presidente da empresa, lembrando que tecnologia é o recurso do produtor para produzir mais na mesma área. A meta da Brandt para os próximos cinco anos é manter o crescimento de dois dígitos a partir de nova fábrica em Cambé (PR), que deve ser concluída até abril. O investimento na unidade foi de R$ 30 milhões para quadruplicar a capacidade total de produção a 3 milhões de litros por mês. A Brandt tem participação de cerca de 4% no mercado brasileiro, que faturou R$ 10,1 bilhões em 2020. Atua principalmente com soja, café e milho.

Mercados vizinhos à vista

A conclusão da nova planta também vai permitir à Brandt exportar adubos para a América do Sul. O foco será Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia, com aumento previsto de 10% nas vendas em 2022. No mercado interno, buscará mais espaço no Norte/Nordeste.

Desbravando um novo filão

Para 2022, uma outra unidade fabril da Brandt no parque de Cambé estará voltada para a produção de biodefensivos. O projeto deve receber aporte entre R$ 20 milhões e R$ 30 milhões e marcará a entrada da companhia norte-americana na proteção de cultivos. A construção da planta deve começar no 1.º trimestre.

● LUPA. A Bunge superou no programa Parceria Sustentável a meta estabelecida para 2021, de monitorar 35% da soja comprada de fornecedores indiretos do Cerrado. Já chegou a 50% das revendas de grãos e cerealistas da região, conta Roberto Marcon, diretor de Originação. Até 2025, prazo para ter a cadeia global livre de desmatamento, a empresa quer alcançar 100% das compras diretas e indiretas monitoradas em áreas de risco do Cerrado. Das diretas, 8,3 mil fazendas ou 96% da soja está rastreada.

● IN LOCO. O Carrefour Brasil está reforçando seu portfólio de alimentos regionais. A rede firmou parceria com as startups Muda Meu Mundo e Local.e para se conectar com pequenos produtores de frutas, legumes e verduras e de alimentos industrializados locais cadastrados nas plataformas. "Há dois anos, elevamos a busca por produtos regionais e o crescimento das vendas é superior aos demais itens alimentares", diz Arnaud Dusaintpere, diretor comercial das células regionais do Carrefour.

● LEQUE MAIOR. Os pequenos fornecedores que abastecerem a rede terão menor prazo de pagamento, isenção de taxas logísticas e simplificação do contrato. O Carrefour conta hoje com cerca de 9 mil itens regionais de perto de mil fornecedores – número que cresceu 5% em 2020.

● AO COMBATE. Produtores brasileiros dobraram investimentos em inseticidas específicos para a cigarrinha-do-milho nos últimos dois anos, aponta estudo Business Intelligence Panel, da Spark Inteligência Estratégica. De US$ 36 milhões em 2019 (8% do mercado de inseticidas para milho safrinha), passaram a gastar US$ 70 milhões neste ano (14% do segmento). A cigarrinha transmite várias doenças com impactos econômicos relevantes e leva ao surgimento de espigas menores e improdutivas.

● INFESTADA. O cuidado recai sobretudo na área de milho cultivada no inverno. A lavoura tratada com inseticidas próprios para a cigarrinha também cresceu, de 19% do total em 2020 para 35% em 2021. Não à toa, os inseticidas foram a categoria com maior peso nas vendas de agroquímicos para o cereal de inverno neste ano, 36% (US$ 490 milhões) de um mercado de US$ 1,36 bilhão. Na segunda posição ficaram os herbicidas (24% ou US$ 325 milhões), seguidos dos fungicidas (19%) e de produtos de tratamento de sementes (17%).

ADUBANDO, DÁ

BRANDT DO BRASIL

Para nutrir solo e plantas. A Brandt do Brasil possui duas unidades industriais no País, em Olímpia (SP) e Cambé (PR)

GIRO

Juro alto pode inibir busca por crédito para máquinas

EPITÁCIO PESSOA/ESTADÃO-20/4/2011

Produtores tendem a buscar a partir de agora mais crédito a taxas de mercado no Banco do Brasil e BNDES. O motivo é o esgotamento do dinheiro subsidiado para investimento. Pedro Estevão, da Abimaq, alerta, porém, que a alta dos juros, que seguem a Selic, agora em 7,75% ao ano, é um obstáculo.

VEM AÍ

Sem China, Brasil exporta menos carne bovina

CRÉDITO

O Ministério da Economia divulga na quarta os resultados da balança comercial. Eles devem confirmar o "estrago" nas exportações de carne bovina, com a suspensão das compras pela China por causa de casos atípicos de "vaca louca" no Brasil. Até 15 de outubro, os embarques diários caíram 48,68%, de 8.134 t em 2020 para 4.174 t.

BROADCAST MERCADOS

VALORES DE MERCADO REFERENTES AO PREGÃO DE 29/10/2021

Ibovespa: **103.500,71 PTS.** | Dia **-2,09%** | Mês **-6,74%** | Ano **-13,04%**

MAIORES ALTAS DO IBOVESPA

	R$	Var. %	Neg.
MINERVA ON NM	9,77	7,48	29.082
MARFRIG ON NM	26,46	5,17	30.764
JBS ON NM	38,17	4,51	40.821

MAIORES BAIXAS DO IBOVESPA

	R$	Var. %	Neg.
ALPARGATAS PN	38,20	-11,55	27.089
BANCO INTER PN	12,24	-9,06	30.311
BANCO INTER UNT	36,00	-8,88	30.478

TR/TBF/POUPANÇA/POUPANÇA SELIC (%)

	TR	TBF	Poupança	Poupança Selic
26/10 A 26/11	0,0000	0,6289	0,5000	0,3575
27/10 A 27/11	0,0000	0,6384	0,5000	0,3575
28/10 A 28/11	0,0000	0,5938	0,5000	0,3575

	Pontos	Dia%	Mês%	Ano%
NOVA YORK DJIA	35.819,56	0,25	5,84	17,03
FRANKFURT - DAX	15.688,77	-0,05	2,81	14,36
LONDRES - FTSE	7.237,57	-0,16	2,13	12,03
TÓQUIO - NIKKEI	28.892,69	0,25	-1,90	5,28

TESOURO DIRETO (*)

	Vcto.	Ano %	R$
IPCA	15/8/2026	5,55	2.859,51
	15/5/2035	5,49	1.800,47
JUROS SEMESTRAIS	15/8/2030	5,49	3.880,40
PREFIXADO	1º/7/2024	12,32	735,10
	1º/1/2026	12,21	618,77
SELIC	1º/9/2024	0,12	10.048,42

(*)TÍTULOS À VENDA

INFLAÇÃO (%)

Índice	Setembro	Outubro	No ano	12 Meses
INPC (IBGE)	1,20	-	7,21	10,78
IGPM (FGV)	-0,64	0,64	16,74	21,73
IGP-DI (FGV)	0,55	-	15,12	23,43
IPC (FIPE)	1,13	-	7,26	10,52
IPCA (IBGE)	1,16	-	6,90	10,25
CUB (Sinduscon)	0,75	-	14,00	17,08
FIPEZAP-SP (FIPE)	0,20	-	3,10	4,17

Índices de reajuste do aluguel (Novembro)

IGP-M (FGV)	1,2173	IPCA (IBGE)	-
IGP-DI (FGV)	-	INPC (IBGE)	-
IPC-FIPE	-	ICV-DIEESE	-

FATORES VÁLIDOS PARA CONTRATOS CUJO ÚLTIMO REAJUSTE OCORREU HÁ UM ANO. MULTIPLIQUE O VALOR PELO FATOR

INSS - COMPETÊNCIA (OUTUBRO)

Trabalhador assalariado e doméstica*

Salário de contribuição	Alíquota
ATÉ R$ 1.100,00	7,5%
DE 1.100,01 ATÉ R$ 2.203,48	9%
DE R$ 2.203,48 ATÉ R$ 3.305,22	12%
DE R$ 3.305,23 ATÉ R$ 6.433,57	14%

Autônomo (BASE EM R$)	Alíquota	A pagar (R$)
DE 1.100,00 A 6.433,57	20%	DE 220,00 A 1.286,71

VENCIMENTO 1/11. O PORCENTUAL DE MULTA A SER APLICADO FICA LIMITADO A 20%, MAIS TAXA SELIC

CDB - CDI

Data	Taxa ano	Taxa dia	Mês%	Ano%
CDB (21/31)	7,67	0,13	22,72	219,48
CDI	7,65	0,00	24,39	302,63

AGRÍCOLAS - MERCADO FUTURO

	Venc.	Aju.C.	Abe.	Mín.	Máx.	Var.%
AÇÚCAR NY*	MAR/22	19,27	394.367	19,21	19,70	-1,18
CAFÉ NY*	MAR/22	206,65	85.810	201,40	207,15	1,95
SOJA CBOT**	NOV/21	12,36	8.658	12,278	12,420	0,16
MILHO CBOT**	MAR/22	5,763	370.644	5,678	5,770	0,88

(*) EM CENTS POR LIBRA-PESO (**) EM US$ POR BUSHEL

AGRÍCOLAS - MERCADO FÍSICO

	Últ.	Var. (%)	Var. 1 ano(%)
SOJA			
Cepea/esalq, R$/sc 60 kg	168,11	-0,26	1,38
BOI			
Cepea/esalq, R$/@	257,10	1,18	-6,17
MILHO			
Cepea/esalq, R$/sc 60 kg	86,84	-0,06	5,20
CAFÉ			
Cepea/esalq, R$/sc 60 kg	1.256,27	1,32	134,06

MOEDAS E COMMODITIES

	Venda	Dia %	Mês %	Ano %
DÓLAR COMERCIAL	5,6461	0,37	3,67	8,82
DÓLAR TURISMO	5,8100	0,40	3,57	8,86
EURO	6,5270	-0,65	3,46	2,35
OURO	318,500	-1,04	4,77	0,79
WTI US$/BARRIL	83,2800	0,28	10,89	72,85
BRENT US$/BARRIL	83,6200	-0,90	6,75	61,74

	US$ 1/NY	1 Euro/ Europa	1 Libra/ Londres	R$ 1/ Brasil
DÓLAR AMERI	1,000	1,1563	1,3683	0,1774
EURO	0,865	1,0000	1,1835	0,1534
FRANCO SUÍÇO	0,916	1,0590	1,2531	0,1625
LIBRA ESTERLINA	0,731	0,8451	1,0000	0,1296
IENE	114,015	131,8285	156,0030	20,2224

AS MOEDAS NA VERTICAL: VALOR DE COMPRA SOBRE AS DEMAIS / FONTE: IOC

SINAL VERDE
Títulos 'verdes', ligados a causas ambientais, devem somar R$ 100 bi em 4 anos no País

Mercado financeiro Opções de investimento

Renda fixa volta aos holofotes dos investidores

Com a inflação e os juros em alta no País, as aplicações em títulos pós-fixados se tornam mais atrativas e ganham espaço nas carteiras

MURILO BASSO
ESPECIAL PARA O E-INVESTIDOR

Apesar da desaceleração da pandemia da covid-19, as previsões de crescimento da economia brasileira para 2022 não param de cair. Já há instituições, como o Itaú Unibanco, prevendo até mesmo queda do produto interno bruto (PIB) no ano que vem. Os motivos para este cenário são vários, da piora das contas públicas ao câmbio depreciado, passando pela inflação e os juros em alta, um cenário externo complicado e a proximidade das eleições presidenciais.

Diante da economia mais fraca, o investimento na bolsa de valores se torna menos atrativo. As condições ruins de mercado resultam em menor volume de vendas para as empresas, o que gera uma redução de receitas e, consequentemente, lucros menores. E, com a crescente alta da taxa Selic desde o primeiro semestre, as aplicações em renda fixa entraram no radar novamente e devem atrair mais investidores em 2022.

Na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), a taxa básica de juros da economia nacional subiu para a 7,75% ao ano, e deve chegar a 9,25% ao fim de 2021.

"Uma taxa menor de juros facilita o acesso ao crédito, gera consumo e aquece a atividade econômica, gerando PIB. Uma taxa mais elevada deixa o crédito mais caro e as pessoas tendem a consumir menos, fazer menos financiamentos, prejudicando o andamento da economia. Nesse caso, a ideia é reduzir a circulação de dinheiro, o que tende a ajudar a conter o avanço da inflação", diz Vitória Leyne, assessora da PHI Investimentos.

Se a Selic continuar em trajetória de alta, portanto, isso deve refletir positivamente nos investimentos em renda fixa, que costumam entregar rentabilidade menos atrativa do que a renda variável, mas costumam ser mais seguros, até porque a maioria deles é protegida pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC), que garante segurança às aplicações em caso de falência das instituições.

> ***"O nível atual da Selic pode ser considerado bastante atrativo para a renda fixa"***
> **Daniel Alberini**
> CTM Investimentos

ESTRATÉGIA. Sócio-fundador e diretor de gestão da CTM Investimentos, Daniel Alberini ressalta, contudo, que isso não significa que as aplicações em renda variável devam ser deixadas completamente de lado.

No seu bolso

Recomendações para o período de instabilidade

● Tesouro IPCA + (NTN-B Principal)
Título pós-fixado que acompanha a variação da inflação (IPCA) somado a uma taxa prefixada. O investidor do Tesouro IPCA+ está protegido contra as flutuações da inflação, pois o rendimento total será superior a ela

● Tesouro IPCA+ com juros semestrais (NTN-B)
Título pós-fixado cujo rendimento também está atrelado à inflação, somado a uma taxa prefixada no momento de aquisição do título. Assim como ocorre com o NTN-B Principal, o investidor também está protegido contra a variação da inflação. A diferença é que este título paga a rentabilidade a cada seis meses

● Tesouro Selic (LFT)
Título pós-fixado. Atrelada à taxa básica de juros (Selic), é considerada a aplicação com o risco mais baixo do mercado. É um investimento de fácil resgate. Além disso, o investidor pode retirar o dinheiro antes do prazo de vencimento do título sem risco de incorrer em perda de rentabilidade

"Como remuneração de capital de curto prazo e de baixo risco, o atual patamar da Selic pode ser considerado como um nível bastante relevante e atrativo para a renda fixa. Para um olhar de longo prazo de construção de patrimônio, entretanto, alocar parcela dos recursos em investimentos de renda variável continua sendo fundamental para o investidor."

Os títulos de renda fixa são divididos em prefixados e pós-fixados. Com rentabilidade fixa no ato da compra do ativo, os prefixados não sofrem com o sobe e desce do mercado. Isso significa que o investidor saberá exatamente quanto de dinheiro vai ter no dia do resgate. Esse tipo de aplicação é recomendada em uma conjuntura de juros em baixa e que podem cair ainda mais, o que não é o caso atual.

Os títulos pós-fixados, por sua vez, estão atrelados a índices econômicos, como o Índice de Preços ao Consumidor (IPCA) e a própria Selic. Quem opta por aplicações pós-fixadas consegue fazer somente uma previsão sobre remuneração no vencimento do título. Em razão dessa possibilidade de oscilação, são papéis mais recomendados para aplicações de prazos mais curtos, de até um ano.

"O investidor deve se concentrar no pós-fixado, principalmente em razão da acomodação dos patamares de inflação que assolam o mundo tudo. Isso poderá representar níveis de juros mais elevados à frente, o que poderia comprometer o retorno de taxas pré-fixadas", diz Alberini, da CTM Investimentos.

Já Emanuelle Nava Smaniotto, coordenadora do curso de Administração da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), comenta que aplicações híbridas também são atrativas para momentos de incerteza econômica e devem seguir assim em 2022.

OBJETIVOS. Para quem está em dúvida sobre qual título investir, a dica é: entender os objetivos desse investimento, o tempo que você tem disponível para realizá-lo, quando você quer resgatar o dinheiro e, obviamente, qual é a quantia que você quer – e pode – aplicar.

"Procure papéis que tenham garantia do FGC ou os próprios títulos do Tesouro, considerados os ativos com menor risco no mercado. Prefira papéis pós-fixados ou indexados à inflação em momentos de aumento de taxa de juros e prefixados em momento de queda de juros", diz Karen Michels, economista e assessora de investimentos na Manchester Investimentos.

Ainda que o perfil do investidor de renda fixa seja comumente atrelado ao de conservador, de uma pessoa que não gosta de correr riscos, os especialistas ouvidos pelo E-Investidor dizem que esse tipo de aplicação é, na verdade, para todos. "Todos os investidores podem e, me arrisco a dizer, devem ter em sua carteira uma parcela de renda fixa. O que muda entre os perfis de investidor é o porcentual de exposição", diz Michels. ●

Quem é o Casino, controlador do Assaí e do Pão de Açúcar

Temenos Jackeline White* e Enrique O'Reilly**

'Tecnologia tirou os bancos da zona de conforto'

Para executivos da empresa suíça de softwares, serviços financeiros não serão mais exclusividade dos bancos

ENTREVISTA

** Presidente da Temenos nas Américas*
*** Diretor da América Latina e Caribe*

REBECA SOARES

A digitalização dos serviços bancários é refletida em diferentes cenários da economia, desde a compra e venda de produtos e serviços, como a realização de pagamentos e investimentos. Entretanto, para isso acontecer é preciso de tecnologia com segurança para garantir uma experiência bancária mais flexível, informal e personalizada, apelidada de 'tieless' (sem gravata). Segundo pesquisa da Temenos, empresa de software bancário sediada na Suíça, 88,3% dos brasileiros se definem como clientes bancários "totalmente" ou "predominantemente" online. Outro levantamento da companhia, dessa vez feito com executivos de bancos de diferentes nações, mostra que 65% deles acreditam que o modelo tradicional baseado em agências se tornará obsoleto dentro de cinco anos. Esses e outros números são essenciais para observar uma mudança no cenário financeiro, segundo Jacqueline White, presidente da Temenos nas Américas e integrante do Conselho Executivo da companhia. Ela concedeu entrevista junto com Enrique O'Reilly, diretor da América Latina e Caribe da empresa.

A aceitação dos bancos digitais pelo cliente ainda é um desafio?

White - Podemos dizer que tudo está dentro do smartphone e, por conta disso, tanto para as gerações mais novas como para os mais velhos, a relação com banco digital deve ser fácil, personalizada, eficiente e efetiva. É instigante ver o que

TEMENOS

Para Jacqueline White, clientes querem serviços mais ágeis

as pessoas falam sobre bancos no mundo inteiro, especialmente porque o digital está presente em qualquer tópico. Não só os clientes aceitam e são receptivos, como eles estão esperando e demandando.

O'Reilly - O setor bancário tem sido um dos segmentos mais atrasados na digitalização. Vimos o varejo indo para o online, e o entretenimento foi levado para plataformas de

Demora
Setor bancário tem sido um dos mais atrasados na digitalização

streaming, por exemplo. Por outro lado, o sistema bancário estava ainda em uma bolha. Havia uma forte necessidade de ir à agência. Com a pandemia e consequente suspensão de atividades presenciais, o movimento para operações sem contato, digitalizadas e respeitando a conveniência do telefone foi impulsionado através de vários mecanismos.

Com o avanço da vacinação, a pandemia parece caminhar para o fim. Mas o quanto essa crise impulsionou as finanças digitais?

O'Reilly - Podemos dizer que houve um crescimento equivalente a cinco anos em um único ano. Como corporação, fomos muito rápidos para reagir ao novo modelo e permitir que instituições contactassem os clientes para além de um aplicativo móvel, conexão por voz ou chatbots. A pandemia acelerou tendências móveis, diminuiu o uso do dinheiro vivo, impulsionou os pagamentos eletrônicos, as carteiras digitais e inúmeras outras ferramentas. Administramos um modo de como utilizar inteligência artificial para permitir que todos esses processos ocorressem de forma rápida e efetiva.

No Brasil, o PIX afetou diretamente a vida do cidadão. Considerando esse cenário e comparando com outros países, quais diferenças vocês veem entre os mercados latino-americano e norte-americano?

White - Observando os números, vemos que cerca de 80% dos brasileiros estão usando serviços bancários de forma online, isso é uma grande oportunidade para o País como um todo. Existem muitas diferenças de comportamento olhando de uma nação para outra, mas também acredito que as similaridades são maiores. Podemos dizer que, em qualquer lugar, os clientes querem acesso fácil e sem burocracia.

O'Reilly - Decisões como a do BC do Brasil nos ajudam a inovar porque estamos entrando no mercado e todas essas mudanças estão acontecendo em todo lugar, incluindo até as empresas mais tradicionais. Na América Latina, acredito que o modelo seja mais similar a modelos europeus com instituições que tendem a ter padrões mais universais que oferecem conta corrente, conta poupança, hipoteca. Nos EUA, os serviços são mais especializados e direcionados. Não digo que um modelo seja melhor ou pior, apenas diferentes.

Quais são os maiores desafios para digitalização do setor bancário?

White - Definitivamente os bancos tradicionais estão notando todas as novas necessidades e caminhos que as finanças estão trilhando no mundo digital. Tudo isso empurra as instituições mais antigas para fora da zona de conforto.

O'Reilly - Os bancos grandes têm a vantagem de possuir um grande número de clientes e ter capital para investimento em tecnologia. Existe um futuro para eles, mas precisam ser humildes e rápidos para perceber que o serviço de amanhã não é exclusivo deles, mas precisam participar do ecossistema como um todo. ●

Antonio Penteado Mendonça

80 anos do sindicato das seguradoras

O Sindseg-SP (Sindicato das Seguradoras do Estado de São Paulo) foi criado em outubro de 1941, quando recebeu sua carta-patente. De lá para cá, são oito décadas de uma história bonita, rica e positiva para as seguradoras, para o próprio sindicato e para a sociedade.

Sua criação foi a coroação de uma história iniciada em 1923, e que prosseguiu em 1936, quando foi formada a Associação das Seguradoras.

Ao longo de oitenta anos, o sindicato ocupou o seu espaço, esteve à frente de importantes ações do setor, se consolidou, prestou serviços às seguradoras associadas, promoveu treinamento profissional e seminários, representou o setor em momentos críticos, ergueu bandeiras sociais, colaborou com o governo em campanhas de conscientização da população, agiu em conjunto com a Secretaria da Segurança Pública para melhorar a segurança ativa e passiva no Estado de São Paulo e se engajou em movimentos para resgatar as condições urbanas da capital.

Sua história pode ser dividida em dois períodos absolutamente claros e diferentes da história do seguro, o que lhe deu a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento nacional, em todos os momentos relevantes de nosso passado recente.

O primeiro período vai de 1941 até o início da década de 1980, e o segundo prossegue até os dias atuais. Entre as diferenças marcantes, o primeiro período se caracteriza pelo comando absoluto do setor de seguros pelo IRB (Instituto de Resseguros do Brasil), o titular do monopólio do resseguro e verdadeiro xerife do mercado, com poder para impor tarifas obrigatórias, dar os parâmetros de atuação e controlar o funcionamento das seguradoras.

O segundo período se caracteriza pela ascensão da Superintendência de Seguros Privados (Susep), pelo fim das tarifas únicas, pelo fim do monopólio do resseguro, pela mudança do perfil do setor, com os seguros massificados tomando o lugar dos seguros empresariais nos rankings da atividade, a consolidação da previdência complementar aberta, a demanda pelos planos de saúde privados, além do impressionante salto na participação no Produto Interno Bruto (PIB), evoluindo de menos de 1% para 6% nos dias atuais.

Nos dois momentos, o Sindseg-SP sempre esteve presente no dia a dia da atividade, desenvolvendo programas de treinamento e formação de mão de obra, patrocinando seminários e discussões sobre os temas mais relevantes, agindo diretamente em ações de apoio ao uso do cinto de

O Sindseg-SP sempre esteve presente no dia a dia da atividade

segurança, combate aos desmanches clandestinos, combate ao roubo de veículos e de cargas, disseminação da cultura do seguro, parcerias com a Secretaria da Educação, participação em associações como o "Viva o Centro" e em campanhas como o "Maio Amarelo", para reduzir os acidentes de trânsito.

O Sindseg-SP sempre teve nomes de relevo na sua presidência. Assessorados por uma competente diretoria executiva, eles sempre se empenharam em fortalecer o setor de seguros, no Estado e também junto às autoridades federais. ●

SÓCIO DE PENTEADO MENDONÇA E CHAR ADVOCACIA E SECRETÁRIO-GERAL DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS

Publicidade Estratégia

Com rostos da geração Z, marcas tentam rejuvenescer sua imagem

Volvo, BrasilPrev e HStern apostam em influenciadores como Maisa Silva, Rayssa Leal e Rebeca Andrade para se conectar com o consumidor do futuro

WESLEY GONSALVES

De tempos em tempos, marcas já consolidadas precisam renovar sua carteira de clientes. Em busca desse consumidor do futuro, empresas como a Volvo, a Lacoste, a HStern e a BrasilPrev têm apostado em campanhas publicitárias estreladas por personalidades muito jovens, de uma faixa etária que ainda não tem dinheiro para comprar seus produtos.

Pesquisa da consultoria Adventures apontou crescimento de 127% nas buscas sobre a Geração Z na internet no último ano. Dados de 2020 do Bank of America apontam que, em dez anos, pessoas nascidas entre 1995 e 2010 vão compor o grupo mais poderoso de consumidores. "As marcas estão em uma fase educacional, de entender quem são essas pessoas, para serem mais assertivas na hora de se comunicar com esse grupo (*no futuro*)", diz a analista de estratégia da Adventures, Mariana Gomes.

TAUANA SOFIA/ DIVULGAÇÃO HSTERN

Rayssa Leal: fadinha do skate virou estrela de filmes publicitários

De olho nessa mudança geracional, empresas recorrem a nomes como o da atriz e apresentadora Maisa Silva, do ator João Guilherme, filho do cantor Leonardo, e das medalhistas olímpias Rayssa Leal e Rebeca Andrade.

Para o consultor de branding Luciano Deos, da consultoria GAD, é natural que companhias tradicionais passem por um processo de renovação com a ajuda dos influenciadores, mas ele aponta que isso não é suficiente para renovar a clientela. "Algumas marcas acabam ficando datadas, e o desafio maior delas é rejuvenescer seus clientes", diz. "Mas não basta falar com o jovem, é preciso modernizar a oferta para ele."

No setor premium de carros, a Volvo desembarcou no TikTok para preparar o território para os consumidores de carros 100% elétricos e deixar de lado o estigma de "marca de velho". Contratou Maisa e Rebeca como embaixadoras. "Estamos tentando falar com essa geração que vai consumir o nosso produto futuro. Estamos plantando uma semente", diz o diretor de marketing da Volvo, Rafael Ugo.

Sucesso na Olimpíada, Rayssa vem sendo disputada por nomes consolidados do mercado, como a BrasilPrev, braço de previdência privada do Banco do Brasil, e a HStern.

Desafio
Segundo especialistas, não basta só falar com o jovem. É preciso modernizar a oferta de produtos

Já a Lacoste apostou em João Guilherme. Conhecida pelas camisas polo, a marca tenta repaginar o negócio veiculando campanhas nas redes sociais com um elenco mais jovem e diverso e também adaptando o estilo de suas coleções e de suas lojas para o gosto do público jovem. ●

O ESTADO DE S. PAULO SEGUNDA-FEIRA, 1 DE NOVEMBRO DE 2021

C2 Visuais. Vik Muniz abre mostra em São Paulo. **C4 Pesquisa.** Gatos trazem pistas sobre saúde humana

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

C7 Literatura. Obra de Drummond voltará a ser publicada pela Record

TIAGO QUEIROZ /ESTADÃO

C5 Cinema

‘Só acho triste’

Wagner Moura fala sobre o filme ‘Marighella’, que chega após 3 anos

Aplaudido em Berlim, longa marca estreia do ator na direção

Direto da Fonte
Sonia Racy

BLOG

INSTAGRAM

MARCELA PAES
MARCELA.PAES@ESTADAO.COM
PAULA BONELLI
PAULA.BONELLI@ESTADAO.COM
SOFIA PATSCH
SOFIA.PATSCH@ESTADAO.COM

Vik Muniz
Artista plástico

'Agora faço dez fotos para vender uma só'

Prestes a abrir nova exposição em São Paulo, o artista conta que está criando uma galeria de arte dentro da Feira de São Joaquim, em Salvador, na Bahia

FABIO GUIVELDER
ENCONTROS

Vik Muniz se prepara para abrir sua nova exposição *Fotocubismo*, dia 10, na Galeria Nara Roesler – dois meses depois, ele abre a mesma exposição, porém com trabalhos diferentes, em NY. "A coisa bifurcou, uma parte ficou mais figurativa, experimental, que vou mostrar em NY e a outra mais bonitinha, redondinha, que será apresentada em São Paulo", explica.

Prestes a completar 60 anos e construindo uma casa em Salvador, o sagitariano Vik achou na capital baiana o local ideal para seu projeto de democratização da arte, a galeria Lugar Comum. "Estou reformando um espaço dentro da Feira de São Joaquim, onde vou convidar vários artistas para exporem suas obras lá", conta, com bastante empolgação, em conversa via Zoom com a repórter **Sofia Patsch**. A ideia dele é replicar esse modelo em outras capitais do Brasil, e até criar um "cubo branco" móvel. Confira os melhores trechos da conversa a seguir.

Inspirou-se nas obras de grandes artistas, como Pablo Picasso, Georges Braque e Juan Gris para compor sua nova série. Como foi mesclar o Cubismo à fotografia?
O Cubismo é quase a antítese da fotografia. A fotografia liberou a pintura da função de representar a realidade. No momento em que a fotografia começou a ser disseminada, justamente no começo do século XX, houve uma reação do pintor em relação a esse tipo de imagem, que representava a realidade, mas que também era muito discutível.

Fotografia
'Sou artista de parede, não sou artista de página, de tela. Faço coisa pra pendurar com prego'

Como você enxerga essa discussão?
A ideia da pintura era muito mais completa porque ela representava a relação do artista com aquilo que ele estava vendo. O cubista traz uma relação de memória e ângulo, a coisa se mexe. O que você leva daquela experiência é uma imagem distorcida e dinâmica, tem mais a ver com a maneira como se lembra de alguma coisa, do que como você a vê de fato. É portanto exatamente o contrário de uma foto, que representa fielmente o que você está vendo.

A série segue o mesmo padrão de seus últimos trabalhos?
Não é bem uma fotografia, ela é tridimensional, tem três planos, é um objeto fotográfico. Brinco com meu galerista que antes fazia uma foto, trabalhava e vendia essa foto seis vezes, agora faço dez fotos pra vender uma só, porque elas são únicas.

É o artista brasileiro que possui o maior número de obras em coleções permanentes nas mais importantes instituições do mundo. Como se sente com esse prestígio?
É, talvez seja pelo fato de ser fotografia, tem uma capacidade de disseminação maior, o custo não é tão alto quanto uma pintura, comprar uma pintura da Beatriz Milhazes, da Adriana Varejão é relativamente mais caro. E, sei lá, sou velho também (*risos*).

Como avalia seus 60 anos?
Depois que fiz 40 anos nunca mais contei. Não sou uma pessoa estressada, sempre penso coisas numa esfera muito maior do que eu mesmo, isso me livra de ficar tendo problemas pessoais muito graves, ou talvez até me ajuda a resolvê-los. Eu e a Malu (Barretto, sua esposa) estamos construindo uma casa em Salvador, a ideia é passar mais tempo lá.

Por que Salvador?
Eu amo aquela cidade, estou até desenvolvendo um projeto de arte dentro da Feira de São Joaquim. Aquele lugar é um bombardeio sensorial, aluguei uma lojinha e estou reformando para ficar igual a Prada, com vitrine de vidro, chão de epóxi, aquela coisa perfeita, chiquérrima.

Então está construindo uma galeria de arte dentro da Feira de São Joaquim?
Sim, ela vai se chamar *Lugar Comum*, a previsão é de que fique pronta em dezembro, a ideia é inaugurar com obra do Ernesto Neto. Mencionei o projeto com vários artistas, entre eles o Olafur (Eliasson), que super se interessou. Vamos começar em Salvador, mas a ideia é replicar o modelo em outras capitais e até criar uma galeria móvel e colocar no meio da Feira de Caruaru ou no Capão Redondo, quem sabe. ●

Crônicas de SP*

Gilberto Amendola

O baixinho do bar

Senti um frio na barriga ao entrar no bar. Depois de tanto tempo, eu estava regressando ao balcão das mil e uma noites. Ainda sem saber direito como agir, tirei minha máscara e perguntei: e o Baixinho?

O garçom era uma instituição daquele lugar, uma lenda que nos foi arrancada pela maldita pandemia.

Sem o Baixinho, aquele espaço era só um bar. E ninguém se interessa por um bar sem alma. Nós, os clientes, estávamos órfãos daquela figura radiante, piadista, malandra e pouco recatada. O Baixinho era o nosso terapeuta não licenciado. Com suas sábias palavras e conselhos, como "vai ser ferrar, maninho" (o "ferrar" entra aqui para substituir uma palavra muito mais eloquente), ele salvou muitos casamentos, empregos e vidas.

Ele era a nossa Sherazade, o nosso Buda, o nosso Shiva, o nosso Noam Chomsky do salaminho temperado.

Com minha long neck nas mãos e máscara pendurada em uma orelha, me toquei que quase nada sabia da vida do Baixinho. Ele era o "Baixinho do Bar", alguém que eu deixava uma caixinha melhor nos finais de ano e azucrinava quando o time dele perdia.

O Baixinho era aquele alívio cômico no fim do dia. Alguém que sempre sacava uma pérola inesperada para amenizar nossas cabeçadas e frustrações. O

> *Sem o Baixinho, aquele espaço era só um bar. E ninguém se interessa por um bar sem alma.*

Baixinho era aquele que a gente achou que sempre estaria aqui – como parte do elenco de apoio de uma comédia de bêbados e falastrões.

Nunca soube onde o Baixinho morava, se tinha filhos ou se guardava algum sonho de infância. Nunca percebi se ele, alguma vez, ficou magoado com alguma brincadeira mais pesada. Deve ter ficado.

O nome do "Baixinho"? Bom, nunca ninguém viu o RG, mas é consenso no bar que ele se chamava Altair. Mas pode não ser.

Neste bar, somos um bando de egoístas saudosos do bem-estar e do entretenimento que o Baixinho nos proporcionava. Puxei um brinde para o nosso amigo pouco conhecido, nosso amigo quase imaginário.

Deixei todo mundo triste com a constatação da nossa superficialidade. Terminei minha long neck, empurrei umas notas no balcão e fui embora.

No caminho, pensei em todos os "baixinhos" que a pandemia levou. O zelador gente fina do meu prédio; o dono da banca que guardava meu jornal de domingo; o barbeiro que nunca acertou meu corte de cabelo...

Todos eles fazem falta. E eu nunca conheci de verdade nenhum deles. Sou incapaz de lembrar um nome. Essa pandemia ainda precisa servir pra mudar certas coisas na gente... ●

É REPÓRTER DO 'ESTADÃO' E OBSERVADOR DA VIDA URBANA

SEG. Pedro Venceslau, Simião Castro e Gilberto Amendola ● **TER.** Patrícia Ferraz ● **QUA.** Leandro Karnal, Roberto DaMatta e Maria Fernanda Rodrigues ● **QUI.** Luis Fernando Verissimo, Luciana Garbin **(quinzenal)**, Patrícia Ferraz ● **SEX.** Marcelo Rubens Paiva **(quinzenal)**, Gilberto Amendola ● **SAB.** Sérgio Augusto **(quinzenal)**, Alice Ferraz, Suzana Barelli, Renata Simões (quinzenal) e Daniel Martins de Barros (quinzenal) ● **DOM.** Leandro Karnal, Luis Fernando Verissimo, Sérgio Augusto **(Aliás, quinzenal)**, Milton Hatoum (mensal) e Ignácio de Loyola Brandão (quinzenal)

Ciência *Genoma felino*

Pesquisadores concluem que gatos trazem pistas sobre saúde humana

ENTREVISTA

Leslie Lyons
Veterinária
Wes Warren
Especialista em gatos

JAMES GORMAN
THE NEW YORK TIMES

Leslie Lyons é veterinária e especialista em genética felina. Ela também é dona e partidária dos gatos, além de ser conhecida por provocar seus colegas que estudam genética canina com o popular ditado que diz: "Gatos mandam. Cachorros babam".

Esse não foi o caso com o financiamento da pesquisa e a atenção à genética das doenças em cães e gatos, em parte porque o número de raças de cães oferece uma variedade em termos de doenças genéticas e talvez por causa do favorecimento em relação aos cães. Mas Lyons, uma professora da Universidade de Missouri, diz que há muitas razões pelas quais os gatos e suas doenças são modelos inestimáveis para doenças humanas. Ela assumiu a causa da ciência dos gatos este mês em um artigo na revista *Trends in Genetics*.

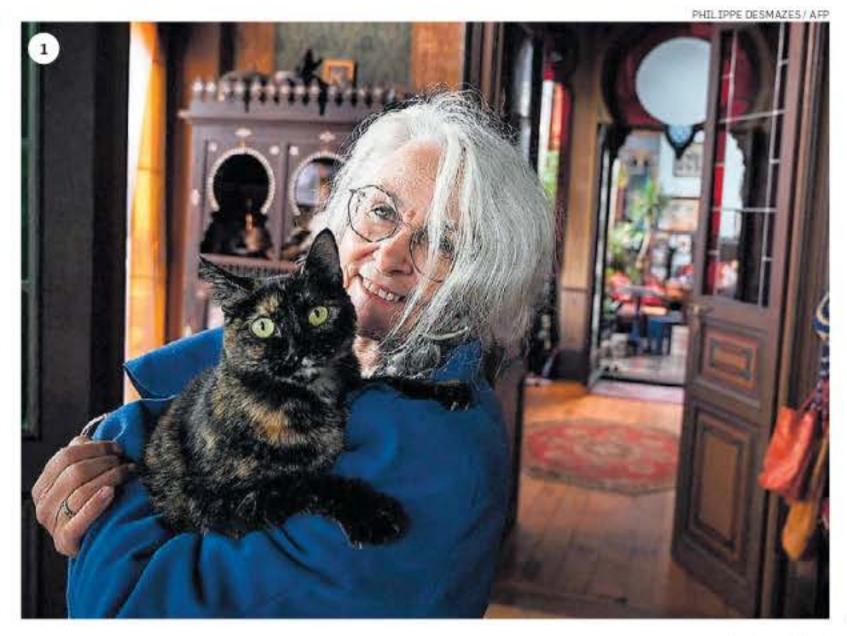
"As pessoas tendem a amá-los ou odiá-los, e os gatos geralmente são subestimados pela comunidade científica", escreve. Mas, segundo ela, de algumas formas, a organização do genoma felino é muito parecida com a do genoma humano, e a genômica do gato poderia ajudar na compreensão da vasta quantidade de DNA de mamíferos que não constitui genes e é mal compreendida.

Entre os avanços da medicina veterinária que beneficiaram os humanos, ela destacou que o remdesivir, uma droga importante no combate à covid-19 foi primeiramente utilizada com sucesso contra uma doença em gatos causada por outro coronavírus.

Lyons é a diretora da 99 Lives Cat Genome Sequencing Initiative e, como parte desse projeto, ela e um grupo de colegas, incluindo Wes Warren, da Universidade de Missouri, e William Murphy, da Universidade Texas A&M, produziram o genoma mais detalhado do gato até o momento, superando o genoma do cão. "Até o momento", disse.

Entrevistei Lyons, Warren e Murphy, que se autodenominam Team Feline. Lyons, do Texas, falou com dois colegas sobre os motivos de os genomas felinos serem importantes para o conhecimento médico.

Escrevo sobre zootecnia e, com o passar dos anos, admiti para os membros do Team Feline, que escrevi mais sobre cães do que sobre gatos.

PHILIPPE DESMAZES / AFP

RAMON ESPINOSA/AP

1. Christiane Guichard, proprietária da vila histórica Casamaures, em Grenoble, na França, e seu gato

2. Lachi e Adiel González se divertem com a tranquila gata Zaida, em sua casa na cidade de Havana, em Cuba

Aprendizado
"Animais domésticos têm as mesmas doenças que nós e podem fornecer dados importantes"

Primeiro, suas preferências pessoais:
William Murphy: Eu tenho gatos e cachorros, mas prefiro gatos.
Wes Warren: Tenho um cachorro. Infelizmente, sou alérgico a gatos.
Leslie Lyons: Ele tem um cachorro muito caro que vive com problemas.

O que te motivou a escrever o artigo promovendo a causa da ciência felina?
Lyons: Ao longo da minha carreira, tenho tentado fazer as pessoas reconhecerem que nossos animais domésticos têm as mesmas doenças que nós e podem fornecer informações importantes se conseguirmos entender o que faz com que funcionem um pouco melhor, e como seus genomas são construídos.

Existem genomas de alta qualidade de várias espécies de gatos, além do gato doméstico?
Lyons: Já temos os leões e tigres, o gato-leopardo, o gato-do-mato-grande, meia dúzia de espécies com genomas muito bons que são ainda melhores do que os genomas dos cães neste momento.
Murphy: De longe. Na verdade, era de melhor qualidade do que o genoma humano de referência até muito recentemente. O objetivo é ter a enciclopédia completa do DNA do gato, para que possamos entender totalmente a base genética de todas as suas características.

Alergia
"Entendemos agora o gene da alergia. Podemos até eliminá-lo para produzir gatos hipoalergênicos"

Lyons: Por exemplo, o gene da alergia de Wes. Nós entendemos completamente esse gene agora. Podemos até mesmo eliminá-lo do gato para produzir gatos mais hipoalergênicos ou, pelo menos, entender o que provoca melhor a resposta imunológica.

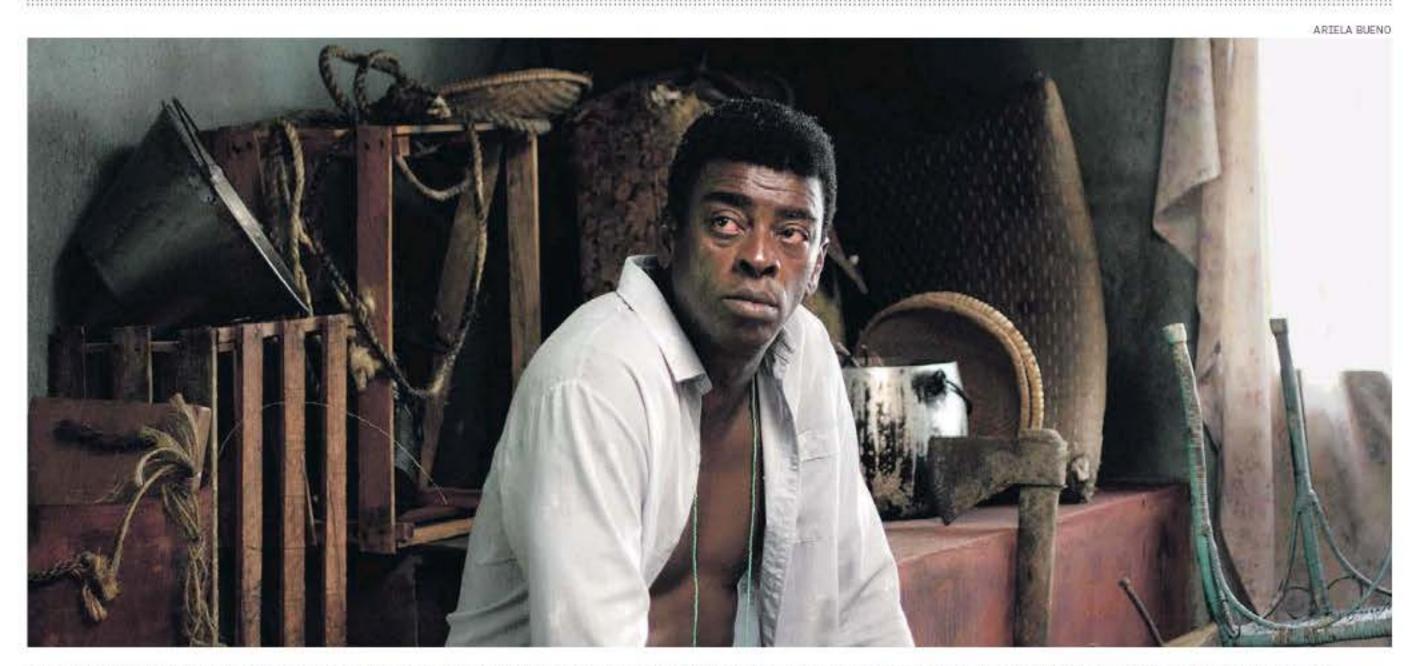
De que forma as doenças dos gatos são um bom modelo para entender as doenças humanas?
Lyons: Estamos descobrindo que espécies diferentes têm problemas de saúde diferentes. Precisamos escolher as espécies certas.
Warren: Sabemos que os cães têm câncer com mais frequência, assim como nós. Os gatos não têm câncer com muita frequência. E essa é uma história fascinante de evolução. Então, existem sinais ou pistas no genoma do gato que nos permitem avaliar melhor por que os gatos têm certos tipos de câncer e entender as diferenças entre cães, gatos e humanos.

E os gatos que fazem parte da pesquisa?
Lyons: A pesquisa genômica é fantástica porque, geralmente, só precisamos de uma amostra de sangue. E uma vez que temos a amostra não precisamos fazer experiências com o animal. Estamos na verdade observando o que os animais já têm. Estamos trabalhando com as doenças que já estão lá.

E as espécies selvagens?
Murphy: Genomas de alta qualidade para gatos selvagens podem ajudar nos planos de sobrevivência de suas espécies e em sua recuperação na natureza.
Lyons: Vemos meia dúzia de problemas de saúde em felinos selvagens. Temos um estudo de carcinoma de células transicionais em gatos pescadores, cegueira hereditária em gatos de pés pretos, doença renal policística em gatos de pallas. Leopardos da neve têm problemas oculares terríveis, provavelmente por causa da endogamia em zoológicos. Portanto, compreender seus genomas pode ajudar a interromper esses problemas nas populações do zoológico, e isso ajudará os humanos com as mesmas condições.

E sobre DNA antigo e gatos? Há muito trabalho sobre o assunto em cachorros. Como isso está progredindo nos gatos?
Lyons: Alguns grupos estão avançando com o DNA antigo. Trabalhei com alguns gatos mumificados e mostramos que os tipos de DNA mitocondrial que encontramos estão mais comumente presentes em gatos egípcios hoje do que em qualquer outro lugar. Portanto, os gatos dos faraós são os gatos dos egípcios de hoje.

Sempre gostei de cachorros, mas penso em ter um gato. Alguma dica?
Lyons: Tenha dois. Eles serão companheiros. E dê algo para eles arranharem. Do contrário, será o seu sofá. ● TRADUÇÃO LÍVIA BUELONI GONÇALVES

ARIELA BUENO

Seu Jorge vive Marighella, político que se transformou em guerrilheiro e que chegou a ser chamado de inimigo "número um" do regime militar, sendo morto em 1969

Cinema *Estreia*

'Eu não queria fazer panfleto político', diz Wagner Moura

Em 'Marighella', sua estreia como diretor, ator garante ter interesse em histórias de pessoas e seus conflitos

MARIANE MORISAWA
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Wagner Moura sabe o que é polêmica. Seu Capitão Nascimento de *Tropa de Elite*, dirigido por José Padilha, foi alvo de debates, discussões acaloradas, artigos inflamados. "Isso é bom. É democrático", disse ele, em entrevista ao **Estadão**, em um hotel em São Paulo. "Mas, naquela época, ninguém tentou embargar o filme."

Com *Marighella*, seu primeiro longa-metragem como diretor, que finalmente chega ao Brasil dois anos e nove meses depois de sua première mundial no Festival de Berlim, foi diferente. "Dirigir foi muito prazeroso", afirmou, sobre o filme que tem pré-estreia a partir desta segunda, 1º, e lançamento oficial na quinta, 4. "O mais difícil foi enfrentar o extracampo, o fascismo, os ataques, a violência, a falta de grana. Nunca a gente teve paz. Hoje, estão dando nota baixa no IMDb sem ter visto. Não para. É o governo federal atacando."

O filme sobre Carlos Marighella, que pegou em armas para resistir à ditadura militar, teve negados vários pedidos de comercialização junto à Ancine. A pandemia contribuiu ainda mais para o atraso de seu lançamento. Mas as pré-estreias em Fortaleza, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo na semana passada deixaram Wagner Moura cansado, porém energizado a brigar pelo que fez. "Não tenho medo. Só acho triste", disse. "Por um tempo fiquei pensando: 'Caramba, fiz um filme polêmico'. Mas hoje tenho consciência absoluta de que toda essa história tem mais a ver com o tempo que vivemos do que com o filme."

Wagner Moura tinha vontade de dirigir, mas não imaginava que seria algo da magnitude de *Marighella*, uma produção cheia de cenas de ação, mas que abre espaço para os momentos de dúvida, de contestação, de leveza, de humanidade. "Eu me interesso pelas pessoas. Todos os personagens, todos os guerrilheiros, estão vivos na tela, são pessoas com conflitos", disse. "Se não, viraria vetor de um panfleto político. E quem quer ver isso? Eu não quero."

HINO. O ator e diretor nasceu em 1976, no meio da ditadura militar e após o assassinato de Marighella pelas forças de repressão da ditadura, em 4 de novembro de 1969. Ele se lembra de cantar o *Hino à Bandeira* diariamente na escola, com o professor chamando o golpe de 1964 de revolução, como em uma cena do filme. "Éramos adestrados nessa narrativa", disse. Seu pai, militar, não era muito politizado. Seu interesse por política foi chegando aos poucos. Hoje, militante pelos direitos humanos, especialmente contra o trabalho escravo, lembra-se de presenciar situações de escravização constantemente, em Rodelas, na Bahia, onde nasceu. "Eu achava que aquilo era normal", contou. "Quando você vai crescendo, vai repensando as coisas. E aí vai dando raiva. Muito da militância vem da raiva, porque nosso País é injusto, desigual."

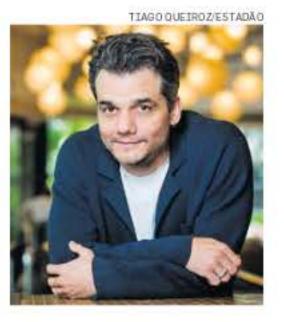
Foi então que Moura começou a se interessar pelas pessoas que resistiram ou se rebelaram. Por exemplo, Carlos Marighella, baiano como ele e avô de sua amiga Maria Marighella. Foi ela quem lhe mostrou o livro *Marighella: O Guerrilheiro que Incendiou o Mundo*, de Mário Magalhães. Na hora, ele soube que queria ver o longa e produzir. Acabou dirigindo também. "O filme nasce da minha admiração por ele? Claro", disse Moura. "Mas não estou aqui para defendê-lo. Marighella é colocado em xeque o filme inteiro, por todo o mundo, o tempo todo." Em um deles, a sua companheira Clara (Adriana Esteves) diz que existem outras formas de resistência e que não admite que Marighella fale de luta armada com superioridade moral – Clara resistia à sua maneira. Tinha muita gente que não pegou em arma e mesmo assim foi torturada e morta. O diretor destaca o papel do jornalismo, tão atacado ainda hoje, e que sofria censura na época. "Assista e tire suas conclusões", completou Wagner Moura.

Ator mora hoje em Los Angeles, mas considera a Bahia sua casa

Boa parte do tempo em que ficou na expectativa e na briga para lançar *Marighella* no Brasil, Wagner Moura passou fora do País. Em 2018, ele foi aos Estados Unidos para filmar *Sergio*, a biografia do diplomata brasileiro Sergio Vieira de Mello. Acabou ficando. Mas afirmar que mora hoje em Los Angeles é um passo que o ator e diretor tem dificuldades de dar. "Estou sempre morando onde estou trabalhando", disse ele, que viveu com a família na Colômbia na época de *Narcos*. "Acho bom estar em Los Angeles. Mas, dentro de mim, minha casa é na Bahia."

Em termos de trabalho, não vê tanta diferença em estar em Los Angeles ou em Salvador, especialmente durante a pandemia. "Eu posso conhecer um diretor pessoalmente, e essa conexão pessoal ser mais interessante, mas conversei com tanta gente por zoom e foi tão igual", disse. O que está sendo interessante é a vivência familiar de experimentar outro lugar. "Meus filhos falarem inglês, se virarem, deixarem a casa mais grossa", contou Moura, pai de Bem, Salvador e José, do casamento com a fotógrafa Sandra Delgado.

Houve momentos difíceis. Quando a vereadora Marielle Franco foi assassinada, ele queria estar aqui. Na pandemia, também foi dureza. Wagner Moura costuma ler diariamente todos os jornais brasileiros. "Tive momentos de angústia, vendo a tragédia no Brasil. Aí você vê o presidente falando besteira, hoje, relacionando vacina com aids. Ele tem de responder, porque é um negócio absurdo", disse. "Eu pensava: o que estou fazendo aqui? Se é para ficar em casa, fico na Bahia." Mas, com as fronteiras fechadas, precisou permanecer nos Estados Unidos.

TIAGO QUEIROZ/ESTADÃO

Entre seus planos, está o novo filme de Kleber Mendonça Filho

Quando a produção de séries e filmes foi retomada, ele rodou um filme com os irmãos Russo, de *Os Vingadores*, e uma série para o Apple TV+ chamada *Shining Girls*, ao lado de Elisabeth Moss. Moura pretende um dia se dirigir em um filme, mas o projeto não existe ainda. "Estou muito animado em trabalhar como ator." Em 2022, planeja rodar o novo longa de Kleber Mendonça Filho, no Brasil. "Acho que é uma hora boa de vir", disse. ● M.M.

Horóscopo Quiroga

oscar@quiroga.net

Preserva a alegria

Data estelar: Lua Vazia das 14h01 até 20h12 HB

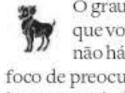
E de repente, acordar com alegria, como se o mundo fosse maravilhoso e todas tuas dores tivessem desaparecido, como essa mágica que sobrevém após uma noite de pesadelo, que faz com que esse se perca nas brumas do esquecimento.

Bem, talvez essa mágica não aconteça, mas te garanto que tu podes preservar a alegria por decisão, a despeito de todos os perrengues que tenhas de administrar.

Preservar a alegria por decisão, por efeito de tua firme vontade e, assim, sem o perceber, começarás a praticar a ciência da despreocupação.

A despreocupação é muito importante, essencial diria Eu, durante todos os períodos de Lua Vazia.

Te despreocupa apesar de tudo e de todos. ●

ÁRIES 21-3 a 20-4

O grau de dificuldade que você experimentar não há de se tornar um foco de preocupação, porque isso apenas indica que seus pés estão no caminho escolhido, e que a cada momento você tem de provar suas habilidades.

TOURO 21-4 a 20-5

Esqueça as obrigações, cuide delas, mas sem consagrar todo seu tempo. Reserve momentos para seu regozijo, para seu prazer, para praticar tudo que sua alma precisa para continuar acreditando que a vida vale a pena.

GÊMEOS 21-5 a 20-6

O que puder ser finalizado, há de ter prioridade neste momento. Porém, isso não é algo que aconteça automaticamente, você precisa despertar e colocar tudo às claras, para definir as verdadeiras prioridades.

CÂNCER 21-6 a 21-7

No meio de todas essas coisas e pessoas que povoam sua rotina se encontra disponível a chance de viver aventuras inusitadas, que proporcionem resultados benéficos. Olhe sua rotina com novos olhos, olhos que buscam.

LEÃO 22-7 a 22-8

Ocupe somente uma parte do tempo aos assuntos materiais, para não se estender tanto nesses que acabem se transformando num foco de preocupação e ansiedade. Nada disso! Há mais vida para viver, tenha isso em mente.

VIRGEM 23-8 a 22-9

Tome as iniciativas pertinentes para que, como resultado delas, você tenha mais acesso à alegria e a um estado de graça peculiar. O bem-estar está disponível, mas ocorre no meio de um cenário complicado e confuso.

LIBRA 23-9 a 22-10

Mesmo que não seja possível você encontrar a companhia certa para compartilhar sua alegria, isso não deve se tornar uma nuvem que obscureça esse estado de graça. Se não houver ninguém para compartilhar, pior para o mundo!

ESCORPIÃO 23-10 a 21-11

Se for possível, reúna as pessoas com que sua alma se sente à vontade, porque transitando por entre elas, você irradiará seu brilho e magnetizará o que pretende resolver. O dia é mágico, não faça por menos.

SAGITÁRIO 2-11 a 21-12

Mantenha a bola no jogo, porque apesar de este não ser seu momento melhor, ainda assim, se a bola estiver em jogo, você vai encontrar formas e estratégias para superar as vicissitudes e seguir em frente.

CAPRICÓRNIO 22-12 a 20-1

No mundo das ideias, tudo é possível, barato e rápido. No mundo do concreto costuma ser tudo o contrário disso. Equilibrar a experiência de vida entre as ideias e a devida realização, essa é a epopeia.

AQUÁRIO 21-1 a 19-2

Alguns riscos são atraentes, porque são o preço a ser pago por satisfações que, de outra maneira, seria impossível experimentar. Tudo tem um preço, sua alma sabe disso, com certeza. Escolha o preço que deseja pagar.

PEIXES 20-2 a 20-3

Bons momentos de compreensão mutua são impagáveis, e muito raros, portanto, quando acontecerem, faça o favor a si de aproveitar o movimento e colocar sobre a mesa os assuntos que, de outra maneira, provocariam conflito.

QUADRINHOS

Minduim Charles M. Schulz

Recruta Zero Mort Walker

Turma da Mônica Maurício de Souza

CRUZADAS & SUDOKU

NA WEB — Jogue as cruzadas estadao.com.br/e/cruzadas | Jogue o sudoku estadao.com.br/e/sudoku

www.coquetel.com.br — © Revistas COQUETEL

Os envolvidos num transplante de órgãos · Registro Geral de Imóveis (sigla) · Possuir determinação do preço · Sacado · A tradução feita ao pé da letra · Peixe ornamental · Sufixo de "vinhedo" · Complexo de (?), termo da Psicanálise · Refeita (a amizade) · Tornar mais firme · Rapidez; eficiência · Sala do responsável pela escola · (?) Pitt, ator dos EUA · Medida agrária · Exame crítico · Apartamento (abrev.) · Rival; inimigo · (?) Monjardim, diretor de TV · Hiato de "coar" · Nosso, em inglês · Que tem asco · Som de risadas · Lido em voz alta e clara · Nova (?), capital indiana · Brancura; alvor · Criança, no Candomblé · Em frente a · (?) poucos: gradualmente · Suspeitar; desconfiar (bras.) · Nome da letra "K" · Treino no Teatro · O nosso é o Brasil · 30 dias · (?) Guardiola, treinador (fut.) · Basta; chega (interj.) · A do luto é preta (BR) · Deus viking que é pai de Thor (Mit.) · (?) de: a respeito de · Pena; piedade · "(?) Vingadores", filme de ação (Cin.) · Grande açude do Nordeste · Componente do sal de cozinha · Vias de eliminação do suor

C O R

BANCO 3/our — pep. 4/brad — odin. 5/acará — delhi — édipo.

Nível Fácil

9				8				5
			1	3	9			
8	7	3				9	1	4
	4		2		8		5	
	5		7		1		8	
5	8	7				3	6	2
			8	6	3			
6				7				9

SOLUÇÕES

QUADRINHOS

O melhor de Calvin Bill Watterson

Frank & Ernest Bob Thaves

BEM PENSADO

“O silêncio é às vezes o que faz mais mal quando a gente sofre”
Florbela Espanca

LÓGICA

Nesta seção, todos os dias, um jogo diferente para você

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

Resolva o passatempo, preenchendo o quadro. Coloque S (Sim) em todas as afirmações e complete com N (Não) os quadrinhos restantes (veja o exemplo). Para isso, use sempre a lógica.

Cursos profissionalizantes

Nélson e duas jovens estão querendo começar a trabalhar. Cada qual está fazendo um curso técnico profissionalizante diferente. Considerando as dicas, descubra o nome de cada jovem, o curso escolhido e sua idade.

1. O(A) jovem de 20 anos está fazendo um curso técnico de Informática.
2. Michelle está fazendo o curso técnico de Contabilidade.
3. Lúcia tem 18 anos.

		Curso técnico			Idade		
		Contabilidade	Enfermagem	Informática	18 anos	19 anos	20 anos
Nome	Lúcia						
	Michelle						
	Nélson						
Idade	18 anos			N			
	19 anos			N			
	20 anos	N	N	S			

Nome	Curso técnico	Idade

5

Solução

Nome	Curso técnico	Idade
Lúcia	Enfermagem	18 anos
Michelle	Contabilidade	19 anos
Nélson	Informática	20 anos

		Contabilidade	Enfermagem	Informática	18 anos	19 anos	20 anos
Nome	Lúcia	N	S	N	S	N	N
	Michelle	S	N	N	N	S	N
	Nélson	N	N	S	N	N	S
Idade	18 anos	N	S	N			
	19 anos	S	N	N			
	20 anos	N	N	S			

Literatura Mercado

Obra de Carlos Drummond volta para editora Record

UBIRATAN BRASIL

O Grupo Editorial Record anunciou neste domingo, 31, que voltou a ter os direitos de publicação da obra de Carlos Drummond de Andrade. A data é significativa, pois se trata do aniversário de 119 anos de nascimento do poeta – ele morreu em 1987. O anúncio foi feito em uma live promovida no canal de YouTube do 1º Festival Literário Internacional de Itabira, o Flitabira, cidade onde nasceu o poeta.

"Havia um vínculo afetivo entre nossa família e a editora Record", comentou, na live, Pedro Augusto Grana Drummond, neto do poeta e um dos responsáveis pelos direitos do autor, ao lado do irmão Maurício. A obra de Drummond foi, durante décadas, publicada pela José Olympio Editora, que completa 90 anos em 2021. Na década de 1980, os direitos foram transferidos para a Record, que logo adquiriu a José Olympio, transformando-a em um de seus selos.

Em 2011, a obra de Drummond se transferiu para a Companhia das Letras, que assinou um contrato de dez anos. Nesse período, foram lançados 54 títulos, incluindo poesia, crônica, diários, antologias e livros infantis. Mas o acordo não foi renovado, por motivos não divulgados.

"Em nenhum momento desse período, houve alguma ruptura com a família de Drummond, pois sempre existiu um relacionamento de confiança", comentou Roberta Machado, diretora comercial do Grupo Editorial Record e neta de Alfredo Machado, fundador da editora. "Comemoramos essa volta do Drummond especial pela amizade com o meu avô. Aliás, juntos eles plantaram uma árvore, em 1984, que simbolizou essa relação fraterna."

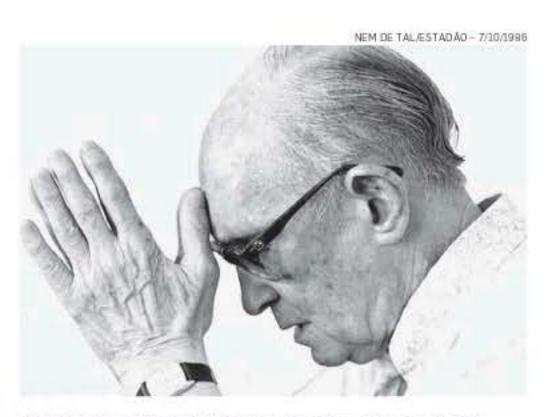
Segundo Roberta, será montado um conselho para definir todos os detalhes da edição da obra, que começa em 2022 quando serão comemorados os 120 anos de nascimento de Drummond e os 80 da Record. "Vamos plantar uma nova árvore para simbolizar esse novo momento", disse.

O conselho será dirigido pelos editores executivos da Record Livia Vianna e Rodrigo Lacerda, também escritor. "Nosso principal desafio será conquistar mais leitores para essa obra, que é eterna", comentou ele, adiantando que será criada uma logomarca para caracterizar os livros. "E será apaixonante esse resgate também por conta dos 90 anos da José Olympio", completou Vianna. "Por isso, vamos lançar edições vintage de livros que foram editados pela JO, resgatando inclusive capas originais", observou Roberta Machado.

Novidades

Livro 'Viola de Bolso' volta a ser publicado ao lado de seleções com crônicas de cinema e de mistério

Entre os primeiros lançamentos, está prevista uma nova edição de *Viola de Bolso*, título há muito esgotado, o que deverá, aliás, nortear também a volta de *As Impurezas do Branco*. "Queremos ainda publicar organizações inéditas, trazendo novos olhares e novos recortes, como seleção de crônicas de cinema ou de mistério", conta Lacerda. Segundo Pedro Drummond, seu avô aprovaria os planos. "Ele ficaria contente por saber que sua obra será trabalhada por especialistas", disse. ●

NEM DE TAL/ESTADÃO – 7/10/1986

Obra do poeta esteve por 10 anos na Companhia das Letras

Radar do streaming

Por Pedro Venceslau

TWITTER

FACEBOOK

AMAZON PRIME VIDEO

Amazon Prime produz novelão sobre Maradona

Há um certo consenso no mundo esportivo fora da Argentina de que Pelé foi o melhor jogador de todos os tempos, mas Maradona é sem dúvida mais cultuado em seu país do que o brasileiro por aqui. Grande aposta da Amazon na reta final de 2021, a série biográfica *Maradona: Conquista de um Sonho*, disponível na plataforma, é um novelão que conta de forma linear a trajetória do jogador. A história começa do começo, no bairro pobre onde ele nasceu, evolui para os principais gramados portenhos, chega à Copa do Mundo que o consagrou e passa pela decadência. Em alguns dos melhores momentos, a produção reproduz jogadas históricas, como o gol de mão contra a Inglaterra em 1986, e nos piores vitimiza o atleta, como se ele fosse vítima do sistema.●

● NA TERRA DO CARTEL

Além da série da Amazon, o astro argentino, que foi amigo de Fidel Castro, protagoniza, ele mesmo, a série documental *Maradona no México*, da Netflix. Nesse caso, a produção aborda uma passagem pouco conhecida da vida do ex-jogador, quando ele dirigiu o Dorados, time da segunda divisão mexicana. Com sete episódios, a produção segue a trajetória errática e conturbada de Maradona no clube que fica em Sinaloa, região conhecida por ser um hub mundial do narcotráfico e berço do capo da cocaína El Chapo Guzman.

● DOCUMENTÁRIO EXALTAÇÃO

O filme mais comovente sobre a vida de Diego Maradona – e também o mais chapa-branca – foi produzido pelo sérvio Emir Kusturica e se chama *Maradona by Kusturica*. Amigo do ex-jogador, o cineasta obteve acesso total ao craque e teve como ponto de partida os mesmos locais da infância que foram reproduzidos no novelão da Amazon. Kusturica fez uma grande homenagem e deixou um documento histórico que é o mais íntimo registro da vida do ex-jogador.

● DEPOIS DAQUELE PÊNALTI

A fórmula da produção da Amazon sobre Maradona é a mesma da série *Divino Baggio*, da Netflix. O ponto de referência foi o pênalti perdido pelo atacante italiano na Copa do Mundo de 1994 diante do Brasil. O clima também é de novela, os atores parecidos e as coreografias dos gols são bem feitas.

● CIDADE LUZ

No momento em que os holofotes do mundo esportivo estão voltados para a ida de Lionel Messi do Barcelona para o PSG, o time francês ganhou um documentário para chamar de seu na Amazon Prime Video. Antes de mais nada, é preciso deixar claro que a série *PSG: Cidade Luz – 50 Anos da Lenda* é, basicamente, um produto promocional do milionário time francês, que inclusive assina a produção. *PSG – Cidade Luz*, da Amazon, flagrou os bastidores da chegada da pandemia. A série documental começa com cenas de dentro dos vestiários, do ônibus do time e mergulha no calor do campo com tintas épicas. Como todo roteiro do gênero esporte, o clima é de superação.

● TEMPO REAL

A série de suspense *Clickbait*, da Netflix, não é baseada em fatos, mas tinha tudo para ser. Imagine um sequestro no qual a vítima é exposta nas redes sociais e o algoz pede cinco milhões de visualizações para matar o sequestrado? *Click-Bait* mostra oito visões distintas sobre o sequestro de Nick Brewer. Ele é o típico homem branco, hétero, sis, pai de família, marido amoroso, filho querido, atleta e profissional bem-sucedido, mas após ser sequestrado é filmado segurando um cartaz onde se lê "eu abuso de mulheres". Esse é o rastilho de pólvora digital que embaça o roteiro.

Teatro Online

Musical recupera importante legado de Brenda Lee em sua luta por direitos

Escrita por Fernanda Maia, 'Brenda Lee e o Palácio das Princesas' conta a história da travesti que se tornou marco nos anos 1980

UBIRATAN BRASIL

ALE CATAN

Elenco foi escolhido por audição online, que escolheu seis atrizes transvestigêneres e um ator cisgênero

Ao final de uma sessão do musical *Lembro Todo Dia de Você*, espetáculo de 2017 que discutia o preconceito contra pessoas com HIV, a dramaturga e diretora musical Fernanda Maia foi procurada por um espectador que, emocionado, a instigou a escrever sobre a vida e o legado de Brenda Lee, travesti que acolhia outras meninas em sua casa em São Paulo no auge da epidemia de aids, nos anos 1980 e 90.

"Eu pouco conhecia sobre seu trabalho mas, ao pesquisar, fiquei obcecada por entender quem era ela", conta Maia, que idealizou *Brenda Lee e o Palácio das Princesas*, musical transmitido diariamente (até dia 12), às 21h, pelo canal no YouTube do Núcleo Experimental, um dos mais importantes grupos teatrais de São Paulo.

Nascida em 1948, em Pernambuco, Brenda Lee foi uma militante transexual que comprou um sobrado no bairro do Bexiga, nos anos 1980, onde acolheu travestis portadoras do vírus HIV quando o pouco conhecimento sobre a epidemia contrastava com o grande preconceito. Logo, a casa ficou conhecida como Palácio das Princesas e atingiu tamanha importância que firmou convênios com a Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo e com o Hospital Emílio Ribas – em conjunto, aprimoraram a forma de atender pacientes soropositivos, independente de gênero, sexo, orientação sexual e etnia.

"Brenda deixou um legado cujos frutos hoje colhemos na consolidação de laços e alianças na luta por direitos básicos de saúde", observa a intérprete de Brenda, Verónica Valentino, uma das seis atrizes transvestigêneres que participam do espetáculo, ao lado de Fabio Redkowicz. Ela ajudou a criar a primeira política pública voltada para pessoas com HIV no Brasil, ao lado de médicos importantes como Jamal Suleiman e Paulo Roberto Teixeira", completa Marina Mathey, que ainda divide a cena com Olivia Lopes, Tyller Antunes, Ambrosia e June Weimar.

> **Referência**
> **Os médicos Paulo Roberto Teixeira e Jamal Suleiman perceberam a importância do trabalho de Brenda**

"Com elas, aprendemos mais sobre as crueldades do mundo, especialmente de preconceito", comenta Zé Henrique de Paula, que assina a direção do espetáculo – as letras de Fernanda Maia têm a melodia de Rafa Miranda.

Os números musicais homenageiam antigas boates da noite paulistana que geravam oportunidade de trabalho para as travestis. "Nesse momento, as moradoras da casa contam suas histórias", conta Maia, que ainda inseriu no texto dados sobre a fundação do Palácio das Princesas, além de incluir dados biográficos de Brenda Lee. "Fazer isso sob forma de musical significa atingir um tipo de público não habituado às histórias da população trans, contribuindo para a diminuição do apartheid social em que nos encontramos."

No auge de seu projeto, Brenda foi assassinada a tiros, em 1996, aos 48 anos. O crime teria sido motivado por um golpe financeiro cometido por um funcionário da casa.